

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura
Período de Análise: 01 a 30 de Abril de 2008.
Área Temática: Biocombustíveis**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	8
Biodiesel	8
Alta da soja prejudica entrega de biodiesel – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008.....	8
Setor pede que mistura vá a 5% "com urgência" – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008.....	9
Agência diz que esperava crise ainda maior – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008.....	9
Etanol	10
Conab pesquisa aproveitamento do bagaço de cana – Sítio Eletrônico da Conab – 10/04/2008.....	10
Terminal público de álcool no porto de Paranaguá está parado há cinco meses – Dimitri do Valle – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/04/2008.....	11
Consumo de álcool supera o de gasolina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	12
Cana invade zona biodiversa do cerrado – Pablo Solano – Folha de São Paulo – Ciência – 12/04/2008.....	12
Efeito sobre a Amazônia é indireto – Folha de São Paulo – Ciência – 12/04/2008.....	13
Desmatamento causado pelas usinas é "insignificante", diz entidade do setor – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	14
Energia renovável e líderes novos – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	15
É "mentira deslavada" que produção de álcool cause inflação, afirma Lula – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	16
Consumo de álcool no país supera o de gasolina, o que não ocorria desde 1995 – Ramona Ordoñez e Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 10/04/2008.....	17
Estímulo à cana no oeste da Bahia - Raquel Salgado – Valor Econômico – Agronegócios - 09/04/2008.....	18
Clean Energy Brazil ganha autonomia - Bettina Barros – Valor Econômico – Agronegócios - 09/04/2008.....	19
Consumo de álcool cresce 56% - Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008.....	20
Guatemala no etanol – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 11/04/2008.....	20
Usina da Ceronia em MS – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 11/04/2008.....	20
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS.....	21
Biodiesel	21
Leilão de biodiesel do governo tem recorde de participantes – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	21
Leilão favorece a agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDA – 10/04/2008.....	21
Leilões atendem à demanda de biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA – 11/04/2008.....	22

Governo faz concessão para garantir oferta de biodiesel - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 11/04/2008.....	23
Etanol.....	24
Biodiesel e etanol são temas polêmicos em Pernambuco - Maurício Thuswohl – Carta Maior – 10/04/2008	24
BID vê mais dificuldades no biocombustível – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/04/2008.....	27
Lula ordena estratégia permanente pró-álcool – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008.....	27
Cana perderá 114 mil postos até 2020, prevêem usinas – Marcelo Toledo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	29
A política da energia - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 03/04/2008.....	30
Produção de etanol tem função estratégica para o Brasil - Sítio Eletrônico do MAPA – 02/04/2008	31
Biocombustíveis serão debatidos na Conferência Regional da FAO, em Brasília – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/04/2008	31
Balanco Emergético é tema de seminário para técnicos do MDA – Sítio Eletrônico do MDA – 08/04/2008.....	32
Novos leilões de biodiesel começam nesta 5ª feira – Sítio Eletrônico do MDA – 09/04/2008.....	33
“Brasil pode conciliar produção de alimentos e biocombustíveis”, afirma ministro Patrus Ananias – Sítio Eletrônico do MDS – 14/04/2008.....	34
Brasil prepara conferência internacional para debater biocombustíveis - Suelene Gusmão – Sítio Eletrônico do MMA – 08/04/2008	35
Geopolítica e sociedade no caminho do etanol brasileiro – Ricardo Abramovay – Valor Econômico – Opinião - 04/04/2008	36
É preciso mudar a matriz elétrica brasileira - Adriano Pires e Rafael Schechtman – Valor Econômico – Opinião - 07/04/2008	37
Deputados temem que MP eleve tributos sobre álcool - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Brasil - 10/04/2008.....	39
Brasil prepara defesa ampla do etanol - Raquel Ulhôa – Valor econômico – 14/04/2008.....	40
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	42
Biodiesel.....	42
Produção de cereal atingirá recorde, diz FAO – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	42
Etanol.....	43
Sarkozy acusa Brasil de dumping em biocombustível – Folha de São Paulo – Dinheiro -04/04/2008	43
Combate à pobreza tem revés com alta agrícola – Chris Bryant e Javier Blas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008.....	44
"Superinflação" ameaça combate à fome, diz Banco Mundial – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	45

FAO ataca produção de biocombustíveis – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008.....	47
Biocombustível é 'crime contra Humanidade' – O Globo – Capa – 15/04/2008.....	48
Relator da ONU acusa biocombustível de ser 'crime contra a Humanidade' – O Globo – Economia – 15/04/2008.....	48
Exportações de álcool deverão crescer – Valor Econômico – Agronegócios - 04/04/2008.....	49
UE já vê etanol como vilão e ameaça planos do Brasil - Assis Moreira e Humberto Saccomandi – Valor Econômico – Internacional - 07/04/2008.....	50
Lula vai à Holanda falar sobre biocombustíveis – Valor Econômico – Brasil - 08/04/2008.....	52
Lula defenderá uso de biocombustível durante visita de dois dias à Holanda - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 09/04/2008.....	52
Etanol no México – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 09/04/2008.....	54
Lula pede criação de força-tarefa para reagir a ataque europeu contra etanol - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 10/04/2008.....	54
Equívocos nas críticas contra o etanol brasileiro – Valor Econômico – Opinião - . 55 Editorial - 10/04/2008.....	55
Presidente do Bird dá apoio a etanol produzido no Brasil - Ricardo Balthazar – Valor Econômico – Brasil – 11/04/2008.....	56
Empresários apontam barreiras a investimentos – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008.....	57
Holanda quer parceria no setor de biocombustíveis - Sergio Leo – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008.....	58
América Latina teme biocombustíveis - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócio - 15/04/2008.....	59

Segunda Quinzena

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	60
Biodiesel.....	60
EMPRESAS FARÃO BIODIESEL A PARTIR DA CANA – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008.....	60
Estudo aponta a influência do grão no desmatamento – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008.....	62
Etanol.....	62
Produção de álcool e açúcar é a maior da história do país – Sítio Eletrônico da Conab – 29/04/2008.....	62
Comissão Pastoral da Terra critica os biocombustíveis – Folha de São Paulo – Brasil – 16/04/2008.....	63
Produção de cana cresce 16% na região centro-sul – Mauro Zafalon – folha de São Paulo – Dinheiro – 18/04/2008.....	64
Usineiros preparam ofensiva no exterior – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008.....	65
Petroleira BP investe no álcool brasileiro – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/04/2008.....	66

Executivo da Unilever afirma que a UE foi precipitada sobre biocombustíveis - Janes Rocha – Valor Econômico – Agronegócio - 25/04/2008.....	68
Álcool leva safra de cana a bater recorde, diz Conab – Marcelo Toledo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	69
E a Esso vai para um usineiro - Ronaldo D’Ercole e Ramona Ordoñez – O Globo – economia – 25/04/2008	70
O 1º bilionário do etanol - Lino Rodrigues – O Globo – Economia – 25/04/2008....	72
CTC vai lançar inovações em açúcar e álcool - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008.....	72
Centro-sul deve colher meio bilhão de toneladas de cana - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Agronegócio - 18/04/2008	73
DuPont aposta na segunda geração dos biocombustíveis - Sergio Leo – Valor Econômico – Agronegócios - 22/04/2008.....	74
Cana avança em áreas de alimentos - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008	75
Fornecedor independente perde espaço – Valor Econômico – Agronegócios – 30/04/2008.....	77
Soja cede terreno em novas fronteiras sucroalcooleiras - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008	77
POLÍTICA DE BIOCMBUSTÍVEL	79
Biodiesel	79
MDA suspende Selo Combustível Social da empresa Ponte Di Ferro – Sítio Eletrônico do MDA – 16/04/2008.....	79
Biodiesel de mamona emperra na BA - Raquel Salgado – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008	80
Etanol	81
Jornada em Defesa da Terra e dos Direitos dos Canavieiros – Sítio Eletrônico da MPT – 16/04/2008.....	81
Ministro da Agricultura reage diante dos dados da CPT – Sítio eletrônico da CPT – 16/04/2008.....	81
Lula quer campanha global para defender os biocombustíveis – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008.....	81
Canaviais crescem com avanço sobre pastos – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008.....	83
Produzam os biocombustíveis corretos – Roger Cohen – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/04/2008.....	84
Lula defende biocombustíveis e critica subsídio agrícola externo – Letícia Sander – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	85
Etanol no centro da crise Biocombustível não é a causa da fome – Deborah Berlingk – O Globo – Economia – 20/04/2008.....	86
Níveis de CO2 continuam a subir – O Globo – Ciência – 25/04/2008	87
Etanol: presidente ataca 'mentiras deslavadas' dos EUA - Flávio Freire* e Mariana Schreiber – O Globo – Economia – 26/04/2008	88
Stephanes: Biocombustíveis são compatíveis com a produção de alimentos no Brasil – Sítio do MAPA – 16/04/2008.....	89
Presidente Lula defende produção de biocombustíveis – Sítio Eletrônico do MAPA – 16/04/2008.....	89

Acesso à alimentação e biocombustíveis entram na pauta da 30ª Conferência da FAO – Sítio Eletrônico do MDS – 17/04/2008.....	90
Crime é descartar os biocombustíveis, afirma Lula - Paulo de Tarso Lyra – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008.....	92
Tributação do álcool sofre mudança - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Agronegócio - 18/04/2008.....	93
Setor está sob os holofotes, afirma Jank – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/04/2008.....	94
A matriz energética e a política - José M. Insulza – Valor econômico – Opinião - 22/04/2008.....	94
Reinventando a energia - Jeffrey D. Sachs – Valor Econômico – Opinião - 28/04/2008.....	100
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	102
Etanol	102
O Futuro dos Agrocombustíveis - Roberto Malvezzi (Gogó) – Sítio Eletrônico da CPT – 25/04/2008.....	102
Relatório aponta impactos dos agrocombustíveis no Brasil – Sítio Eletrônico da CPT – 29/04/2008.....	104
Relator da ONU pede suspensão da produção de biocombustíveis – Sítio Eletrônico d CPT – 29/04/2008.....	104
Lula ataca críticos de biocombustíveis – Letícia Sander e Iuri Dantas – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/04/2008.....	105
Europeu quer saber impacto sobre economia – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/04/2008.....	106
FMI vê mais conflito por alimento – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	106
Amorim rebate com ataque aos subsídios – IUri Dantas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	107
Cepal teme aumento da indignação – Fabiano Maisonnave - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	108
Preços agrícolas vão continuar altos "no curto prazo", diz FAO – Iuri Dantas – Folha de São Paulo – 19/04/2008.....	109
Alta de alimentos no mundo coloca governos sob pressão – Marc Lacey - Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008.....	110
Biocombustível não é o único culpado, diz ONU – Fábio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008.....	113
Movimentos sociais também criticam álcool – Fabio Zanini - Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008.....	114
Biocombustível enfrenta onda de ceticismo – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/04/2008.....	115
Embraer defende álcool e inicia série de testes com aeronaves – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/04/2008.....	116
Lula critica biocombustíveis de americanos e europeus – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008.....	116
Subsídios levaram à alta nos alimentos, diz FAO – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008.....	117

Crítica a biocombustível vem de lobby, diz especialista – Denise Godoy - Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008.....	118
Mitos sobre o álcool – Folha de São Paulo – Opinião – 28/04/2008.....	120
Debate sobre biocombustíveis e alimentos avança na região – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008.....	121
Biocombustível deve ser aliado, diz economista - Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008.....	122
Alemanha deve fechar acordo para compra de álcool – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008.....	123
Dilma "lamenta" nova Lei Agrícola norte-americana – Sergio Dávila – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008.....	123
Para Bush, álcool não é o principal motivo para alta dos alimentos – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	124
Lula rebate críticas da ONU ao etanol - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 17/04/2008.....	125
Amorim rebate FMI por crítica a biocombustível - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 19/04/2008.....	125
Lula culpa EUA por crise mundial de alimentos - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 20/04/2008.....	127
No 'celeiro' Brasil, dívidas e falta de logística são retrato da agricultura – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008.....	128
Lula afirma que produção de etanol não ameaça a Região Amazônica - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 22/04/2008.....	129
ONU pode ter estudo sobre o assunto – O Globo – Economia – 22/04/2008.....	131
O Brasil é parte da solução na crise – John Briscoe – O Globo – Opinião – 24/04/2008.....	131
Especialistas: alta de grãos tem vários culpados – Cassia Almeida – O Globo – Economia – 29/04/2008.....	134
Brasil e Alemanha discutem preparativos para a COP-9 e biocombustíveis – Sítio Eletrônico do MMA – 28/04/2008.....	135
Secretário garante sustentabilidade do etanol a parlamentares europeus – Sítio Eletrônico do MMA – 28/04/2008.....	137
Brasil rechaça críticas e tenta jogar o foco no etanol de cana – Valor Econômico – Agronegócios – 16/04/2008.....	138
Pacto EUA-Brasil no etanol perde fôlego - Raquel Landim – Valor Econômico – Agronegócios - 29/04/2008.....	139
Cartilha da UE para importar ameaça as vendas brasileiras - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 29/04/2008.....	141
Milho é considerado o vilão da alta de preços – Valor Econômico – agronegócios - 29/04/2008.....	142

Biodiesel

Alta da soja prejudica entrega de biodiesel – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008

Crise provocada pelo aumento dos preços fez com que 30% dos agricultores descumprissem contrato

Produtores de biodiesel não estão conseguindo manter o pleno abastecimento das distribuidoras de combustíveis do país. A ANP (Agência Nacional do Petróleo) admitiu que 30% das entregas previstas para o semestre não foram cumpridas. A inadimplência foi de 54 milhões de litros. A Barralcool, instalada em Barra do Bugres (MT), usina que foi inaugurada pela presidente Lula, foi uma das que pararam a produção, segundo a associação do setor.

Embalados pelo Programa Nacional do Biodiesel, muitos produtores enfrentam agora uma crise que ameaça a sobrevivência de parte do setor. A chave do problema está na elevação do preço da soja, insumo usado por mais de 80% das usinas de biodiesel. O descasamento entre a cotação da matéria-prima e o baixo preço do combustível nos leilões levou a indústria a operar no prejuízo.

"O corte feito por alguns produtores chegou a 20%. Alguns chegaram a cortar 30%", afirmou um executivo de distribuidora. O problema não alcançou o varejo devido ao estoque de emergência de 100 milhões de litros feito pela Petrobrás no começo do ano. As distribuidoras são orientadas a buscar na Petrobrás os volumes de biodiesel equivalentes não entregues pelos produtores.

Segundo avaliações do mercado, a compra suplementar de mais 100 milhões de litros de biodiesel para entrega imediata, feito na semana retrasada pela Petrobrás, ocorreu apenas em razão dos problemas dos produtores e da baixa repentina desses estoques.

Desde o dia 1º de janeiro, as distribuidoras de combustíveis são obrigadas a fazer a mistura de 2% de biodiesel em todo o diesel vendido no país. Com essa mistura, a produção nacional de biodiesel terá de atingir entre 800 milhões a 1 bilhão de litros no ano para atender a mistura compulsória. O setor tem capacidade industrial mais do que suficiente. Atinge hoje cerca de 2,9 bilhões de litros e essa superoferta se tornou mais problema do que vantagem. A baixa demanda interna criou um "estresse de oferta", o que tem conduzido o preço de venda a um patamar incompatível com o custo do óleo de soja.

O governo lançou um socorro para tentar auxiliar o setor. Uma nova resolução determinou o aumento de 50% da mistura a partir de 1º de julho, quando a adição de biodiesel no diesel subirá para 3%. Dois leilões para compra de 330 milhões de litros foram feitos na semana passada.

Delicada - O presidente da Ubrabio (União Brasileira do Biodiesel), Odacir Klein, disse que a situação dos produtores é delicada neste momento. Para o atual patamar de preços de óleo de soja, o valor do litro teria de superar os R\$ 3. No leilão para reforço dos estoques emergenciais, o valor-teto foi de R\$ 3,20, e o preço médio de venda em razão da concorrência caiu para R\$ 2,55.

Nos leilões feitos pela ANP, o preço médio para cada litro foi de R\$ 2,69, com deságio de pouco mais de 4%. Sérgio Beltrão, diretor executivo da Ubrabio, afirma que a elevação da demanda interna com a nova mistura projeta uma necessidade de 1,3 bilhão de litros. "Ainda não consegue ocupar toda a capacidade disponível, mas ajuda a reduzir o estresse de oferta que existe hoje no setor", diz. A própria Ubrabio acredita que parte do setor não irá suportar por muito tempo a diferença ainda existente entre os preços da matéria-prima e do biodiesel.

Em janeiro, o óleo de soja para a indústria custava R\$ 2.320 a tonelada. O preço já supera os R\$ 2.600. Para a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), o setor deve encontrar outras fontes de matéria-prima além da soja para a produção de biodiesel. A situação tem provocado redução da produção. A Folha conversou com uma importante processadora de soja sobre a situação. A posição é a seguinte: da capacidade de 100 milhões de litros, apenas 22 milhões serão ocupados neste ano.

Setor pede que mistura vá a 5% "com urgência" – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008

A Ubrabio (União Brasileira do Biodiesel) quer que o governo federal amplie imediatamente para 5% a mistura do novo combustível no diesel consumido no país. A medida, segundo a associação do setor, é urgente. A Ubrabio pede também que sejam autorizados os usos especiais de biodiesel, além dos limites recomendados pela ANP. Pela regra atual, a mistura de 5% de biodiesel no diesel pode ser antecipada de 2013 para 2010. "O setor precisa ter preços mais realistas, e isso só será possível com o aumento da escala de produção e a permissão para uso especiais acima dos limites", diz Sérgio Beltrão, diretor da Ubrabio. Sem isso, diz, muitas empresas podem quebrar.

Agência diz que esperava crise ainda maior – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008

A ANP (Agência Nacional do Petróleo), responsável pelos leilões de aquisição do biodiesel distribuído em todo o país, esperava uma inadimplência maior do que a apurada para o semestre. Segundo Edson Silva, superintendente de abastecimento da ANP, a forte elevação do preço da soja fez a agência estimar que metade do biodiesel comprado pelo governo não seria entregue pelos produtores.

"Consideramos que a inadimplência de 30% das entregas foi um porcentagem aceitável ante a escalada do preço do óleo de soja", afirmou Silva. A previsão agora, disse o superintendente, não é mais essa. A partir do leilão da semana passada, a expectativa da ANP é que a inadimplência fique em níveis menores. "A curva de aprendizado já passou", afirmou.

A ANP disse que tomou medidas para evitar queda acentuada nos preços do leilão da semana passada e evitar uma crise maior no setor. A agência fixou valor-teto maior do que os anteriores (R\$ 2,804 por litro), exigiu um pregão presencial e reduziu o tempo para entrega da venda do produto. As usinas que venderam biodiesel terão de entregar o produto a partir de 1º de julho. "No ano passado, fizemos leilões para entrega em seis meses. É um tempo muito longo, o produtor fica muito exposto às variações de preço da matéria-prima", disse.

Silva admitiu que neste momento os produtores que compram óleo de soja no mercado são os mais expostos. Ele afirmou que a ANP não tem mecanismos para assegurar a produção dessas usinas. "Fizemos o que foi possível para não permitir uma queda forte no preço."

Etanol

Conab pesquisa aproveitamento do bagaço de cana – Sítio Eletrônico da Conab – 10/04/2008

Uma das abordagens do estudo inédito que será apresentado pela Conab durante a divulgação do primeiro levantamento da safra de cana-de-açúcar na Agrishow, em Ribeirão Preto, no próximo dia 29, refere-se ao aproveitamento do bagaço na geração de energia elétrica. Esse resíduo sólido, resultante da moagem da cana, representa um volume próximo a 280 quilos por tonelada do produto processado.

Segundo a pesquisa, o país produz hoje 3,5 mil megawatts de energia com a queima do bagaço. Se as indústrias brasileiras dispusessem de equipamentos modernos, com as cerca de 500 milhões de toneladas de cana que serão transformadas em bagaço na safra atual poderiam ser gerados até 15 mil megawatts de energia.

"O Brasil tem um privilégio ainda pouco explorado num assunto de alta relevância e sensibilidade. A capacidade empresarial do setor sucroalcooleiro e o apoio do governo abrem um futuro imenso para a utilização do bagaço de cana como fonte de energia limpa e renovável", diz o presidente da estatal, Wagner Rossi.

Terminal público de álcool no porto de Paranaguá está parado há cinco meses –
Dimitri do Valle – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/04/2008

Inaugurado há mais de cinco meses com a expectativa de ser uma opção mais barata para escoar a produção sucroalcooleira, o primeiro terminal público de álcool do Brasil, no porto de Paranaguá (PR), ainda não recebeu nenhuma gota.

Segundo engenheiros e entidades do setor agropecuário, há falhas no projeto. Já os administradores do porto negam e dizem que o tempo é necessário para fazer testes e ajustar trâmites burocráticos.

Cerca de R\$ 14,7 milhões foram gastos pelo porto no terminal. Ele foi criado com a proposta de cobrar taxas 50% menores das praticadas no porto por uma empresa particular. Segundo a Faep (Federação da Agricultura do Estado do Paraná), o custo para que o terminal esteja apto a operar será pelo menos mais R\$ 7 milhões.

Para a federação, o material usado na tubulação e nos registros para distribuir o álcool aos tanques não tem a resistência adequada para suportar a passagem do combustível. A tubulação poderia ser corroída no atrito com o álcool. "Temos informações confiáveis de que há problemas graves para fazer o terminal funcionar," disse Nilson Camargo, assessor da Faep de infra-estrutura e logística.

O engenheiro civil Paulo Nascimento, membro do IEP (Instituto de Engenharia do Paraná), confirma os problemas. Segundo ele, os tubos não são de aço inox, material capaz de evitar a corrosão pelo álcool.

Nascimento diz que até hoje não apareceu a ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) da obra -certidão exigida em construções para atestar quem é o engenheiro responsável pelo projeto. O Crea (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia) do Paraná não localizou registros sobre fiscalização da obra nem de seus responsáveis técnicos.

O porto nega problemas nas obras. Segundo ele, o terminal aguarda a programação dos exportadores para começar a operar, que depende da safra.

Segundo Ricardo Resende, presidente da Álcool do Paraná, empresa criada por usineiros para gerenciar o terminal junto com o porto, as atividades iniciam em maio. "Estão tentando criar factóides," acusa.

Consumo de álcool supera o de gasolina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

A ANP (Agência Nacional do Petróleo) confirmou que o consumo de álcool no país ultrapassou o da gasolina, conforme os dados de fevereiro. Naquele mês, foi consumido 1,432 bilhão de litros de álcool, contra 1,411 bilhão de litros de gasolina.

O consumo de álcool leva em conta os dois tipos: hidratado (vendido nas bombas) e anidro (adicionado à gasolina). "A tendência é que esse quadro se mantenha", disse o superintendente de abastecimento da ANP, Édson Silva. No 1º bimestre, o consumo subiu 56% ante igual período de 2007, contra 3% da gasolina.

Para a Unica (associação das usinas), a produção de álcool no Centro-Sul do país deve pular dos 17,9 bilhões de litros da safra 2006/07 para 29,7 bilhões em 2010/11 -alta de 66%.

Cana invade zona biodiversa do cerrado – Pablo Solano – Folha de São Paulo – Ciência – 12/04/2008

Levantamento indica que 142 mil hectares de áreas prioritárias para a conservação viraram canavial na safra 2006/2007 - Em Sertãozinho, interior de SP, duas áreas classificadas pelo governo federal como altamente prioritárias para conservação têm plantações

Uma total de 142 mil hectares de cerrado -o equivalente ao tamanho da cidade de São Paulo- considerados prioritários para abrigar unidades de conservação foram transformados em canavial na safra 2006/2007. Os dados são de estudo do ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza).

O cerrado é o segundo bioma mais ameaçado pelo desmatamento no Brasil. Com 39% de sua área desmatada, fica somente atrás da mata atlântica, da qual restam de 7% a 24% (dependendo da conta que se faça). Ambientalistas temem que a febre dos biocombustíveis acelere a devastação do cerrado e empurre a pecuária de lá para a Amazônia.

O Ministério do Meio Ambiente atualizou em 2007 seu mapa das áreas dos vários biomas brasileiros que devem receber prioridade para o estabelecimento de unidades de conservação pelo Instituto Chico Mendes. Foi nesse mapa que se baseou o estudo do ISPN. Os dados da atualização foram cruzados com informações do Canasat, um sistema de sensoriamento remoto criado para mapear as áreas com canaviais em oito Estados brasileiros.

A lista é liderada por São Paulo (86 mil hectares desmatados), seguido por Minas Gerais (25 mil), Goiás (13 mil), Mato Grosso (12 mil) e Mato Grosso do Sul (6.000).

Para o coordenador de políticas públicas do ISPN, Nilo D'Avila, a solução para o problema depende de políticas do governo federal para incentivar a expansão da cana em áreas subutilizadas por outras culturas.

Sertãozinho - Segundo o estudo do ISPN, 60,5% do desmatamento em áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade no cerrado ocorreu no Estado de São Paulo -maior produtor de açúcar e álcool do país.

Na região de Sertãozinho, por exemplo, duas áreas consideradas prioritárias para a preservação, uma classificada pelo Ministério do Meio Ambiente como "extremamente alta" e outra como "muito alta", estão sendo ocupadas pela cana.

Dentro da área de prioridade "extremamente alta" funciona uma usina. Além disso, outras duas usinas funcionam nas proximidades, o que impulsiona a devastação. De acordo com D'Avila, as áreas podem receber parques de suporte à reserva biológica de Sertãozinho, uma unidade de conservação já estabelecida no local.

Ambas, de acordo ele, poderiam ser ligadas à atual reserva biológica por meio das matas ciliares e dos rios da região e colaborariam para preservar as espécies locais. D'Avila também afirma que a região é importante para a preservação de características da transição entre a mata atlântica e o cerrado.

Goianésia - Apesar de São Paulo concentrar o maior índice de desmatamento do estado, o Centro-Oeste é apontado por D'Avila como a região onde existem mais áreas com características originais de cerrado que podem ser desmatadas.

Ele aponta como exemplo as proximidades da cidade de Goianésia, no Estado de Goiás, onde o avanço dos canais coloca em risco atividades agroextrativistas na região. "Lá existe uma série de produtos muito consumidos regionalmente e que sustentam quantidade significativa de famílias", afirma D'Avila.

Efeito sobre a Amazônia é indireto – Folha de São Paulo – Ciência – 12/04/2008

O avanço do álcool não deve atingir diretamente a Amazônia, mas pode colaborar para o seu desmatamento, afirma o coordenador de políticas públicas do ISPN, Nilo D'Avila. A alta incidência de chuvas na floresta é considerada pelo setor agrícola como um fator desfavorável para a produção de cana.

De acordo com D'Avila, a expansão canavieira no Centro-Oeste, onde há condições favoráveis para o cultivo, está valorizando áreas ocupadas pela pecuária, o que incentiva os criadores de gado a vender terras para canavieiros. Capitalizados, os pecuaristas teriam como opção comprar terras na região amazônica. Áreas no Pará estão livres da febre aftosa, o que favorece a pecuária.

Sobre o potencial da migração da pecuária do Centro-Oeste para a Amazônia, D'Avila lembrou da brincadeira que aponta Paragominas, no Pará, como "a segunda maior cidade goiana". (PS)

Desmatamento causado pelas usinas é "insignificante", diz entidade do setor – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008

O desmatamento provocado pela produção canavieira foi classificado como "insignificante" pelo assessor da comissão nacional de cana-de-açúcar da CNA (Confederação Nacional da Agricultura), José Ricardo Severo.

De acordo com ele, a maior parte das novas plantações de cana-de-açúcar foram implantadas em áreas antes destinadas para a pecuária. No restante, afirma, a cana aproveitou terras da produção de grãos.

Severo afirma que a CNA não foi procurada para evitar o avanço da cana nas áreas prioritárias para a criação de unidades de conservação.

Entretanto, a CNA afirma atuar em parceria com o governo federal para implantar o zoneamento agroeconômico pelo Brasil, o que definirá as áreas em que a agropecuária receberá incentivos públicos.

Ele diz não acreditar que a cana ponha em risco o cerrado e afirma que gado e grãos podem continuar cedendo terras para o setor sucroalcooleiro atingir sua meta de ocupar 15 milhões de hectares até 2015.

Severo cita dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) que apontam que a atual safra da cana ocupa 6,96 milhões de hectares no Brasil. Enquanto isso, afirma ele, as pastagens ocupam 120 milhões, e os grãos, 50 milhões.

O assessor também diz não concordar que a cana possa causar a migração da pecuária para a região amazônica. Ele afirma que a febre aftosa ainda é um problema na região e que as dificuldades de transporte inviabilizam o deslocamento da atividade. Procurado, o Ministério do Meio Ambiente não se pronunciou sobre o assunto. (PS)

Energia renovável e líderes novos – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008

SOB A liderança do professor Jeffrey Sachs, a Universidade de Columbia (Nova York) realizou no fim de março a Conferência Anual State of Planet.

Em sua lista das dez principais questões que os Estados Unidos deveriam enfrentar neste ano, estão, por exemplo, a necessidade urgente do fim da guerra com o Iraque, o aquecimento global e o uso da água.

Mas o oitavo ponto da lista é bastante importante para o Brasil: "Convocar o Congresso para eliminar imediatamente os subsídios para o álcool, de modo a reduzir a pressão sobre os preços dos alimentos nacional e globalmente e para racionalizar a temática sobre energia sustentável".

Isso dá uma boa idéia do debate na sociedade norte-americana sobre o uso do milho para produzir álcool, sobre o qual se atribui a responsabilidade pelo aumento dos preços dos alimentos.

Na mesma direção, a última edição da revista "Time" traz reportagem de capa que condena o álcool, ao afirmar que seus consumidores estão pagando para enriquecer alguns grandes empresários, encarecendo a comida para os mais pobres. Tal análise também se faz na União Européia, onde neste ano foi difícil manter o programa de biocombustíveis.

Trata-se de uma campanha tão forte e repetitiva que dá a impressão de ser coordenada. A quem interessaria isso? Talvez a alguns setores da indústria do petróleo e a outros da indústria de alimentos que perderam dinheiro com os maiores preços do milho americano por não conseguir repassá-los aos seus consumidores de baixa renda.

Isso faz parte do mundo dos negócios: desinformação e contrapropaganda têm peso, tanto quanto informação e propaganda. Mas é impressionante como o álcool de cana não é poupado, como se seu uso perturbasse a oferta de alimentos, o que não é o caso. Todo mundo está cansado de saber que o atual momento de preços altos se deve a um inesperado desequilíbrio entre oferta e demanda de grãos em razão de dois fatores: o espetacular aumento de renda dos países emergentes, que ampliou o consumo de alimentos; e a redução da oferta por causa da seca em vários países, como Austrália, Ucrânia, Europa central e América do Sul nas últimas safras. Com isso, os estoques de cereais caíram, elevando os preços, e a destinação do milho americano para o álcool é apenas uma parte, e não a mais importante, dessa questão.

Mas o mal maior é que a agroenergia, uma maravilhosa alternativa de energia renovável (e não é só o álcool ou o biodiesel, é também a bioeletricidade, a redução das emissões de CO₂), vai perdendo terreno no cenário mundial, reduzindo a chance de gerar riqueza, renda, empregos e progresso nos países tropicais, podendo melhorar até a geopolítica internacional.

Nesta semana, aconteceu a conferência anual do BID, e, apesar da coragem do seu presidente, de empurrar o assunto com tal visão, ficou claro que muitas lideranças governamentais do nosso continente não têm a compreensão das vantagens que podem auferir com a agroenergia. Talvez energia renovável exija renovação de líderes.

Em boa hora, a Apex e a Unica se juntam para fazer a campanha do nosso álcool e mostrar suas vantagens sobre o do milho. Também é hora de apoiar o professor Sachs na sua demanda contra os subsídios americanos, bem como ao presidente do BID, Luis Alberto Moreno, em sua campanha a favor da agroenergia na América Latina.

ROBERTO RODRIGUES , 65, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura (governo Lula).
Escreve aos sábados, a cada 15 dias, nesta coluna.

É "mentira deslavada" que produção de álcool cause inflação, afirma Lula – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva transformou seu discurso a empresários brasileiros e holandeses, ontem à tarde, em um verdadeiro comício contra o petróleo e a favor do álcool e do biocombustível. Lamentou, por exemplo, que uma charge em um jornal local tenha "passado a idéia de que é o biocombustível que está causando a inflação" (no preço da comida, porque estaria substituindo a plantação de alimentos).

Lula até ergueu a voz para dizer: "É uma falácia, uma mentira deslavada, de quem não entende ou não quer entender". O presidente lembrou que há no mundo "1 bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza e 1 bilhão que não conseguem comer as calorias e as proteínas necessárias", sem que haja produção de biocombustíveis para justificar a escassez.

Depois, afirmou que "o Brasil está apresentando uma alternativa [ao petróleo]. Nós produzimos combustível que não emite CO2, menos poluente, mais gerador de empregos, portanto muito mais importante para o mundo subdesenvolvido".

Sua crítica ao padrão atual de consumo de petróleo foi tão entusiasmada que, ao mencionar uma série de países produtores (Arábia Saudita, Iraque, Qatar), acabou por citar o Líbano, que não produz nada de petróleo. Depois, corrigiu para Líbia.

"O que estamos propondo é democratizar o combustível no mundo e não permitir que o controle fique apenas na mão de 10 ou 12 países", afirmou Lula.

Além dos biocombustíveis, o presidente vendeu ao empresariado holandês, o que mais investiu no Brasil em 2007, o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento): "Queremos crescer mais, queremos importar mais e queremos exportar mais. Por isso estamos fazendo investimentos de praticamente US\$ 270 bilhões em obras de infra-

estrutura nos portos, aeroportos, ferrovias, rodovias, gasoduto, hidrelétrica, linha de transmissão, para que o Brasil possa oferecer a quem lá queira investir a segurança de que não faltará infra-estrutura, logística, suprimento de energia para que as empresas possam produzir." *(CLÓVIS ROSSI)

Consumo de álcool no país supera o de gasolina, o que não ocorria desde 1995 -
Ramona Ordoñez e Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 10/04/2008

Lula cria grupo para defender etanol brasileiro contra 'campanha internacional' RIO e HAIA, Holanda. Pela primeira vez em 13 anos, o consumo de álcool combustível no país superou o da gasolina pura. As companhias que fazem parte do Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom) venderam, em março, 989,8 milhões de litros de álcool anidro (que é misturado à gasolina) e hidratado. Já o total de gasolina pura vendida no mês foi de 965,2 milhões de litros.

As empresas ligadas ao Sindicom respondem por 76% do mercado. Segundo o gerente do Sindicom, César Guimarães, quando forem divulgados os dados totais, a situação será a mesma. O consumo do álcool foi maior que o da gasolina entre 1985 a 1995, durante o antigo Proálcool.

O presidente da BR, José Eduardo Dutra, disse que a inversão é natural, pois 21% da frota nacional de veículos são flex. Ele garantiu que isso não pesa na decisão da Petrobras de reajustar ou não os preços da gasolina. Mas, semana passada, o diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, admitiu que isso tem de ser considerado. Dutra disse ainda que, caso a Petrobras compre os postos da Esso no Brasil, a BR não chegará à metade do mercado de distribuição: terá 45%.

Enquanto isso, o Brasil defende seu etanol no exterior. O governo vai organizar, por ordem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um contra-ataque no exterior ao que chamou de “campanha internacional” contra o etanol brasileiro: discursos e artigos na mídia estrangeira ligando o sucesso na produção do biocombustíveis no país a morte de trabalhadores, trabalho infantil, desmatamento da Amazônia e escassez de alimentos no mundo.

Lula determinou a criação de um grupo de trabalho, envolvendo vários ministérios, produtores e distribuidores, para tentar frear as críticas. A decisão foi tomada após uma conversa de Lula com ministros, como Miguel Jorge, do Desenvolvimento, e Celso Amorim, das Relações Exteriores, na ida à Holanda. O presidente desembarcou ontem no país para uma visita oficial de dois dias.

— Tenho a convicção de que é protecionismo europeu clássico.

É um sinal de que o etanol começa a incomodar — disse Miguel Jorge.

A gota d'água foi a reportagem de capa da revista “Time”, há duas semanas, afirmando que o Brasil é um exemplo “da dinâmica destrutiva dos biocombustíveis”. Segundo a revista, biocombustíveis como o etanol estão elevando os preços de alimentos e intensificando o aquecimento global. No fim de 2007, a revista “Bloomberg Markets”, na reportagem “O fermento mortal do etanol”, citou a morte de 312 trabalhadores em canaviais no Brasil entre 2002 a 2005.

Ano passado, o então líder cubano Fidel Castro afirmou em artigo que os biocombustíveis levariam à fome. Há uma semana, o presidente francês, Nicolas Sarkozy, acusou Brasil e EUA de fazer dumping com o etanol. E, segunda-feira, o economista Paul Krugman afirmou, em artigo no "New York Times", que o etanol eleva os preços de alimentos e agrava o aquecimento global.

Lula já vê alguns efeitos negativos, como a decisão recente da Alemanha de recuar no aumento, a partir de 2009, de 5% para 10% na proporção de etanol na gasolina. Até o relator especial da ONU para Direito à Alimentação, Jean Ziegler, afirmou em relatório que o aumento da produção de etanol pode agravar a fome no mundo.

Para Miguel Jorge, por trás da campanha há produtores de petróleo e de etanol a partir de outras fontes.

Estímulo à cana no oeste da Bahia - Raquel Salgado – Valor Econômico – Agronegócios - 09/04/2008

A Agropecuária Xingu, braço da Multigrain, deu início neste mês ao plantio de algumas mudas de cana-de-açúcar no viveiro de sua fazenda na região de Correntina, no oeste baiano. O objetivo é ter 30 mil hectares dedicados à cultura em um prazo de três anos.

A empresa também já começou a construir uma usina de álcool próxima à fazenda. Esse empreendimento, aliado a bons resultados de pesquisas realizadas com a cana no oeste e um recente decreto do governo do Estado - que concede incentivos fiscais às atividades das usinas de álcool até 2020 - poderá atrair outros produtores e usineiros.

"A cana tem futuro na região. A terra é boa, a quantidade de água também e a topografia do cerrado é bastante favorável", afirma Paulo Garcez, presidente da Multigrain do Brasil, uma joint venture entre a brasileira PMG Trading, a japonesa Mitsui e a cooperativa americana CHS.

A Secretaria Estadual da Agricultura da Bahia estima que nos próximos cinco anos 20 usinas deverão se instalar no interior do Estado, especialmente no sul e no oeste - que por ser uma área de cerrado hoje é dominado por soja, algodão e milho. A expectativa é que o investimento total chegue a R\$ 8 bilhões e que sejam produzidos anualmente 7,2 bilhões de litros álcool. Hoje, há duas usinas no Estado que, juntas, produzem 120 milhões de litros de álcool por ano, bem abaixo do consumo local (800 milhões de litros).

Pesquisas da Fundação Bahia indicam em uma fazenda experimental sustentam que o futuro da cana pode ser promissor pela qualidade que oferece. No Estado, diz a fundação, o teor de açúcar é mais elevado que em São Paulo, Minas e Goiás. "Nossa preocupação é ter uma matriz diversificada", diz Sérgio Pitt, vice-presidente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba). Para isso, porém, é preciso melhorar as condições de transporte. "Pesquisa e incentivo fiscal já temos. Agora precisamos de infra-estrutura".

A aposta dos fazendeiros é na construção de uma ferrovia que corte o Estado horizontalmente. Em outubro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, com o governador Jaques Wagner (PT), que o governo federal pretende fazer a ferrovia Oeste-Leste em cooperação com o Estado. O investimento estimado é de R\$ 2,5 bilhões. Por meio dessa via, será possível escoar a produção do oeste e sudoeste da Bahia até ao Porto de Aratu, perto de Salvador.

Enquanto a obra não sai do papel, o governo estadual concedeu um benefício fiscal a quem quer produzir álcool. No fim de fevereiro, um decreto determinou que, até 2020, as

unidades produtoras de álcool poderão lançar crédito fiscal de ICMS nas saídas internas e interestaduais do álcool produzido por uma usina instalada na Bahia.

Se a usina estiver nas regiões do semi-árido e do oeste e produzir álcool etílico anidro, o crédito sobre o valor da saída será de 18%. Nas demais áreas, o percentual será de 12%. Se a produção for de álcool etílico hidratado e na região oeste e do semi-árido, os percentuais de crédito são 14% para saídas internas e 7% para saídas interestaduais. Nas demais regiões, o crédito é de 11,5% nas saídas internas e 4,5% nas interestaduais.

"Sem a isenção, fica mais barato abastecer cidades como Salvador e Barreiras com álcool vindo do Tocantins e de Goiás, Estados com programas próprios de isenção, do que na própria Bahia", afirma Antonio Cansanção, fazendeiro da região.

"A notícia é ótima, mas a cana demanda investimento maior na implantação. Eu não vou dar o primeiro passo. O bom é que nem todo mundo pensa assim", revela Walter Horita, sócio da Horita Empreendimentos Agrícolas. Por ora, ele prefere continuar com grãos.

Clean Energy Brazil ganha autonomia - Bettina Barros – Valor Econômico – Agronegócios - 09/04/2008

A Clean Energy Brazil (CEB) anunciou ontem em comunicado à Bolsa de Valores de Londres, onde tem 100% de seu capital aberto, a aquisição da administradora de recursos Temple Capital Partners Planejamento Empresarial (TCP Brasil). O negócio possibilitará ao fundo tornar-se uma empresa de investimentos com gestão própria, com foco exclusivamente nos segmentos de açúcar, álcool e energia do país.

Desde a sua criação, a Clean Energy Brazil mantinha acordo de administração de recursos com a TCP, gerido pela AGROP, banco Numis Securities e Czarnikow Group. O fundo pagou aos acionistas da TCP o equivalente a US\$ 23 milhões, devido à cessão do contrato, com a emissão de novas ações ordinárias.

Com a reorganização, o engenheiro agrônomo Marcelo Junqueira - de família tradicional nos canaviais paulistas - passa a ser o novo CEO da Clean Energy.

"O conselho percebeu que esse era o momento de contratar os próprios executivos e passar a fazer a administração dos seus investimentos", disse Junqueira.

De acordo com ele, a nova equipe executiva será composta por pelo diretor financeiro John Sam Koutras, ex- CMS Energy e Visanet, e Gilberto Mascioli, que será o diretor de operações.

Segundo Junqueira, junto a essa reorganização interna, a Clean Energy Brazil deverá "diminuir o ritmo de procura de oportunidades" nos próximos meses. Na opinião do novo CEO, o momento agora é de "digerir" o que já se conquistou, de "organizar o que temos na mão para que os investidores sintam o nosso trabalho". Ele acredita que até meados deste ano não haverá mais aquisições. Ressalva: só se as oportunidades baterem à sua porta.

Desde sua oferta inicial de ações na bolsa de Londres, em dezembro de 2006, a CEB já investiu US\$ 214 milhões no setor sucroalcooleiro do Brasil.

O primeiro negócio foi a aquisição de 49% da participação acionária no grupo paranaense Usaciga. Depois, a empresa comprou 100% das ações da Usina Pantanal (MS), 33% da holding Unialco MS, controladora da usina Alcoolvale, em Aparecida do Taboado (MS) e um projeto "greenfield", em Dourados, também no Mato Grosso do Sul.

Consumo de álcool cresce 56% - Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008

O impacto dos preços do petróleo e da estagnação da produção da Petrobras na balança comercial poderiam ser ainda maiores se consumo de álcool não estivesse ocupando uma parte da demanda antes abastecida por gasolina. A Agência Nacional do Petróleo (ANP) informou ontem que o consumo de álcool no país ultrapassou o da gasolina, segundo dados relativos ao mês de fevereiro. Naquele mês foram consumidos 1,432 bilhão de litros de álcool, e 1,411 bilhão de litros de gasolina.

O consumo de álcool leva em conta os dois tipos hidratado (puro, vendido nas bombas) e anidro (que é adicionado à gasolina). "A tendência é que esse quadro se mantenha daqui para frente, já que o volume de carros flex não pára de crescer no mercado", observou o superintendente de abastecimento da ANP, Édson Silva.

Os dados da agência indicam que o consumo de álcool cresceu 56% , no primeiro bimestre de 2008 em relação a igual período do ano passado. Na mesma comparação, também apresentaram alta o diesel (11,5%), a gasolina (2,9%), o óleo combustível (5%) e GLP (2,5%). "O desempenho do álcool este ano, se comparado ao ano passado, mostra claramente o porquê de o produto estar passando a gasolina", observou Silva, que também atribuiu a elevação do consumo de álcool ao menor patamar do preço do combustível na época de entressafra.

Guatemala no etanol – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 11/04/2008

O grupo Pantaleón, um dos maiores produtores de etanol da Guatemala, está iniciando operações no Brasil a partir da aquisição de uma usina em Suzanópolis (SP), por US\$ 100 milhões. A empresa divulgou a informação em evento internacional promovido pela FMC.

Usina da Cerona em MS – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 11/04/2008

A Cerona está estruturando um projeto de construção de uma nova usina de açúcar e álcool em Mato Grosso do Sul, desta vez em Batayporã (MS). A empresa já está construindo outra unidade no Estado, em Nova Andradina.

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Leilão de biodiesel do governo tem recorde de participantes – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

Dezesseis produtores venderam ontem 264 milhões de litros de biodiesel no oitavo leilão realizado pela ANP (Agência Nacional do Petróleo). O número de participantes nesse leilão foi recorde. Apenas empresas com o "Selo Combustível Social" puderam participar da oferta. O selo é dado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário para empresas que compram matéria-prima para produção do combustível da agricultura familiar.

O preço médio de venda por litro foi de R\$ 2,691, um deságio de 4%. Segundo o superintendente de abastecimento da Agência, Edson Silva, a estratégia da ANP de evitar uma queda acentuada no preço deu resultado. No leilão anterior, o deságio do preço-teto havia sido de 22%, o que prejudicou o setor.

Hoje, a ANP realiza o nono leilão. Empresas com e sem selo social poderão fazer ofertas. A meta é adquirir mais 66 milhões de litros de biodiesel. O preço-teto é semelhante ao de ontem -de R\$ 2,804 por litro.

Mistura no diesel - Os 330 milhões de litros comprados nos dois leilões irão garantir a elevação da mistura de 2% para 3% na quantidade de biodiesel que deve ser adicionada ao diesel vendido nos postos brasileiros, aprovada pelo CNPE (Conselho Nacional de Política Energética).

A partir do dia 1º de julho, as distribuidoras de combustíveis terão que ampliar a mistura. Segundo a Ubrabio (União Brasileira do Biodiesel), o aumento de 50% na mistura projeta um mercado de 1,3 bilhão de litros por ano. ***(AGNALDO BRITO)**

Leilão favorece a agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDA – 10/04/2008

Duzentos e sessenta e quatro milhões de litros de biodiesel foram adquiridos no oitavo leilão realizado pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) nesta quinta-feira (10). A quantia movimentada ultrapassou os R\$ 710 milhões.

O volume negociado representa 80% da comercialização prevista nos dois leilões de biodiesel desta semana, destinados a suprir o mercado no terceiro trimestre de 2008. É quando entra em vigor a mudança de 2% para 3% no percentual de mistura obrigatória de biodiesel ao óleo diesel no País.

Nesta primeira rodada da semana, apenas produtores detentores do Selo Combustível Social, concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), participaram do leilão. O Selo é conferido àqueles empresas que promovem a inclusão social ao adquirir matéria-prima prioritariamente de agricultores familiares.

Das 28 usinas produtoras de biodiesel participantes no leilão desta quinta-feira, 19 foram selecionadas para o fornecimento de biodiesel (veja no quadro abaixo). O resultado demonstra um aumento no número de empresas com potencial para o fornecimento e uma maior distribuição delas pelas cinco regiões do País, o que amplia o mercado para a agricultura familiar. O prazo de entrega do biodiesel comercializado no leilão é de 1º de julho a 30 de setembro.

Percentual de 3% de mistura - Um dos objetivos do leilão é garantir o cumprimento da legislação, que determina a obrigatoriedade da adição de um percentual mínimo de biodiesel ao óleo diesel comercializado no País. A partir do segundo semestre de 2008, esse percentual passará a ser de 3%, por determinação do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE).

O acréscimo não exigirá alteração nos motores dos veículos que usam o óleo diesel e representa uma vitória para a agricultura familiar. O aumento do uso do biodiesel favorece a agregação de valor às matérias-primas oleaginosas de origem nacional, o que contribui para a ampliação da geração de emprego e renda entre os trabalhadores rurais inseridos na cadeia produtiva do biocombustível.

Nesta sexta-feira (11), ocorre o nono leilão de biodiesel promovido pela ANP – este será aberto também a empresas não-detentoras do Selo. Os participantes deverão entregar envelopes contendo as propostas de preços às 9h na sede da Confederação Nacional do Comércio, no Rio de Janeiro.

Leilões atendem à demanda de biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA – 11/04/2008

Os leilões de biodiesel realizados nesta quinta (10) e sexta-feira (11) pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) movimentaram mais de R\$ 887 milhões com a comercialização de 330 milhões de litros do biocombustível. Segundo a ANP, o volume atende à demanda de biodiesel para o 3º trimestre de 2008.

Nesta sexta-feira, foram comercializados 66 milhões de litros de biodiesel a um preço médio de R\$ 2,685/litro. O produto será entregue entre julho e setembro. Desta vez, a concorrência foi aberta para produtores com e sem o Selo Combustível Social. O Selo é concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) às empresas que promovem a inclusão social ao adquirir prioritariamente matéria-prima de agricultores familiares.

A rodada de leilões desta semana visa atender o aumento de demanda, já que o percentual de mistura obrigatória de biodiesel no óleo diesel passará de 2% para 3%. A nova determinação do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) entrará em vigor no segundo semestre de 2008.

Os resultados de ambos os leilões são considerados positivos por técnicos do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O aumento do uso do biodiesel agrega valor às matérias-primas oleaginosas de origem nacional, o que favorece a inclusão da agricultura familiar. Desse segmento produtivo, provêm oleaginosas utilizadas como matéria-prima para a fabricação do biodiesel, como mamona, algodão e girassol.

Além disso, foi constatado um aumento no número de usinas habilitadas a fornecer o biodiesel e uma maior distribuição delas pelo País. Isso possibilita que mais agricultores familiares tenham acesso às indústrias que compram matéria-prima, ampliando a geração de emprego e renda no meio rural.

Governo faz concessão para garantir oferta de biodiesel - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 11/04/2008

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) realizou na quinta-feira o oitavo leilão de compra de biodiesel e tem marcada para esta sexta a nona rodada. Com uma série de alterações em comparação com os sete leilões anteriores, as duas novas rodadas são as primeiras com entrega programada para o período em que passará a vigorar a mistura de 3% de biodiesel ao diesel convencional. A mistura obrigatória de 2% (B2) vale desde 1º de janeiro e a B3 entra em vigor no dia 1º de julho.

Os leilões passaram a ser presenciais e com limite de dois lances por empresa. Isso evita a "canibalização", segundo o superintendente de abastecimento da ANP, Edson Silva - a disputa ferrenha pelo lance mais baixo acabou jogando o preço nos leilões anteriores a um patamar inviável para grande parte das pequenas e médias indústrias.

Outra alteração foi a redução, de seis para três meses, do prazo-limite para a entrega do biodiesel. Essa janela menor facilita a projeção dos cenários de preços das matérias-primas - a forte alta do preço da soja, principal fonte de obtenção do biodiesel brasileiro, acabou inviabilizando a entrega por alguns produtores.

Para o leilão de hoje, não será exigido o selo de combustível social, certificado que atesta a compra de uma fatia mínima de matéria-prima produzida por pequenos agricultores. Isso amplia o leque de empresas que podem participar dos leilões. "Estamos em sintonia com os ajustes de que o mercado precisa", afirma o superintendente da ANP.

Para representantes do segmento, as alterações também mostram uma certa preocupação do governo com o abastecimento. Com o B2, a demanda é de 800 milhões de litros de biodiesel por ano. A entrada em vigor da mistura obrigatória de 3% vai elevar a demanda para mais de 1,2 bilhão de litros anuais. Ainda que o volume permaneça inferior à capacidade instalada total da indústria, de 2,5 bilhões de litros, os percalços do setor, em especial a forte alta dos preços das commodities, acentuam as chances de eventuais problemas de abastecimento.

"Isso já é sinal de que o governo está preocupado, sim, com o fornecimento. Com mais empresas autorizadas a participar, esse risco diminui", afirma uma fonte ligada à indústria de óleo.

Em janeiro, as entregas chegavam a 93% do volume total acertado. Na semana passada, as entregas totalizavam 76%. A proximidade dos dois novos leilões retardou as entregas, avalia Edson Silva, mas o aumento do custo da soja contribuiu para a queda. Também na semana passada, a Petrobras realizou um leilão de recomposição de estoques, no qual foi acertada a venda de 100 milhões de litros.

"Foi mais um leilão de precaução do que por falta de recebimento", diz Odacir Klein, presidente executivo da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio). Ele reconhece que a alta da soja e seus derivados - que estimulou a exportação do óleo de soja em vez da fabricação de biodiesel - deixou muitas empresas fora dos leilões. "E elas não produziram também porque não havia mercado". A Ubrabio acredita ser possível que ainda em 2008 seja elevada a mistura compulsória para 4%.

A julgar pelo resultado do leilão de ontem, as mudanças parecem ter surtido efeito. O número de participantes, 16, foi o maior entre todos os leilões. O deságio, de 4%, foi um dos menores, e o preço médio final, de R\$ 2,691 por litro, foi o mais elevado - o que também deve-se ao fato de o teto para os lances, de R\$ 2,804, ser o mais alto já estabelecido pela ANP.

"As mudanças mostram que o programa ainda está em uma fase transitória. Os volumes são pequenos e a soja não é uma opção de longo prazo, mas a questão da sustentabilidade veio para ficar", diz Ingo Plöger, consultor do mercado de biodiesel.

Etanol

Biodiesel e etanol são temas polêmicos em Pernambuco - Maurício Thuswohl – Carta Maior – 10/04/2008

A preocupação com a possibilidade de que as grandes empresas do agronegócio se apropriem do controle da cadeia produtiva do biodiesel e do etanol foi um dos temas debatidos em Recife.

RECIFE – Realizado na quarta-feira (9) em Recife, o debate “Biodiesel na Agricultura Familiar” mostrou como ainda é grande a pluralidade de opiniões sobre a aplicação do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) no Brasil. Com a presença de representantes do governo de Pernambuco, da academia e dos movimentos sociais, o evento, mais um da série de Debates Carta Maior realizados em todo país, tocou em temas como a inclusão social dos agricultores familiares, a relação da produção de biocombustíveis com a soberania alimentar do povo brasileiro e os impactos que a expansão dessa produção pode causar ao meio ambiente.

Realizado com o patrocínio da Petrobras, o debate em Recife contou com as participações de Gutemberg Granjeiro (gerente da Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária de Pernambuco), Jorge Tavares (professor da Universidade Federal Rural de

Pernambuco especializado em extensão rural e educação agrícola), Ana Navaes (também professora da UFRP e uma das principais articuladoras do PNPB no estado), José Cláudio da Silva (coordenador da área de Meio Ambiente e Infra-Estrutura do MST), Adelson Freitas (diretor de Políticas Agrícolas da Federação dos Trabalhadores de Pernambuco) e Reginaldo Alves (coordenador da rede de ONGs Articulação do Semi-Árido). O debate teve a mediação do diretor-geral da Carta Maior, Joaquim Ernesto Palhares.

As opiniões divergentes entre os debatedores começaram já na escolha das denominações e conceitos utilizados na análise do tema. Na opinião de Jorge Tavares, existe preconceito com o trabalhador rural: “Venho estudando a agricultura familiar há alguns anos e me assusto com algumas denominações como pequeno produtor, caboclo, caipira, etc. Tudo isso tem o objetivo de desqualificar o trabalhador. Os técnicos gostam de oferecer respostas e soluções para esse campesinato, mas muitas vezes não dão importância à diversidade de opiniões. O respeito a essa diversidade tem que ser incluído no marco de discussão sobre energia”, disse.

José Cláudio da Silva questionou a utilização do próprio conceito de biodiesel: “O MST não concorda com o termo biodiesel, e avalia que os agrocombustíveis aumentam a insegurança alimentar da humanidade. Eles podem ser uma alternativa à escassez do petróleo fóssil, mas é preciso que haja também uma mudança no comportamento e nos padrões de produção e consumo. O modelo atual é insustentável, e a produção dos agrocombustíveis em Pernambuco, toda pensada para a expansão do cultivo de cana-de-açúcar, agrava as conseqüências sociais da nossa região”.

A preocupação com a possibilidade de que as grandes empresas do agronegócio se apropriem do controle da cadeia produtiva do biodiesel e do etanol também foi manifestada pelos debatedores: “Na lógica do agronegócio, o camponês talvez entre no PNPB apenas como parte integradora. Não há nenhuma proteção para a agricultura camponesa, muito pelo contrário. A produção do biodiesel pela mamona é uma forma de compensação social. É errado apostar na inclusão social em Pernambuco, onde sabemos que o principal objetivo é o etanol e a cana. Vivemos agora a tomada dos assentamentos da reforma agrária para a produção de biodiesel e da Zona da Mata para a produção de cana”, disse o dirigente do MST.

Jorge Tavares também citou o poderio histórico do agronegócio no Brasil: “Nunca os usineiros gostaram tanto do governo. O biodiesel é para alimentar os carros da cidade, uma das armas que mais mata no mundo. Devemos pensar em como conseguir energia para a vida, e vida é feijão, é comida. A região é historicamente concentradora sobre a questão da terra e a exploração da mão-de-obra. É preciso buscar alternativas, promover a mudança do padrão de consumo e harmonizar o homem com a natureza”.

Nova Relação - Ana Navaes tem uma opinião mais otimista sobre o PNPB. Uma das responsáveis pela construção de uma tentativa de estabelecer uma nova forma de relação com os produtores de matéria-prima - a usina pública para processamento de biodiesel que está sendo montada no município pernambucano de Pesqueira - ela aposta no sucesso do programa: “Quando lançou o PNPB e o Selo Combustível Social, o governo criou condições para proteger a agricultura familiar e incentivar o plantio do dendê, da

mamona e de outras oleaginosas. Se o produtor de biodiesel adquirir 30% de sua matéria prima junto à agricultura familiar, terá 30% de dedução de impostos. Isso garante que as empresas irão comprar dos agricultores familiares”, avaliou.

A professora afirmou que “o principal gargalo para os agricultores familiares sempre foi a comercialização” de seu cultivo: “O ponto crucial é o mercado, a relação com o mercado. No Brasil, existe a figura do atravessador. Ele faz como quer, compra pelo preço que quer e quando quer. Muitas vezes, é o único detentor da tecnologia também”, disse Ana, afirmando acreditar que o PNPB pode mudar essa realidade: “Na Usina Miguel Arraes, em Pesqueira, o poder de negociação do agricultor familiar está garantido. A produção da mamona é uma das mais confiáveis. A Embrapa tem as variedades que garantem a produtividade”.

“A gente sabe que o agricultor vai plantar com baixa tecnologia, e isso tem um impacto na produtividade, mas agora ele está plantando em área zoneada, onde o solo tem a aptidão para a mamona. Além disso, o PNPB está garantindo um preço mínimo de mercado, que é de 75 centavos em Pesqueira. Isso sem falar na possibilidade de o agricultor familiar produzir ele mesmo o óleo bruto ou beneficiar a chamada torta de mamona, que é o resíduo resultante da produção do óleo”, acrescentou a professora.

Assistência técnica - uma opinião intermediária foi manifestada por Adelson Freitas: “O PNPB é uma demanda da sociedade e, quando se trata de agricultura familiar, é uma grande oportunidade. Mas, há uma ausência de políticas de apoio ao agricultor. O preço da matéria-prima hoje não é satisfatório para a agricultura familiar, e a ausência de políticas de assistência técnica e extensão rural dificulta a participação dos trabalhadores”, disse o dirigente da Fetap.

Freitas denuncia também que “as empresas que conseguiram o Selo Combustível Social não têm cumprido, em sua maioria, as condições de aprimoramento técnico” do pequeno produtor: “O BNDES oferece ajuda para empresas produtoras de biodiesel, mas esqueceu do básico, que é investir no agricultor. Outro problema é a ausência de crédito, que ainda não chegou para apoiar a produção de oleaginosas. O Pronaf não está ajustado para as necessidades do agricultor familiar. Hoje, existe nos movimentos sociais diálogo com governos e empresas para avançar nessas medidas, mas o governo precisa criar um fundo de apoio a agricultura familiar como estratégia do PNPB. Um centavo por litro, por exemplo, pode apoiar modelos sustentáveis de produção”.

Reginaldo Alves defendeu um novo modelo de relação entre os agricultores familiares e os produtores de biocombustíveis: “Acredito na perspectiva de um programa com base agroecológica, com produtividade, que seja introduzido na agricultura familiar, mas sem esse elemento do monocultivo. Sem o viés da alta produtividade e outros vieses que existem estabelecidos pela visão de mercado”, disse.

O dirigente da Articulação do Semi-Árido também teceu suas críticas ao PNPB: “Acreditamos que algo precisa ser melhorado no programa, porque ele não tem sido assimilado pelos agricultores como perspectiva de aumento de renda. O cultivo da mamona,

associado a outras formas de produção da agricultura familiar, talvez possa se constituir em um elemento de perspectiva de aumento de renda”.

Em nome do governo de Pernambuco, Gutemberg Granjeiro afirmou a aposta no sucesso do programa de produção de biodiesel no estado: “Temos muitas empresas aliadas e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para promover a assistência técnica aos agricultores familiares. Pretendemos atender em Pernambuco mais de 300 mil famílias. O governo espera que daqui a cinco meses tudo esteja pronto para atender ao agricultor familiar”.

BID vê mais dificuldades no biocombustível – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/04/2008

O seminário "Perspectivas para a Energia Verde nas Américas" foi agendado na Reunião Anual do BID para celebrar os investimentos do banco na produção de biodiesel, mas as dificuldades de produção e contradições da chamada "energia limpa" acabaram tomando conta do debate dentro e fora do palco.

O próprio mediador do debate, David Rothkopf, presidente de uma consultoria para assuntos energéticos, admitiu que "alguns anos atrás havia muito entusiasmo sobre o etanol e, recentemente, tem havido muita discussão" a respeito do impacto ambiental de plantações de milho e cana-de-açúcar para produzir álcool.

No palco, alguns ministros de energia e finanças de países como Nicarágua e Paraguai se queixaram de que há interesse em investir no setor, mas que há ainda muita dificuldade.

Lula ordena estratégia permanente pró-álcool – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva combinou ontem com os ministros que o acompanharam no vôo à Holanda montar uma estratégia mais permanente de defesa do álcool como combustível alternativo, em face do que o ministro Miguel Jorge (Desenvolvimento, Indústria e Comércio) considera uma "surpreendente campanha na Europa" contra o álcool.

Se se trata de uma campanha e se ela é surpreendente, é uma questão subjetiva. O que há de concreto é que, depois de um momento de deslumbramento com os combustíveis alternativos, em especial o álcool, começaram a surgir críticas a partir de três tipos de argumentos.

Primeiro, as áreas plantadas com cana-de-açúcar para produção do álcool tomariam terras que deveriam ser destinadas a alimentos.

Rebate Miguel Jorge: "No Brasil, não há essa substituição. A cana-de-açúcar ocupa apenas 4% do território. Além disso, avanços na produtividade na pecuária poderiam liberar áreas hoje usadas para pastagens, sem, portanto, afetar a produção de alimentos". Segunda crítica: o uso de trabalho precário ou até mesmo escravo em canaviais. O ministro brasileiro diz que "os europeus estão tomando casos ocorridos em duas ou três fazendas no Pará como se fossem uma prática generalizada no Brasil".

Miguel Jorge diz que, em São Paulo, não há esse problema, até porque, segundo ele, a vigilância da mídia não permitiria.

Terceira crítica: o álcool é menos favorável ao ambiente do que se supõe e, para chegar a ele, causam-se danos ambientais eventualmente superiores aos benefícios que a substituição da gasolina traz.

"Não consigo imaginar a vida em São Paulo, com seus 6 milhões de veículos, se 90% da frota não fosse flex-fuel", diz o ministro, aludindo aos veículos capazes de usar diferentes tipos de combustível. Conta ainda que, no bimestre fevereiro/ março, pela primeira vez o uso do álcool nesses veículos igualou-se ao da gasolina.

Obsessão presidencial - Todos esses argumentos, com maior ou menor ênfase, já foram utilizados mais de uma vez pelo próprio presidente Lula, em seus discursos no exterior, ele que se tornou um verdadeiro obcecado pelo tema dos combustíveis alternativos.

Se, agora, Lula pede uma estratégia permanente é porque os esforços não produziram efeitos. Mas Miguel Jorge argumenta que Lula vai num dado mês a um país, depois a outro país, depois a outro, o que fragmenta demais o esforço pró-álcool. "Não temos uma estratégia permanente", admite o ministro.

É ela que Lula determinou que seja elaborada, reunindo os especialistas dos ministérios do Desenvolvimento Agrário, do Meio Ambiente, da Agricultura e do Desenvolvimento. "Talvez estejamos começando tarde a nova estratégia", admite Miguel Jorge.

Cana perderá 114 mil postos até 2020, prevêm usinas – Marcelo Toledo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

Desemprego deverá aumentar por causa do avanço da mecanização na lavoura - Devem ser gerados 75,3 mil empregos na colheita mecânica e nas usinas, número bem abaixo dos 189,6 mil cortes previstos

O trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar do Estado de São Paulo deverá despencar dos atuais 189,6 mil postos de trabalho manuais para zero na safra 2020/21, enquanto as vagas em funções mecânicas avançarão das atuais 15,5 mil para 70,8 mil, segundo previsão apresentada ontem pela Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) em Ribeirão Preto. Deverá ser gerado ainda um saldo de cerca de 20 mil vagas nas próprias usinas até 2020. Se confirmada a previsão, um contingente de 114 mil trabalhadores, mais que a população de Sertãozinho (103 mil habitantes) -cidade que ironicamente tem seu parque industrial praticamente inteiro voltado à produção canavieira-, ficará desempregado. Os dados foram apresentados no 1º Workshop do Observatório do Setor Sucroalcooleiro, parceria da Unica com a USP.

Como a mecanização terá de ser de 100%, por causa do protocolo agroambiental assinado entre o governo do Estado, usinas e fornecedores de cana, não deverá restar vagas nos moldes atuais, preenchidas em parte pelos migrantes, oriundos especialmente do Nordeste e do Vale do Jequitinhonha (MG).

"Temos insistido em dialogar, queremos avançar não só nas questões ligadas à qualidade de vida dos trabalhadores. Vamos também eliminar os "gatos" [contratadores de mão-de-obra rural]", afirmou o presidente da Unica, Marcos Jank.

Segundo Inês Facioli, coordenadora da Pastoral do Migrante de Guariba, o avanço da mecanização irá gerar uma migração inversa, com a saída de trabalhadores da região. "Não vai ter outro jeito, porque todos precisam de remuneração para viver. Vai inverter a situação. A mecanização existe desde o final dos anos 80."

Já o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ribeirão Preto, Silvio Palvequeres, disse que, a partir do momento em que as questões ambientais foram analisadas, o trabalhador ficou em segundo plano. "Esse problema vai engrossar. Só olham para o ambiente, o que força a mecanização. Ninguém vê o lado social, que vai causar desemprego."

Protocolo assinado pela entidade dos usineiros com a Feraesp (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo) prevê que, até 2011, seja eliminada a figura do "gato" nas usinas do Estado de São Paulo.

O protocolo prevê, também, a melhoria do transporte dos bóias-frias, a transparência na aferição, pagamento por produção e cuidados com o trabalhador migrante. De acordo com Jank, com o desemprego que surgirá no campo, o setor entrará em uma nova fase, de requalificação. "A cada ano, 500 novas máquinas entram no campo. Ele [migrante] virá para cá e não achará emprego, a cidade não vai ter emprego. O problema

não é o migrante, mas o emprego local", disse. Para Palvequeres, os cursos de qualificação não serão suficientes para resolver a alta do desemprego.

A política da energia - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 03/04/2008

BRASÍLIA Anova política industrial, que será anunciada dia 15 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dará enfoque especial à área energética, com ênfase em fontes pouco tradicionais, como etanol, biodiesel e energia nuclear. O aumento da produção e o financiamento de projetos que garantam o abastecimento doméstico, tendo em vista as perspectivas de um crescimento mais robusto da economia, fizeram o governo concentrar parte das medidas para esses itens, junto com petróleo e gás, cujas diretrizes já foram programadas pela Petrobras.

Pela versão que está em discussão no governo, no caso do etanol, foram fixadas metas, até 2010, de aumento da produção para 23,3 bilhões de litros, com exportações de 5 bilhões de litros, e de geração de 2.700 megawatts (MW) médios adicionais de energia. Estão reservados R\$ 6,4 bilhões somente do BNDES para o financiamento de projetos que atendam a essas diretrizes. Atualmente, a produção anual de etanol gira em torno de 16 bilhões de litros e as exportações, 2,5 bilhões de litros.

A meta para a produção de biodiesel — cuja adição de 2% ao diesel comum é obrigatória hoje, e subirá para 3% em julho — é de 3,3 bilhões de litros, contra os 176 milhões de litros fabricados hoje. As fontes de recursos para subsidiar o setor são variadas e somam R\$ 1,25 bilhão.

A idéia também é consolidar o país como importante fabricante de combustível nuclear, o que permitiria uma participação competitiva no suprimento de energia elétrica.

Assim, o governo decidiu revitalizar a Nuclep, estatal produtora de equipamentos pesados para o setor, começando pela liberação de linhas de crédito de R\$ 30 milhões.

Material radioativo para diagnósticos - A Nuclep será capacitada para a fabricação de componentes para as novas usinas nucleares — e não apenas para Angra 3, que está no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Segundo uma fonte que trabalha diretamente no assunto, a médio prazo estuda-se a criação de quatro usinas.

— A Nuclep é uma das poucas indústrias do mundo com capacidade de trabalhar com componentes dessa magnitude, mas precisa de atualização tecnológica, de passagem do sistema de controle de máquinas numérico para o digital, enfim, tornar-se mais eficiente — afirmou o presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben), Francisco Rondinelli. — Existe um mercado mundial em forte expansão, com o crescimento das encomendas de reatores. É preciso atender à demanda interna e, ao mesmo tempo, ganhar competitividade no exterior.

Ainda na área nuclear, a nova política industrial prevê a criação da Empresa Pública de Radiofármacos, que contaria, inicialmente, com R\$ 5 milhões. Hoje, a Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) detém o monopólio na fabricação desses produtos.

No entanto, como a instituição funciona como autarquia, o processo de compra de insumos e a possibilidade da participação de empresas privadas no negócio acabam sendo prejudicados. A idéia é desenvolver material radioativo capaz de fornecer rapidamente o

diagnóstico de doenças como câncer e cardiopatias e, ainda, ser usado em algumas intervenções neurológicas.

Em petróleo e gás natural, o governo conta com R\$ 18 bilhões do BNDES para projetos de investimentos de 2008 a 2011 e com o plano de negócios da Petrobras, de US\$ 112,4 bilhões para o período de 2008 a 2012 — US\$ 97,4 bilhões em investimentos domésticos e US\$ 15 bilhões, no exterior.

Uma fonte da estatal, no entanto, disse que esses valores, anunciados em agosto de 2007, deverão ser revistos, tendo em vista as novas descobertas abaixo da camada de sal.

Exportação também será incentivada - Mais ambiciosa do que a anunciada em 2004, quando apenas quatro setores seriam atendidos (semicondutores, fármacos, bens de capital e software) com crédito e desonerações tributárias, a segunda fase da política industrial prevê investimentos da ordem de R\$ 250 bilhões até 2010, grande parte por meio do BNDES. O restante virá de renúncia fiscal, com a redução de impostos e contribuições como IPI, PIS e Cofins. Esse ponto ainda está sendo negociado pelos órgãos envolvidos com a área econômica.

Entre os 24 setores beneficiados, destaca-se a área de tecnologias de informação e comunicação. Software, microeletrônica, displays (mostradores de informação) e o maior acesso à banda larga pela população estão na pauta. Entre os desafios, está a adoção de incentivos fiscais para atrair fornecedores desses produtos para o Brasil, que amarga um déficit de US\$ 6,5 bilhões em decorrência somente das importações de semicondutores e componentes de informática.

Além de incentivar a produção local, a política industrial estará voltada para o aumento das exportações.

Por essa razão, grande parte dos setores a serem contemplados é de manufaturados e semi-elaborados.

Entre outros, estão na lista papel e celulose, automóveis, eletroeletrônicos, informática, têxtil e confecções, calçados, móveis, equipamentos das áreas de defesa, saúde e aeronáutica, indústria naval e bens de capital.

Produção de etanol tem função estratégica para o Brasil - Sítio Eletrônico do MAPA – 02/04/2008

Brasília - (2.4.2008) - O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, disse, nesta quarta-feira (2), que o setor sucroalcooleiro tem duas funções estratégicas para o País: a produção de energia limpa e a disseminação do etanol brasileiro no mercado mundial, como importante gerador de bioenergia. O ministro participou, nesta tarde, da inauguração de um terminal logístico de álcool e açúcar em Sarandi (PR), localizada a 410 quilômetros de Curitiba. A região é estratégica para o transporte dos produtos para o Porto de Paranaguá. *(Da Redação)*

Biocombustíveis serão debatidos na Conferência Regional da FAO, em Brasília – Sítio Eletrônico do MAPA – 04/04/2008

Brasília – As oportunidades e os desafios da produção de biocombustíveis na América Latina e Caribe serão debatidos entre as 33 delegações que participarão da 30ª Conferência Regional para a América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que acontecerá no período de 14 a 18 deste mês, no auditório Embaixador Wladimir Murtinho do Palácio do Itamaraty, em Brasília/DF.

O documento que será discutido durante a Conferência apresenta aspectos importantes sobre a bionergia, especificamente, os biocombustíveis líquidos.

O diretor do Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia, da Secretaria de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Alexandre Strapasson, disse que o País ratificará a posição do País em prol do desenvolvimento sustentável dos biocombustíveis na América Latina e Caribe.

O diretor destaca a sustentabilidade dos biocombustíveis, representados pelo etanol e biodiesel. “Os biocombustíveis são excelentes oportunidades de desenvolvimento na medida em que proporcionam uma matriz energética mais limpa e renovável, geram um produto de maior valor agregado ao produtor rural, podem ser importantes instrumentos para proporcionar autonomia energética em locais isolados, dentre outros benefícios”.

Strapasson lembra que o Brasil é referência mundial em biocombustíveis. “No nosso caso, as oportunidades são grandes devido à vanguarda na produção e uso do álcool combustível e do potencial de expansão sustentável da produção.” O Brasil tem plenas condições de exportar não só biocombustíveis, mas também tecnologia e *know how* para países interessados em desenvolver programas desses combustíveis renováveis. “Muitos países, têm nos procurado para conhecer o programa brasileiro e para tentar implementar nos seus países. Entre os países interessados estão os do Mercosul, além do México e alguns tradicionais produtores de açúcar do Caribe, como Guatemala, El Salvador e Jamaica.

Biodiesel – O Brasil produziu, em 2007, 402 milhões de litros de biodiesel, o que representa uma mistura média de B1 (1% de biodiesel no diesel). A produção foi igual ao consumo de biodiesel. A expectativa para 2008 é de pelo menos 1,05 bilhão de litros de biodiesel, sendo 420 milhões de B2, no 1º semestre, e 630 milhões de litros de B3, no 2º semestre, conforme projeção do Ministério de Minas e Energia.

Etanol - No ano passado, foram produzidos 22 bilhões de litros de etanol. O país consumiu 16,5 bilhões de litros e exportou 3,5 bilhões de litros, principalmente, para os Estados Unidos (860 milhões de litros), Países Baixos (810 milhões de litros) e Japão (365 milhões de litros). (*Inez De Podestà*)

Balanço Emergético é tema de seminário para técnicos do MDA – Sítio Eletrônico do MDA – 08/04/2008

Na próxima sexta-feira (11), a Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA) realiza seminário interno sobre Balanço Emergético e Sustentabilidade: uma comparação dos indicadores de desempenho termodinâmico e social dos monocultivos versus sistema agroecológico. A apresentação do tema será feita pelo professor doutor Enrique Ortega, da Universidade de Campinas (Unicamp), e faz parte da ação de nivelamento conceitual e qualificação da equipe técnica do ministério. O

seminário acontece no auditório do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em Brasília (DF), das 14 às 18 horas.

Emergética - O conceito de energia ou memória energética possibilita a formulação de todos os fatores que contribuem na produção de bens e serviços em um mesmo denominador: a energia da radiação solar equivalente ou necessária para o processo integral de produção. Assim, o que propõe a Emergética é a quantificação e valoração da contribuição da Natureza (fontes de energia renováveis e não-renováveis).

A análise emergética busca contribuir para a discussão de novas políticas públicas que levem à preservação de ativos em capital natural de um país e a uma nova forma de planejar a gestão de produtos, processos e serviços, na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável.

Novos leilões de biodiesel começam nesta 5ª feira – Sítio Eletrônico do MDA – 09/04/2008

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) realiza quinta (10) e sexta-feira (11) dois leilões para a compra de biodiesel. A estimativa é de comercialização de 330 milhões de litros, destinados a abastecer o mercado brasileiro nos meses de julho, agosto e setembro deste ano.

O primeiro dos leilões terá a participação exclusiva de empresas detentoras do Selo Combustível Social, concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) àquelas que promovem a inclusão social de agricultores familiares. Já o segundo será aberto também a outras empresas.

Nesta quinta-feira, as detentoras do Selo Combustível Social disputarão 80% do volume total previsto. Elas deverão entregar envelopes contendo as propostas de preços às 9h na sede da Confederação Nacional do Comércio, no Rio de Janeiro. Os 20% restantes deverão ser comercializados no dia seguinte, no mesmo local e a partir do mesmo horário.

Os dois leilões têm como principal objetivo garantir o cumprimento da legislação, que determina a mistura obrigatória de 2% de biodiesel ao óleo diesel. Essa obrigatoriedade vigora desde janeiro deste ano. Com os pregões, também se busca fortalecer a parceria entre as indústrias e os agricultores familiares, dando seqüência ao processo de ampliação do número de famílias participantes do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

No dia 3 de abril, com o objetivo de formação de estoques de segurança pela Petrobras, já haviam sido comercializados em leilão 100 milhões de litros de biodiesel. Na ocasião, houve a participação apenas de empresas detentoras do Selo Combustível Social. O preço médio foi de R\$ 2,5/litro.

3% de biodiesel no óleo diesel - O percentual de mistura do biodiesel no óleo diesel deve ter acréscimo a partir de 1º de julho – de 2% passa para 3%. Essa obrigatoriedade é uma novidade e já é levada em conta nos dois leilões que estão ocorrendo esta semana. O prazo dos contratos para o fornecimento de biodiesel pelas empresas que vencerem esses leilões também teve alteração – passou de seis meses para três meses.

Para o diretor da Coordenação-Geral de Agregação de Valor e Renda do MDA, Arnaldo Campos, esse aumento na demanda obrigatória do biodiesel é resultado do sucesso do PNPB. “Existem indústrias e agricultores em número, qualidade e quantidade suficientes para sustentar o crescimento”.

Segundo ele, a mudança significará um aumento de aproximadamente 250 milhões de litros no consumo de biodiesel até o final do ano. “Com isso, o consumo de biodiesel, que foi de pouco mais de 400 milhões de litros em 2007, deverá ultrapassar, pela primeira vez, a barreira de um bilhão de litros, colocando o Brasil entre os principais produtores mundiais”, afirma.

Leilões anteriores - Desde que o PNPB foi implantado, em 2003, houve oito leilões para a compra de biodiesel. Eles totalizaram 1,4 bilhão de litros do biocombustível. Apenas neste primeiro semestre de 2008, foram comercializados 480 milhões de litros – todo esse volume foi oriundo de empresas com o Selo Combustível Social.

“Brasil pode conciliar produção de alimentos e biocombustíveis”, afirma ministro Patrus Ananias – Sítio Eletrônico do MDS – 14/04/2008

O Brasil tem condições favoráveis para compatibilizar o aumento da produção de alimentos e o investimento em biocombustíveis. A afirmação é do ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Patrus Ananias, ao destacar que o País tem atuado de forma vigorosa para a erradicação da fome e desnutrição. “Temos garantido o direito básico à alimentação, que é o primeiro degrau do direito à vida”, salientou o ministro durante sua participação na 30ª Conferência Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), nesta segunda-feira (14/04), em Brasília (DF).

Na avaliação de Patrus Ananias, o “Brasil tem muitas terras e potencialidades enormes e pode, ao mesmo tempo, investir no biocombustível e garantir a produção de alimentos”. Para ele, essa forma de energia também contribui para a emancipação dos agricultores familiares. “Podemos compatibilizar as mais vigorosas políticas de agricultura familiar com a geração de energia”, salientou. Esta compatibilidade (produção de alimentos e biocombustível) pode ser comprovada, segundo o ministro, no aumento anual dos recursos destinados ao Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que, em 2008, terá investimento de R\$ 12 bilhões. Patrus Ananias também citou os recursos direcionados ao Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), uma iniciativa do Ministério, que, por um lado, estimula a produção agrícola e de leite e, por outro, destina os produtos adquiridos às famílias mais vulneráveis.

O ministro mencionou ainda a importância do Bolsa Família - presente em 11,1 milhões de lares - para assegurar a alimentação regular à população de baixa renda. “Estamos consolidando uma rede de promoção social”, reforçou o ministro, ao falar de outros programas do Ministério como os Centros de Referência da Assistência Social, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a construção de cisternas e restaurantes populares.

Patrus Ananias, que também destacou a importância do Programa de Alimentação Escolar do Ministério da Educação, ressaltou que a sociedade mundial tem um desafio histórico na emancipação dos povos. “Todo mundo deve ajudar a virar a página da fome, da desnutrição e da miséria extrema”, enfatizou.

Os representantes da delegação brasileira na Conferência deixaram claro que o Brasil acredita no biocombustível e estimula esta produção. Segundo eles, o País tem experiência acumulada com o programa do etanol, anterior a esta discussão, e está disposto a oferecer capacidade para outros países. Participaram deste primeiro dia da conferência, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, o representante da FAO para América Latina e Caribe, José Graziano, e o secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Onaur Ruano.

**João Mendes*

Brasil prepara conferência internacional para debater biocombustíveis - Suelene Gusmão – Sítio Eletrônico do MMA – 08/04/2008

O governo federal está preparando a realização para novembro, na cidade de São Paulo, da Conferência Internacional de Biocombustíveis. Durante cinco dias, representantes de 190 países estarão debatendo o tema com representantes do governo brasileiro, de organismos internacionais, da comunidade científica, empresariado, sociedade civil e Ongs. Entre os países convidados destacam-se os da União Européia, os Estados Unidos, China, Índia e Austrália. De acordo com o secretário de Extrativismo e Desenvolvimento Sustentável do MMA, Egon Krakhecke, este fórum será a oportunidade para o Brasil demonstrar a sustentabilidade da produção de seus biocombustíveis, principalmente do etanol, e apresentar as políticas públicas que vêm sendo implementadas como resposta às restrições internacionais à sua produção.

Os três primeiros dias do fórum serão dedicados a debates abertos, com pelo menos dois grupos temáticos, onde se reunirão personalidades e convidados que vão expor seus pontos de vista. O quarto dia será destinado à reunião ministerial e no quinto dia dedicado à reunião entre os chefes de Estado. "O Brasil tem consciência da liderança internacional que desempenha na questão dos biocombustíveis, principalmente com relação às restrições que se levantam no mundo quanto a sua produção", explicou o secretário.

A organização da Conferência Internacional de Biocombustíveis elegeu na segunda-feira (7) a coordenação-geral do evento que será exercida por um Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), composto, entre outros, pela Casa Civil, ministérios das Relações Exteriores, de Minas e Energia, do Meio Ambiente, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, da Ciência e Tecnologia, do Desenvolvimento Agrário, BNDES, Apex e Secom.

Geopolítica e sociedade no caminho do etanol brasileiro – Ricardo Abramovay – Valor Econômico – Opinião - 04/04/2008

Apesar de sua eficiência energética, o etanol brasileiro é apenas uma entre inúmeras alternativas para reduzir o efeito estufa e descarbonizar a matriz energética mundial no setor de transportes. O último livro de Lester Brown (Plan B 3.0 Mobilizing to Save Civilization) chega a repudiar os chamados biocombustíveis de primeira geração (etanol e biodiesel) e não hesita em afirmar que a humanidade já possui tecnologias para "reestruturar a economia energética mundial e estabilizar o clima".

Robert Bell em *The Green Bubble - Waste into Wealth - The New Energy Revolution* (Ed. Scali) mostra, estudando o comportamento do próprio mercado acionário, que os investimentos em energia eólica, solar e fotovoltaica, bem como a rapidez das inovações nos motores dos veículos, não sugerem que o petróleo será simplesmente substituído pelas modalidades hoje conhecidas de energia derivadas da agricultura. A empresa indiana Tara, pertencente ao grupo Bengal Enamel (fabricante de utensílios domésticos) anunciou recentemente, em parceria com a chinesa Aucma (fabricante de geladeiras, freezers e carros elétricos para golfe), a fabricação do Tiny, um automóvel mais barato que o famoso Tata indiano e que deve funcionar com eletricidade, podendo ser carregado com bateria de 220 volts. O avanço representado pela bateria de hidreto metálico de níquel (NIMH, da sigla em inglês) e pelas de lítio-ion indica que alguns dos problemas tecnológicos que se opõem ao uso dos motores elétricos no transporte individual parecem estar a caminho da solução.

Competitividade nos preços e eficiência energética não bastam para que o etanol se afirme como alternativa viável na transição para o fim da era do petróleo

Estas tecnologias ainda não ganharam escala comercial e, portanto, não condenam o esforço brasileiro - do setor privado e do governo - de fazer do etanol uma commodity reconhecida internacionalmente. A maior parte das soluções já operacionais tem ainda alguns anos pela frente - ninguém sabe quantos - para se afirmarem comercialmente. Isso traz uma inegável vantagem ao álcool brasileiro. Só que eficiência energética e competitividade nos preços não bastam para que o etanol de cana-de-açúcar se afirme como alternativa viável na transição para o fim da era do petróleo. Transformar o álcool em commodity supõe duas difíceis conquistas. Uma de natureza geopolítica, a outra de natureza social.

A conquista geopolítica só poderá ser alcançada se outros países, além do Brasil e dos Estados Unidos, adquirirem peso considerável na oferta de etanol. Nenhuma nação - a começar pelos EUA - vai aceitar a dependência de um produto totalmente fabricado fora de suas fronteiras. Esta é, aliás, uma das razões que explica a opção aparentemente irracional, por parte dos norte-americanos, de investir no etanol de milho - além, é claro, do fato de este setor ser totalmente dominado pelos grandes grupos econômicos do agronegócio, muitos dos quais são investidores no próprio etanol brasileiro. Produzido nos EUA, o milho pode ser igualmente comprado no mercado mundial, o que não acontece com a cana-de-açúcar, que não pode ser armazenada ou exportada in natura. Para que o etanol brasileiro amplie seu espaço na mudança dos padrões energéticos do mundo contemporâneo, é necessário, paradoxalmente, que a oferta se pulverize entre diversos países. Isso não tem nada de trivial, já que o etanol supõe não apenas clima, solo, água e sol, mas também competências, infra-estruturas e mercados que não se improvisam.

O segundo desafio é ainda mais difícil e envolve outro paradoxo. Para se afirmar enquanto commodity, o etanol brasileiro terá que enfrentar a crescente polêmica em torno da viabilidade socioambiental dos biocombustíveis. É imensa a confusão neste debate. O próprio Comissário Especial sobre Direito à Alimentação das Nações Unidas, Jean Ziegler - pregador da moratória dos biocombustíveis há alguns meses - separou o álcool brasileiro daquilo que os críticos consideram, para empregar o título de um documento recente da OCDE, "curas piores do que a doença". Mas a verdade é que a afirmação do etanol brasileiro no mercado mundial, enquanto commodity, supõe seu reconhecimento como bem singular, ou seja, seu rastreamento e sua certificação. Tanto quanto a marca de uma grande empresa, o produto terá que ser legitimado por diversas qualidades imateriais, o que, nem de longe, deriva imediatamente de seus atributos energéticos e econômicos. Deriva, sim, da negociação permanente com um leque cada vez maior de stakeholders interessados nos processos de fabricação do etanol e da capacidade de exprimir este diálogo polêmico nas regras de funcionamento do mercado.

O álcool é commodity, mas ele terá que ser caracterizado por qualidades, por particularidades que revelem seu conteúdo social e ambiental. Isso impõe ao setor privado, ao governo e às organizações voltadas a temas socioambientais desafios que marcam, cada vez mais, a gestão dos mercados. Por um lado, a rastreabilidade amplia a vulnerabilidade do produto já que passam a ser maiores as chances de contestação por parte da sociedade civil em torno de seus processos de fabricação e uso. Ao mesmo tempo, a certificação é o meio para reduzir este risco de reputação e traz vantagens importantes, pois sinaliza tanto aos envolvidos nos processos produtivos como aos investidores (e até às companhias de seguro) visibilidade no funcionamento do setor. Além disso, a certificação baseada em ampla participação social tende a atrair para o sistema empresas inicialmente relutantes quanto a seus efeitos economicamente positivos. Para isso, porém, é fundamental que a certificação não se confunda nem com controle interno de qualidade, nem com a vigilância de entidades representativas do setor. Ela só é efetiva quando levada adiante por terceiros e negociada com um amplo conjunto de atores que vão muito além dos interessados comercialmente nos destinos da empresa e do setor. O livro recente de Michael Conroy (Branded! How the 'Certification Revolution' is Transforming Global Corporations - New Society Publishers) é uma importante referência internacional para compreender o processo incipiente, mas tão rico, que vem fazendo de diversas organizações da sociedade civil protagonistas importantes na construção social dos mercados. ***Ricardo Abramovay é professor Titular do Departamento de Economia da FEA/USP, coordenador de seu Núcleo de Economia Socioambiental e pesquisador do CNPq.** www.econ.fea.usp.br/abramovay/

É preciso mudar a matriz elétrica brasileira - Adriano Pires e Rafael Schechtman – Valor Econômico – Opinião - 07/04/2008

A recente ameaça de um novo racionamento de energia elétrica com reflexos sobre o mercado de gás natural mostrou a necessidade de diversificação das fontes da geração do sistema elétrico brasileiro. Em 2006, quase 92% da geração de energia e 84% da capacidade instalada no Brasil proveio de recursos hídricos. O país ora depende de São Pedro para manter hidrelétricas funcionando, ora precisa racionar o suprimento de gás

natural aos consumidores para acionar as termelétricas. Continuar fazendo mais do mesmo já não basta. Essa questão não foi enfrentada pelo governo FHC e tampouco vem sendo pelo governo Lula.

A diversificação da matriz elétrica brasileira deve ser empreendida com muita cautela, evitando-se adotar modelos de países desenvolvidos que apresentam matrizes energéticas com características bastante distintas da nossa. Ao contrário do que ocorre nesses países, a capacidade de geração brasileira precisa crescer a passos monumentais. Enquanto o nosso consumo de energia elétrica deve aumentar mais do que 5% ao ano, a taxa europeia é da ordem de 2%. Esse baixo ritmo de crescimento possibilita aos europeus construir usinas solares e eólicas para substituir usinas termelétricas e nucleares cuja operação aproxima-se do final da vida útil. Em muitos casos, a retirada dessas usinas tem sido acordada pelos países da Comunidade Econômica Europeia, pois devido à geografia do continente, a poluição das termelétricas ou o risco de acidentes nucleares são problemas que envolvem todos os países e não apenas os países onde se situam estas usinas. Além disso, os programas de energia renovável nos países desenvolvidos têm por detrás grandes volumes de subsídios ou a obrigatoriedade de compra de energia destas fontes por parte dos distribuidores. Em ambos os casos, isso tem levado a aumentos significativos nas tarifas pagas pelos consumidores ou nos impostos pagos pela sociedade.

Apesar de investir fortemente em programas de energias alternativas, os países europeus, se comparados ao Brasil, ainda estão engatinhando no uso de fontes renováveis. Na Alemanha, país sempre citado como exemplo do uso de fontes renováveis, apenas 10% da energia elétrica é produzida por estas fontes, aí incluídas as hidrelétricas. Enquanto isso, no Brasil, a as usinas hidroelétricas e a bagaço de cana, este último ainda subutilizado, produziram mais de 90% da eletricidade gerada no país sem usufruírem de qualquer subsídio.

A diversificação do parque gerador brasileiro passa por uma participação maior de usinas termelétricas, não a óleo combustível e diesel, mas a bagaço de cana, carvão mineral e nuclear. A geração a bagaço de cana começa a se tornar realidade no país, a partir do momento em que o governo passou a compreender as especificidades do setor sucroalcooleiro. Estima-se que, com o aproveitamento eficiente do bagaço na geração de energia elétrica, o setor sucroalcooleiro apresenta um potencial de 9 mil MW.

Enquanto nosso consumo de energia elétrica deve aumentar mais do que 5% ao ano, a taxa europeia é da ordem de 2%

Mas é no uso da geração a carvão e nuclear que o país precisa recuperar o tempo perdido. Estas usinas têm como grande vantagem operarem na base da curva de carga do sistema elétrico, assim como as hidrelétricas. A tecnologia das usinas a carvão sofreu grandes avanços desde os anos 70, quando o seu uso na geração de energia cresceu significativamente em substituição aos derivados do petróleo. A associação da geração a carvão à emissão de fuligem, à chuva ácida e aos danos à saúde é hoje mais mito do que realidade. As usinas atuais, com caldeiras convencionais ou sistemas de leito fluidizado, empregam tecnologias que filtram os gases de exaustão, eliminam substancialmente o enxofre dos efluentes e minimizam a formação e a emissão de óxidos de nitrogênio. Com isso, o seu nível de emissão é comparável ao das termelétricas a gás natural. As reservas de carvão brasileiras totalizam 27 milhões de toneladas, das quais 6,5 milhões de toneladas seriam hoje lavráveis. Com esta reserva, seria possível instalar 25 mil MW de geração

operando durante 30 anos. Outra grande vantagem do carvão é que, ao contrário do petróleo e do gás natural, as reservas mundiais encontram-se mais dispersas geograficamente, com nenhum país possuindo mais do que 30%, e em regiões onde há um baixo risco de tensão geopolítica. A questão da emissão de gás carbônico não deve ser vista como um impedimento ao uso da geração a carvão pelo Brasil. O setor energético do país, ao utilizar a hidro e a bioeletricidade, o etanol e o biodiesel, contribui pouco para o aquecimento global em comparação com outros países.

A aceitação da energia nuclear é crescente no mundo, possuindo entre seus adeptos ambientalistas que vêm na tecnologia a única forma de minimizar as emissões de gás carbônico na produção de eletricidade e os seus impactos sobre o clima da Terra. O desenvolvimento de reatores inerentemente seguros minimiza o risco de acidentes como os que ocorreram no passado. Apesar de ter prospectado apenas 30% do seu território, o Brasil tem a sexta maior reserva de urânio do mundo, de 310 mil toneladas, o suficiente para gerar 35 mil MW durante quatro décadas. Para que o país aumente a suas reservas do minério, é necessária uma política para o setor nuclear que contemple a flexibilização do monopólio do Estado na exploração do urânio. Com o incremento da produção de urânio e o domínio do processo de enriquecimento, o Brasil passaria a fazer parte de um seleto grupo de países exportadores de combustível nuclear.

O fantasma da crise de suprimento de energia elétrica ocorrida em 2001 e dos eventos que levaram às restrições recentes no suprimento de gás natural permanecerão pairando sobre o país a cada período de estiagem, caso a matriz elétrica brasileira mantenha seu baixo grau de diversificação. Apesar de ser preciso criar condições para elevar a participação das energias eólica e solar na nossa matriz, não podemos abrir mão de outras tecnologias que hoje estão disponíveis a custos compatíveis com o nível de renda do consumidor brasileiro de energia elétrica. Sem uma participação significativa da geração termelétrica a carvão mineral e nuclear teremos que orar cada vez mais fervorosamente para São Pedro ou nos aprimorarmos na dança da chuva. ***Adriano Pires e Rafael Schechtman são diretores do Centro Brasileiro de Infra Estrutura (CBIE).**

Deputados temem que MP eleve tributos sobre álcool - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Brasil - 10/04/2008

A ausência de representantes da Receita Federal e a tímida defesa da Medida Provisória (MP) 413 pelos deputados da base governista marcaram a audiência pública realizada na Comissão de Minas e Energia da Câmara, ontem, para discutir a concentração da cobrança do PIS e Cofins de toda a cadeia produtiva do álcool nas usinas. A maioria dos parlamentares mostrou que teme um aumento da carga tributária sobre os produtores.

O deputado Antonio Palocci (PT-SP) disse que está preocupado com a neutralidade econômica da MP 413 em relação à formação de preços da cadeia produtiva do álcool. "Não é uma cadeia banal. É uma das mais importantes do mundo. Um erro, agora, vai custar muito ao país e ao consumidor", alertou o ex-ministro da Fazenda.

Para o relator, Odair Cunha (PT-MG), a expectativa é aprovar a MP 413 em plenário na quarta-feira da semana que vem. Na sua avaliação, o governo não vai permitir a elevação da carga sobre o álcool porque, nessa hipótese, o impacto seria inflacionário. Ele espera que seja repetida a estratégia dos preços da gasolina, mantidos estáveis apesar do expressivo aumento do petróleo no mercado internacional.

O líder do governo na Câmara, Henrique Fontana (PT-RS), confirmou que a orientação para a base aliada é trabalhar pela aprovação da MP 413 preservando o texto enviado pelo Executivo. Mas alguns parlamentares já articulam uma transição mais lenta para o regime de cobrança de PIS e Cofins nas usinas. A assessoria da Receita informou que a Comissão de Minas e Energia não enviou convites para a audiência de ontem.

O ponto mais polêmico da MP 413 é a norma que define as alíquotas máximas sobre a receita bruta das usinas: 3,75% (PIS) e 17,25% (Cofins). Os produtores e importadores poderão optar por regime especial de apuração, com alíquotas específicas de R\$ 58,45 (PIS) e R\$ 268,80 (Cofins) por metro cúbico de álcool. Se a MP for convertida em lei sem alterações, um decreto presidencial teria de ser publicado para determinar as alíquotas de toda a cadeia que serão pagas pelos usineiros. Os produtores de álcool alegaram que, na melhor das hipóteses, sua carga será elevada em 300%.

Essa é a visão do presidente da União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica), Marcos Sawaya Jank. "Estamos apavorados com o aumento da tributação no momento da maior safra da história. Seria um desastre." Ele argumentou que o maior concorrente das usinas é o monopólio da Petrobras e o setor teme perder as vantagens tributárias - suspensão da Cide e redução do ICMS em São Paulo - porque o álcool tem impactos ambientais e sociais positivos.

Na opinião do vice-presidente executivo do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom), Alísio Vaz, o temor de aumento da carga é injustificado. Ele argumentou que nos mercados da gasolina e do diesel, incluindo o biodiesel, o modelo é o da concentração da tributação nas refinarias e produtores e, igualmente, não houve aumento da carga. "O governo do presidente Lula é um entusiasta do álcool e dos biocombustíveis. Na minha visão, é inconcebível um aumento da tributação", apostou.

O objetivo do Sindicom e da Federação Nacional do Comércio de Combustíveis (Fecombustíveis), ao defenderem a MP, é reduzir o que chamam de "brutal" sonegação que ocorre no segmento das distribuidoras de álcool. Vaz informou que, em 2007, a sonegação atingiu R\$ 1 bilhão, valor equivalente a 25% do mercado. Para a Receita, o mais importante é transferir a responsabilidade do pagamento dos tributos à empresas mais sólidas, com patrimônio para suportar eventuais cobranças judiciais.

Brasil prepara defesa ampla do etanol - Raquel Ulhôa – Valor econômico – 14/04/2008

Para enfrentar a onda de rejeição ao uso dos biocombustíveis na Europa, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende montar um contra-ataque, sustentado principalmente por uma rede de informações maciça. A estratégia envolve não só órgãos governamentais, mas também empresários brasileiros do setor sucroalcooleiro, interessados em atrair investimentos europeus.

O usineiro Maurílio Biagi, um dos maiores do país e dirigente da Unica, que acompanhou Lula na viagem para a Holanda, diz que essa é uma luta de Davi contra Goliath, "porque existe uma hipocrisia muito forte com relação ao etanol". "Nunca vamos ter uma estrutura para conseguir combater essa grande onda, que vem de uma hipocrisia muito forte. Nenhuma crítica é justificada. Nem a ambiental, nem a social, nem a econômica".

A Unica - a associação paulista do setor - já tem um escritório em Washington, trabalhando para difundir informações sobre o etanol e abriu recentemente um escritório em Bruxelas, onde funciona a Comissão Européia, para fazer essa ponte direta com os europeus.

"Deveríamos ter essa estratégia de informação junto à Comunidade Européia", defendeu o dirigente da Unica. "Hoje vivemos uma civilização do petróleo. Quando surge uma coisa nova, a reação é enorme. Somos o único país do mundo em que o consumidor pode chegar à bomba e escolher entre um combustível fóssil, que é a gasolina, ou renovável, que é o álcool. E normalmente opta pelo álcool, porque custa quase a metade. Nós conseguimos, com o combustível alternativo, concorrer com o fóssil, o que era inimaginável anos atrás."

A preocupação de Lula com a crescente resistência ao etanol na Europa esteve presente em todos os seus discursos e conversas na Holanda. Governo e empresários holandeses deixaram claro ao presidente brasileiro que o mercado europeu só se abrirá para o biocombustível se ele obtiver uma certificação de que sua produção é ecológica e socialmente correta. Lula pediu a colaboração dos holandeses para elaborar os critérios e formatar essa certificação.

Ao encerrar o seminário "Brasil-Países Baixos, Oportunidades de Negócios", Lula fez uma pregação das vantagens do etanol como fonte energética alternativa ao petróleo e convidou os holandeses a "renovar a aposta na cana e nos biocombustíveis brasileiros". Ele disse aos empresários que acusar a produção de biocombustíveis como responsável pelo aumento da inflação é "uma falácia, uma mentira deslavada". E repetiu à exaustão, ao governo holandês e aos investidores, que, no Brasil, é possível compatibilizar a produção da cana com a de alimento.

O ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, voltou otimista da viagem porque, segundo ele, toda a resistência ao etanol resulta de desinformação. Ele recebeu a determinação do presidente de criar uma força-tarefa - com os ministérios do Meio Ambiente, Agricultura e Desenvolvimento Agrário - para montar essa estratégia de informação, que visa principalmente a convencer a opinião pública européia.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Biodiesel

Registro - Cooperação em Bionergia - Gazeta Mercantil – 02/04/2008

O ministro da Agricultura da Suécia, Eskil Erlandsson disse ontem estar satisfeito com o fato de que a questão do embargo da carne brasileira por parte da União Européia (UE) esteja a caminho de ser resolvida. Erlandsson falou, ainda, de uma possível parceria entre os dois países em pesquisas de sustentabilidade para a bioenergia. "Minha esperança é que possamos cooperar com o Brasil nessa área [de bioenergia], já que somos um dos maiores importadores do álcool brasileiro dentro da União Européia", afirmou o sueco, após reunião com o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes e sua equipe técnica. Stephanes disse que o país está aberto a parcerias na área e ressaltou que o governo tem a preocupação de que a produção de bioenergia não dispute espaço com a de alimentos. Em relação ao embargo da carne, Stephanes disse que "o Brasil errou muito em assumir alguns compromissos e em não cumpri-los, mas tem que ficar claro que, após essa parte [de honrar os compromissos assumidos], vamos rediscutir as negociações com a UE". O ministro brasileiro disse ao colega sueco que o Brasil exporta carne para 180 países e que nunca houve reclamação de problemas sanitários. Segundo o ministro, o objetivo, agora, é cumprir os compromissos para recuperar a confiança pelos erros praticados e, depois, rediscutir as negociações com a UE.

Produção de cereal atingirá recorde, diz FAO – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008

A produção mundial de cereais deverá atingir recorde com um aumento de 2,6% neste ano, num momento em que os agricultores expandem suas áreas cultivadas, disse a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

Os produtores rurais deverão colher 2,164 bilhões de toneladas de grãos em 2008. A maior parte desse acréscimo na produção será constituída por trigo, disse a FAO em relatório divulgado ontem.

Os contratos de trigo negociados em Chicago quase duplicaram de preço nos últimos anos, alcançando um recorde em 27 de fevereiro, em parte devido ao excesso de chuvas registrado nos Estados Unidos em 2007 e à seca observada no Canadá e na Austrália, que reduziram os estoques mundiais. Como resultado dessa queda de estoques, os países mais pobres deverão gastar 56% mais com grãos neste ano em comparação com o ano passado. Segundo a FAO, 37 países se defrontam com "crises alimentares".

"A inflação dos preços dos alimentos prejudica mais os pobres, uma vez que a parcela do total de seus gastos voltada para a alimentação é muito maior do que a das populações de maiores posses", disse Henri Josserand, representante da FAO.

Os alimentos respondem por 10% a 20% dos gastos do consumidor nas nações industrializadas. Nos emergentes, muitos dos quais os países desenvolvidos são importadores líquidos de alimentos, esse percentual sobe para 60% a 80%.

"As condições favoráveis do clima serão ainda mais decisivas na próxima safra, pelo fato de as reservas mundiais de cereais terem sofrido uma redução drástica", disse a FAO.

Etanol

Sarkozy acusa Brasil de dumping em biocombustível – Folha de São Paulo – Dinheiro - 04/04/2008

O presidente francês, Nicolas Sarkozy, acusou os governos do Brasil e dos EUA de praticarem "dumping fiscal sem precedentes na produção de biocombustíveis", segundo a BBC Brasil. Segundo ele, "a Europa não pode ignorar os dispositivos de apoio implementados por esses dois países para desenvolver certos biocombustíveis". Sarkozy fez as declarações durante uma reunião da principal federação sindical agrícola da França, a FNSEA.

O consultor do presidente francês para questões agrícolas, Christophe Malvezin, reforçou as críticas de Sarkozy à política do Brasil para o setor. "A política fiscal do governo brasileiro, de reduzir os impostos no setor, incita os consumidores a utilizarem álcool e comprarem carros movidos a álcool. E reduz os encargos das empresas que produzem biocombustíveis e carros, criando distorções no mercado." Malvezin diz que a redução de impostos equivale a uma ajuda direta aos fabricantes de biocombustíveis. "É preciso parar de ser ingênuo."

Combate à pobreza tem revés com alta agrícola – Chris Bryant e Javier Blas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008

Biocombustível é responsabilizado, em parte, por preço mais alto de alimentos - Banco Mundial, ONU e FMI alertam de que há riscos a conquistas na última década em ações contra a fome em países mais pobres

A alta nos custos dos alimentos básicos gera o risco de eliminar os avanços conquistados por uma década de esforço no combate à pobreza mundial, e pode deflagrar novos tumultos nos países mais pobres, alertaram ontem importantes organizações multilaterais.

O Banco Mundial, a ONU (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentos) e o FMI (Fundo Monetário Internacional) concluíram unanimemente que o apetite por biocombustíveis era parte do motivo para o aumento no preço dos alimentos. Mas disseram também que o maior consumo nos países em desenvolvimento e o que o Banco Mundial descreveu como "sensação de complacência" com relação ao investimento em agricultura ao longo das últimas duas décadas também são parte do problema.

Nos últimos 20 anos, diversos países em desenvolvimento se tornaram importadores de alimentos, em termos líquidos, devido ao crescimento do consumo interno e a uma desaceleração no avanço da produtividade agrícola. O Banco anunciou em nota sobre as opções de política alimentícia, endereçada a uma reunião de ministros de finanças que acontecerá em Washington nesta semana, que a alta nos preços ameaçava reverter os avanços conquistados no combate à pobreza.

"Para muitos países e regiões nos quais o progresso quanto a reduzir a pobreza vem sendo lento, o impacto negativo dos aumentos nos preços dos alimentos sobre a pobreza pode cancelar os avanços conseguidos nos últimos cinco ou dez anos, pelo menos em curto prazo", afirma o Banco.

O alerta da instituição surgiu no momento em que a FAO advertia que os tumultos quanto ao preço dos alimentos que se vêm expandindo em países como Haiti e Costa do Marfim podem se generalizar. Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, disse que "existe o risco de que essa inquietação venha a se espalhar para países nos quais 50% a 60% da renda é dirigida à compra de alimentos". A maior parte dos países da África ao sul do Saara e alguns países do Sudeste Asiático se enquadram nessa descrição.

Pressa - As autoridades mundiais correm em busca de uma resposta coerente, em meio a distúrbios causados pela alta nos preços dos alimentos em países em desenvolvimento e à imposição de controles de exportação sobre itens mais escassos. As negociações ganham ritmo à medida que se torna claro para os governantes que os aumentos de preços nas commodities agrícolas são estruturais.

O Banco Mundial disse que os preços dos alimentos continuariam elevados em 2008 e 2009, e que não retornariam ao nível do começo dos anos 2000 antes de pelo menos 2015.

Os preços médios da comida subiram em média 45% nos últimos nove meses, criando problemas agudos. O FMI alertou de que novos aumentos são possíveis, em curto prazo, acrescentando que, embora os ciclos dos preços no passado tenham durado em média três anos, com a oferta respondendo rapidamente às alterações nas condições de procura, o ciclo atual provavelmente durará mais tempo.

O motivo para isso é que a procura por alimentos deve continuar a crescer rapidamente por algum tempo, devido ao aumento da produção de biocombustíveis nos Estados Unidos e na União Européia, e dada a demanda forte e continuada das economias emergentes e em desenvolvimento.

Ainda que não tenha feito críticas explícitas a políticas adotadas pela instituição no passado, o Banco Mundial apontou que seu financiamento a projetos agrícolas havia caído a 12% do total de empréstimos concedidos, no ano passado, ante 30% em 1980.

Antes que novos investimentos em agricultura amadureçam, nos próximos dez anos, disse o Banco Mundial, a melhor maneira de ajudar a reduzir os preços internos e melhorar a segurança alimentar seria que os países continuassem a reduzir tarifas de importação e outras taxas sobre alimentos básicos e, ao mesmo tempo, promovessem transferências direcionadas de fundos a grupos sociais vulneráveis. *Tradução de **PAULO MIGLIACCI**

"Superinflação" ameaça combate à fome, diz Banco Mundial – Fernando Canzian –
Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

A economia global enfrenta explosão geral no preço dos alimentos. Essa onda inflacionária acumula alta de 83% nos últimos 36 meses e vem reduzindo os estoques de alimentos no mundo ao seu menor nível em mais de duas décadas e meia. Além de estrutural, a rápida expansão dos preços já compromete as metas internacionais de erradicação da fome e miséria em vários países e ameaça levar algumas economias a crises externas.

Em 2007, a conta com a importação de alimentos nos países em desenvolvimento subiu 25%, ao mesmo tempo em que os preços atingiram o seu maior nível em mais de uma geração. "Enquanto alguns estão preocupados em encher o tanque de seus carros com um petróleo cada vez mais caro, muitos ao redor do mundo se debatem para forrar seus estômagos. E isso fica mais difícil a cada dia", disse Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial.

"Em Bangladesh, um saco de arroz de dois quilos consome hoje quase a metade da renda diária de uma família pobre. Já o preço do trigo subiu 120% no ano passado, o que significa uma duplicação no preço do pão", disse em Washington.

O diretor do Departamento para Redução da Pobreza na América Latina, Marcelo Gingale, qualificou como uma "tempestade perfeita" o atual cenário para o setor de alimentos. A explosão de preços ocorre por vários motivos:

1) Aumento da produção de biocombustíveis e manutenção de subsídios nessa área entre os países ricos, como os EUA.

2) Incremento nos custos no setor agropecuário com alta do petróleo e dos fertilizantes.

3) Enriquecimento e mudança na dieta em países como China, Índia e Brasil. Ao ter mais renda disponível, esses consumidores passam a comer mais proteína (carnes), cuja produção exige carboidratos (grãos).

4) Mau tempo e quebra de safra em vários países.

5) A crise e a insegurança atual nos mercados de ações estariam levando muitos investidores a apostar em Bolsas de mercadorias que negociam contratos futuros, muitos lastreados em preços de commodities, como alimentos e metais, inflando os preços.

O Banco Mundial citou a necessidade de expansão de programas sociais como o Bolsa Família brasileiro em outros países para mitigar o problema.

Nesse novo cenário de demanda global e preços em alta, Gingale diz que o grande desafio (e oportunidade) para países produtores como o Brasil é aumentar o valor agregado das exportações (vender carne industrializada em vez de "in natura", por exemplo) e reduzir os custos logísticos.

O banco calcula que esses custos logísticos na América Latina consumam US\$ 0,30 de cada dólar exportado. Nos países europeus, a perda média seria de US\$ 0,19.

Em relação aos biocombustíveis, o FMI estima que mais da metade do aumento da demanda por milho em todo o mundo nos últimos três anos teve como causa o crescimento da produção de álcool nos EUA.

Zoellick também citou o Brasil como produtor de biocombustível, mas ressaltou que o álcool a partir da cana-de-açúcar é o que traz mais "benefícios em termos de produção de energia e em relação a questões ambientais".

O americano também disse que o Brasil deverá ajudar técnicos do Banco Mundial a transferir tecnologia na área de produção agrícola para programas em outros países em desenvolvimento.

Nos países asiáticos, por exemplo, onde a base da alimentação é o arroz, o preço do cereal vem consumindo cada vez mais a renda disponível das famílias. O grão subiu quase 150% nos últimos 12 meses.

Alguns países já enfrentam distúrbios sociais por causa da alta dos alimentos. Zoellick afirmou que a recente explosão nos preços dos alimentos deve provocar o não-cumprimento de uma série das chamadas Metas do Milênio, um conjunto de objetivos para melhorar os indicadores sociais de vários países até 2015.

Também pediu a colaboração dos países-membros do Banco Mundial para levantar mais US\$ 500 milhões para cobrir o rombo que a inflação de alimentos já provocou no programa da ONU destinado a combater a fome no mundo.

Segundo Zoellick, ao menos 33 países (onde mais da metade da renda das famílias é comprometida com alimentos) correm hoje o risco de instabilidade social e institucional por conta desse aumento de preços.

FAO ataca produção de biocombustíveis – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2008

Ziegler, relator da ONU, afirma que fabricação em massa do produto é "crime contra a humanidade" -A FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) alertou ontem de que a produção de biocombustíveis pode colocar em risco o acesso a alimentos pelos setores sociais mais pobres da América Latina e do Caribe.

"Isso [expansão dos biocombustíveis] pode ocasionar mudanças na demanda, no comércio exterior, na destinação de insumos produtivos -terra, água, capital etc.- e, finalmente, um aumento nos preços dos cultivos energéticos e tradicionais, pondo em risco o acesso aos alimentos para os setores mais pobres", diz trecho do documento da organização.

O assunto foi discutido ontem no primeiro dia da 30ª Conferência Regional da FAO para América Latina e Caribe, que vai até sexta-feira no Itamaraty, em Brasília. "Não temos, neste momento, propostas, soluções imediatas. Não existem fórmulas rápidas para a solução de um tema que tem várias questões envolvidas", afirmou Guilherme Schultz, um dos técnicos da FAO envolvidos no estudo.

No caso do Brasil, a experiência nacional com álcool de cana-de-açúcar é vista como exemplo pelos 30 anos de erros e acertos resultando na tecnologia flex para automóveis.

Já os EUA, que destinarão 31% da safra de milho para álcool, foram alvo de críticas. "Não é o cultivo mais adequado tecnicamente para produzir álcool", disse Schultz. Segundo o secretário de Relações Internacionais do Agronegócio, Célio Porto, a Europa também distorce o comércio de alimentos com subsídios para a produção de biocombustíveis e tarifas na importação de produtos agrícolas. "O Brasil produz sem subsídio e de uma forma que não compete com alimentos", afirmou.

Ontem, o relator especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, considerou crime contra a humanidade a produção em massa de biocombustíveis. Em resposta, Porto disse que os EUA e a Europa são os autores desse crime. "Pode ser [crime] nos países que estão desviando área de alimentos para biocombustíveis, como os Estados Unidos e a Europa. No Brasil, não. Aqui é auto-sustentável."

Para Ziegler, a queima de centenas de milhares de toneladas de trigo, cereais, arroz e outros produtos para produzir biocombustíveis é um fator primordial para as altas do preços dos alimentos. No entanto, ele admitiu que os combustíveis não são os únicos responsáveis.

Apesar de estrategicamente, e em relação à proteção do clima, haver argumentos favoráveis aos biocombustíveis, o relator disse que eles perdem a validade diante da ameaça de catástrofe humanitária.

"Os argumentos não têm validade diante do desastre que nos ameaça. Hoje, o uso e fomento dos biocombustíveis é um crime contra a humanidade", afirmou.

Outros fatores apontados pelo relator da ONU para a disparada da inflação dos produtos alimentícios foram a especulação dos mercados e a política do FMI (Fundo Monetário Internacional), que, segundo ele, obriga muitos países em desenvolvimento a priorizar sua produção agrícola para a exportação ao mesmo tempo em que têm uma economia voltada à subsistência.

Biocombustível é 'crime contra Humanidade' – O Globo – Capa – 15/04/2008

O relator da ONU pelo direito à alimentação, Jean Ziegler, classificou a produção maciça de biocombustíveis de “crime contra a Humanidade”. O alvo foram os EUA, mas ele citou “grandes emergentes”. Para o governo, a crítica não se aplica ao Brasil. Página 20

Relator da ONU acusa biocombustível de ser 'crime contra a Humanidade' – O Globo – Economia – 15/04/2008

Em entrevista a jornal francês, Jean Ziegler critica EUA e grandes emergentes PARIS e WASHINGTON. O sociólogo suíço Jean Ziegler, relator especial da ONU pelo direito à alimentação, classificou a produção maciça de biocombustíveis de “crime contra a Humanidade” e “hecatombe anunciada”, em entrevista publicada ontem pelo jornal francês “Libération”.

O principal alvo das críticas de Ziegler foram os Estados Unidos, devido a seus subsídios agrícolas, mas ele também citou os “grandes emergentes”, sem esquecer o Fundo Monetário Internacional (FMI) — que, no fim de semana, chegou a alertar para o risco de distúrbios sociais por causa da alta dos alimentos.

“Quando alguém inicia, nos Estados Unidos, graças a US\$ 6 bilhões em subsídios, uma política de biocombustíveis que drena 138 milhões de toneladas de milho do mercado

de alimentos, estão estabelecidas as bases de um crime contra a Humanidade por sua própria sede de combustíveis”, disse Ziegler ao “Libération”.

Planos de ajuste do FMI não escapam das críticas Citando o que a imprensa francesa está chamando de “revoltas da fome” — caos social no Haiti, brigas por pão no Egito, campos de arroz vigiados por militares na Tailândia —, Ziegler afirmou que a responsabilidade por isso é “a indiferença dos mestres do mundo, países ricos ou grandes emergentes”. “Podemos compreender o desejo do governo Bush de se livrar da influência dos combustíveis fósseis importados, mas é desestabilizador para o resto do mundo. E quando a União Européia decide elevar a proporção dos biocombustíveis a 10% em 2020, ela joga o fardo sobre os camponeses africanos”, afirmou Ziegler.

Mesmo reconhecendo haver fatores climáticos — seca na Austrália — e de desenvolvimento — maior consumo de alimentos em China e Índia —, o relator da ONU afirmou que a disparada dos preços é estrutural, não conjuntural. Ele lembrou que, quando o preço do arroz sobe 52% em dois meses, e o dos cereais, 84% em quatro meses, dois bilhões de pessoas são jogadas na pobreza.

“Antes mesmo da disparada dos preços, 854 milhões de pessoas estavam gravemente desnutridas! É uma hecatombe anunciada”, disse Ziegler.

Ele afirmou ainda que os planos de ajuste estrutural do FMI impõem aos países pobres uma agricultura de exportação que lhes permita pagar suas dívidas para com os bancos das nações ricas. “Junte a isso os subsídios agrícolas à exportação que pressionam os mercados agrícolas locais, e chegamos a uma situação explosiva”, acrescentou.

Ministros da AL pedem soluções a Bird e Fundo Ecoando as declarações de Ziegler, o ministro de Agricultura francês, Michel Barnier, disse ontem que a produção de alimentos deve ser prioridade.

No domingo, na reunião conjunta de FMI e Banco Mundial (Bird), os ministros da Economia da América Latina haviam expressado sua preocupação com a alta dos preços de alimentos, pedindo aos dois organismos que busquem saídas para o problema.

O ministro da Economia da Argentina, Martín Lousteau, defendeu que o Bird ofereça linhas de financiamento e consultoria para que os países façam frente ao problema do abastecimento.

Para o brasileiro Guido Mantega, a prioridade, a longo prazo, seria desenvolver a agricultura, mas isso deveria ser equilibrado com infra-estrutura e acesso à energia.

— Os altos preços da energia e dos alimentos parecem ter chegado para ficar — disse o ministro de Finanças da Guatemala, Juan Alberto Fuentes Knight.

Exportações de álcool deverão crescer – Valor Econômico – Agronegócios - 04/04/2008

As exportações brasileiras de álcool deverão crescer 14% na safra 2008/09, segundo estimativas de Luiz Carlos Corrêa Carvalho, diretor-sócio da consultoria sucroalcooleira Canaplan. A expectativa é de que os embarques fiquem em torno de 4 bilhões de litros, ante 3,5 bilhões do ciclo que se encerra neste mês de abril.

De acordo com Carvalho, o mercado americano deverá ser o principal destino do produto brasileiro. “Os custos com energia continuarão altos durante a primavera e verão dos EUA, o que poderá estimular as importações.”

Carvalho foi contratado pela multinacional americana FMC para ser um dos coordenadores de um evento internacional para promover o etanol brasileiro. A FMC está

patrocinando uma viagem entre os dias 6 e 11 de abril, com destino aos Estados Unidos (Miami), México e Guatemala, para discutir oportunidade de negócios nessas regiões.

Segundo Vicente Gongora, diretor de marketing da FMC, o grupo tem forte interesse na expansão da produção de etanol a partir da cana de açúcar.

Com faturamento global de US\$ 800 milhões, o Brasil representou 40% do total em 2007. "O segmento canavieiro representa 30% dos nossos negócios no Brasil, com a venda de insumos para o setor", afirmou Gongora.

Executivos de 17 grupos de açúcar e álcool, representantes do governo e Petrobras participarão dessa viagem para conhecer os mercados potenciais para o álcool na América Central, México e nos EUA. "Os empresários brasileiros não têm real noção do potencial de mercado para o álcool destas regiões", disse Carvalho. Segundo ele, as regiões do Caribe têm condições de implementar o programa de consumo de álcool em seus países. "A América do Norte tem um déficit de 3 bilhões de litros de álcool. O Canadá e o México são potenciais consumidores de álcool", afirmou.

No México, o programa de álcool praticamente não existe. Uma missão do governo do Estado de São Paulo esteve naquele país para discutir troca de tecnologia entre os dois países nesta área. (MS)

UE já vê etanol como vilão e ameaça planos do Brasil - Assis Moreira e Humberto Saccomandi – Valor Econômico – Internacional - 07/04/2008

Manifestações recentes de governos, partidos e entidades sugerem uma abrupta mudança de humor dos europeus em relação ao uso de biocombustíveis, mas mais especificamente contra o etanol. As consequências para os Brasil podem ser graves, desde a falta de estímulo para a criação de um mercado mundial de etanol até a perda de terceiros mercados.

O mais recente episódio ocorreu na sexta, quando o governo alemão voltou atrás na decisão de dobrar para 10% o conteúdo de etanol na gasolina consumida no país a partir do ano que vem. O governo argumentou que muitos carros antigos não poderiam rodar com essa mistura de etanol e seus motoristas seriam obrigados a usar uma gasolina premium, mais cara.

Na quinta, o presidente francês, Nicolas Sarkozy, acusou os governos do Brasil e dos EUA de dar subsídios fiscais à produção de etanol.

Já o Reino Unido retirou no mês passado o financiamento para um programa de E85 (mistura de 85% de etanol e 15% de gasolina), apesar de continuar a defender a mistura de 5% de etanol à gasolina.

Oficialmente, a Comissão Européia (órgão executivo da UE) mantém sua proposta de misturar 10% de etanol à gasolina na região até 2020. O porta-voz de energia da UE, Ferran Terradelas Espuny, foi incisivo: o objetivo da Comissão não muda. Reagindo à decisão da Alemanha, disse que os países da UE podem fazer o que quiserem, pois a proposta da Comissão ainda está em negociação e talvez só seja aprovada (ou não) no final do ano.

Mas, segundo a agência de notícias espanhola Efe, organizações ambientalistas como Greenpeace, Friends of the Earth e Birdlife estão pressionando a UE e os governos europeus a abandonarem o objetivo de 10% de biocombustíveis, por temerem que a medida seja contraproducente.

Na diplomacia brasileira, a decisão alemã acendeu o sinal de alerta. Um importante especialista disse: "A mudança de humor da Europa em relação ao etanol é muito séria". O Brasil tem o plano estratégico de tornar o etanol uma commodity mundial. Para criar esse mercado, a UE é indispensável. Se o etanol ficar restrito a Brasil e EUA, nunca vai ganhar escala para valor mais elevado. A UE é "decisiva" porque, se entra no jogo, teria efeito de demonstração para outros países. Mas, se o recusa, o "baque é tremendo" nos planos brasileiros.

O baque é forte porque o Brasil apostou seriamente na expansão dos mercados, e não só no europeu. Se Bruxelas freia o desenvolvimento do etanol, o resto do mundo pode desistir e talvez no futuro até os EUA, porque o etanol americano é uma extravagância econômica e ambiental - - é muito caro e de efeito cada vez mais questionado sobre o aquecimento global.

O Japão, que vem avaliando o que fazer em relação ao etanol, pode desistir. Ou seja, o que a Alemanha - o maior produtor europeu de biocombustíveis, mas principalmente de biodiesel - fizer, pode ter efeito em cadeia.

A Europa parece mais inclinada a apostar no biodiesel, pois sua indústria automobilística vem apostando em motores a diesel mais eficientes, de consumo menor.

A sorte do etanol começou a mudar na Europa no começo do ano, quando estudos científicos contestaram o benefício do uso do etanol no combate ao aquecimento global. Uma pesquisa da Universidade de Minnesota (EUA), publicado em fevereiro pela prestigiosa revista "Science", indicou que a conversão de florestas no Brasil, no Sudeste Asiático e nos EUA para o cultivo de grãos e outras plantas usados como matéria-prima para biocombustíveis pode gerar emissões de dióxido de carbono maiores do que as que se economiza com combustíveis fósseis.

O estudo aponta como mais prejudicial o etanol de milho, produzido nos EUA, mas diz que mesmo o etanol de cana-de-açúcar produzido no Brasil pode trazer um déficit no curto prazo em termos de emissões de carbono. Esse déficit seria compensado após 17 anos, mas o problema é que é preciso reduzir as emissões já.

Esse e outros estudos começaram a erodir a imagem dos biocombustíveis na Europa como uma alternativa ecologicamente viável aos combustíveis fósseis. Um sinal dessa crescente oposição foi a adoção, por parte de ambientalistas europeus, do termo agrocombustíveis, bem menos positivo, em lugar de biocombustíveis.

Nas últimas semanas, a mídia europeia deu amplo destaque aos problemas e às incertezas relacionadas aos biocombustíveis. O principal jornal espanhol, o "El País", disse que eles estavam perdendo o rótulo ambiental. Uma das intenções do governo britânico, ao abandonar o programa de E85, foi ajudar a frear o avanço de plantações em áreas de floresta com o uso excessivo de pesticidas.

Além questionar o ganho ambiental dos biocombustíveis, os europeus estão preocupados com a alta de preços que eles estão causando em commodities agrícolas, do milho à carne, e que ajudou a levar a inflação anual na zona do euro ao recorde de 3,5% em março.

A Comissão Europeia avalia que o etanol está sofrendo duas linhas de ataque. Primeiro, do lado ambiental. A implicância de ONGs está estigmatizando o etanol, como ocorreu com os transgênicos. Segundo, do lado social, com a acusação de que o etanol eleva o preço de alimentos e só beneficia fazendeiros ricos do Brasil e dos EUA.

Michael Mann, porta-voz de agricultura da UE, disse que o objetivo europeu é claro: estimular a produção de etanol de primeira geração, a partir de matérias-primas

agrícolas. Mas, assim que for possível, partir para a produção de etanol segunda geração, para não usar commodities alimentares.

É preciso notar, porém, que a Suécia recentemente foi o primeiro país a obter autorização da UE para eliminar a tarifa de importação sobre o etanol brasileiro, e por razões ecológicas. Há uma ala, como o governo liberal sueco, que acha o etanol brasileiro importante para a questão ambiental.

Para alguns especialistas, se o quadro piorar para o etanol, o Brasil em todo caso tem chances com o biodiesel (que tem tarifas baixas na UE). Só que o protecionismo para biodiesel também é forte.

Lula vai à Holanda falar sobre biocombustíveis – Valor Econômico – Brasil - 08/04/2008

Acompanhado de uma comitiva de empresários, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva realiza visita de Estado à Holanda nos dias 11 e 12 para estreitar as relações bilaterais.

A expectativa é de que sejam fechados acordos de cooperação em áreas como portos, transporte marítimo e logística, educação superior e profissional superior, bioenergia e biocombustíveis, patrimônio cultural e no âmbito do programa Parceira em Águas, segundo informou ontem o porta-voz da Presidência da República, Marcelo Baumbach.

Em Haia, o presidente Lula fará um pronunciamento em simpósio sobre temas globais, onde abordará o papel do Brasil no cenário internacional. Também participa da cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Holanda, onde serão feitas exposições sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Já foi confirmada a participação de 85 empresários brasileiros no evento.

Um dos temas de interesse de negociação com a Holanda são os biocombustíveis, de acordo com Baumbach. Segundo ele, o presidente irá levar a mensagem de que os biocombustíveis "são não apenas uma oportunidade para muitos países se desenvolverem social e economicamente, como também são uma alternativa mais limpa e que provoca menor dano ao meio ambiente". Da parte do Brasil, Baumbach afirmou que há interesse em trocar informações com a Holanda na área portuária.

Além de sua visita Haia, onde fica a sede do governo da Holanda, o presidente Lula irá visitar a capital Amsterdã e ainda irá a Praga, capital da República Tcheca.

Lula defenderá uso de biocombustível durante visita de dois dias à Holanda - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 09/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva desembarca hoje à noite em Haia, sede do governo dos Países Baixos (nome oficial da Holanda), para uma visita de Estado de dois dias, de caráter econômico-comercial. Os dois países querem intensificar o relacionamento bilateral e os investimentos. Em 2007, a Holanda ficou em primeiro lugar no ranking dos investidores estrangeiros no Brasil.

Lula chega, também, empenhado em espantar a desconfiança dos europeus em relação ao uso dos biocombustíveis. Falará às autoridades e empresários holandeses sobre vantagens do biocombustível como fonte de energia limpa e com baixo dano ambiental.

O mercado europeu é estratégico para o objetivo do Brasil de tornar o etanol uma commodity mundial. Mas governos e entidades têm tomado atitudes contrárias ao uso dos biocombustíveis - principalmente o etanol -, depois que estudos científicos indicaram que o cultivo de grãos e outras plantas, usadas como matéria-prima para os biocombustíveis, pode emitir alto índice de dióxido de carbono.

Na agenda de Lula estão previstos encontros com a rainha Beatriz -chefe do Estado holandês -, o primeiro-ministro Jan Peter Balkenende e os presidentes das Câmaras Alta e Baixa do Parlamento. O presidente, acompanhado de uma delegação de empresários brasileiros, também participará de um seminário empresarial Brasil-Países Baixos, realizado com o objetivo de atrair novos investimentos. Haverá exposições sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) - principalmente relativo ao setor portuário - e biocombustíveis, entre outros temas.

Numa reportagem sobre a visita, publicada ontem num jornal diário de finanças de Haia ("Het Financieele Dagblad"), Lula é apresentado como um presidente de esquerda, que preocupava o grande capital e, no entanto, proporcionou melhoria da situação econômica do país. É citado o aumento dos investimentos estrangeiros no Brasil no ano passado, de 84,3%. Por outro lado, são lembradas as cobranças por mais reformas estruturais no país.

O jornal fala da alta popularidade do presidente brasileiro, detalha o funcionamento do programa Bolsa Família, apontado como um sucesso, e menciona o envolvimento de pessoas do PT, próximas a Lula, em casos de corrupção. Lula também é mostrado como alguém que não tem medo de dizer o que pensa ao presidente americano, George W. Bush. Cita, por exemplo, o episódio relatado pelo próprio Lula, em que, numa conversa telefônica, ele teria dito para Bush resolver a crise daquele país, para não prejudicar a economia brasileira.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores, em 2007, a Holanda ficou em primeiro lugar entre os investidores estrangeiros no Brasil, com US\$ 8,1 bilhões (mais de 200% em relação a 2006 e cerca de 23,6% do total de investimentos estrangeiros diretos), seguida dos Estados Unidos (US\$ 6 bilhões), Luxemburgo (US\$ 2,9 bilhões), Espanha (US\$ 2,2 bilhões) e Alemanha (US\$ 1,8 bilhão). A relação comercial já é boa, mas o governo brasileiro quer melhorá-la, levando-se em conta, principalmente, que o volume de investimentos no Brasil corresponde a apenas 1,15% do total investido pela Holanda em todo o mundo.

Situada no noroeste da Europa, a Holanda é uma democracia parlamentar em uma monarquia constitucional. Amsterdã é a capital constitucional e Haia, a sede do governo, onde também ficam as embaixadas, os palácios da monarquia e a sede do Tribunal Internacional de Justiça. As tulipas, os moinhos de vento e os tamancos de madeira são algumas das marcas do país, também conhecido pela adoção de políticas liberais - notadamente em relação às drogas e ao casamento homossexual.

O presidente Lula deverá visitar Amsterdã e Roterdã, um dos maiores portos marítimos do mundo. A viagem acontece em retribuição à visita ao Brasil, em 2003, da rainha Beatriz. Após a visita à Holanda, o presidente segue, na sexta-feira, para a República Tcheca e retorna ao Brasil na noite de sábado.

Etanol no México – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 09/04/2008

O governo mexicano prometeu ontem, durante um evento internacional promovido pela empresa FMC, que deverá regulamentar o mercado de etanol no país até o fim deste ano. "Trata-se de um grande avanço", afirmou Luiz Carlos Corrêa Carvalho, consultor da Canaplan. Carvalho afirmou que houve sintonia entre a Petrobras e a estatal mexicana Pemex nas conversas sobre o combustível.

Lula pede criação de força-tarefa para reagir a ataque europeu contra etanol - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 10/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou ontem ao ministro Miguel Jorge (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) a criação de uma força-tarefa, juntamente com os ministérios de Desenvolvimento Agrário, Meio Ambiente e Agricultura, para elaborar estratégia de reação ao "processo de ataque" contra o uso dos biocombustíveis - em especial contra o etanol brasileiro - em crescimento na Europa. O contra-ataque será a maior divulgação possível dos benefícios do uso do etanol.

A decisão foi tomada no voo do Brasil para a Holanda, onde Lula inicia hoje uma visita oficial de dois dias. O presidente e o ministro participarão de um seminário empresarial Brasil-Holanda, no qual o governo brasileiro pretende mostrar aos holandeses novas possibilidades de investimento no país. Participam 85 empresários brasileiros e 90 holandeses. A Holanda foi em 2007 o primeiro investidor individual no Brasil.

"Na minha opinião, esse processo de ataque ao etanol faz parte do protecionismo clássico europeu", disse Miguel Jorge. "Você só preocupa seu concorrente quando tem importância. A partir do momento em que você começa a ser eficiente, ocupar mercado, os seus concorrentes vão contra-atacar. É um pouco o processo que está acontecendo, além do processo de protecionismo clássico dos países europeus contra a agricultura dos países em desenvolvimento. O contra-ataque é informar, ser transparente e divulgar o maior número possível de informações."

Segundo ele, essa resistência de alguns países europeus, nesse momento, "é surpreendente", porque a questão do etanol tem sido discutida há anos. Na conversa que tiveram no voo para Haia, sede do governo holandês, o presidente determinou a formação do grupo de trabalho logo que retornarem ao Brasil. Segundo ele, a falta de uma estratégia permanente de informação dificultou a reação do país quando houve uma campanha na Europa contra a carne brasileira.

De acordo com o ministro, a reação brasileira não deve ser feita em conjunto com os Estados Unidos - também alvo de resistência ao uso de biocombustíveis -, porque isso prejudicaria o Brasil. "As condições de produção do etanol nos Estados Unidos são completamente diferentes. A questão deles é realmente de estar substituindo alimentos por energia. Eles estão usando uma matéria-prima (milho) que é mais cara que a cana", disse.

O ministro rebateu os principais argumentos usados no combate ao uso do etanol, como o dano causado ao meio ambiente, utilização de trabalho escravo no cultivo da matéria-prima para produção do etanol - como a cana-de-açúcar - e prejuízos à produção de alimentos. "No caso do Brasil, não há substituição da produção de alimentos por etanol. Da área plantada, a cana usa menos de 4% do território. Com a modernização das áreas de

pastagem, com mais produtividade, liberando a área de pastagem, não é preciso usar área nenhuma mais para elevar a produção de cana no país."

Quanto à questão da mão-de-obra, o ministro comentou que "casos pontuais" de trabalho escravo, que acontecem em regiões isoladas no país, estão sendo explorados "com competência" pelos concorrentes, como se fossem um problema do país todo. Segundo o ministro, as condições de trabalho melhoraram. Ele citou esforço da Única - união de usinas de açúcar de São Paulo - que está negociando com os sindicatos dos trabalhadores melhoria nas condições de trabalho.

Miguel Jorge nega que o etanol seja responsável pelo aumento da poluição. Disse não conseguir imaginar São Paulo, por exemplo, com 6 milhões de veículos, se 90% dos automóveis não fossem movidos a álcool. Citou que, pela primeira vez, em fevereiro e março, o consumo de álcool se equiparou ao consumo de gasolina.

O desmatamento, outro argumento usado na Europa contra o uso do etanol, também nada tem a ver com sua produção, segundo o ministro. Segundo ele, as grandes áreas produtoras de cana-de-açúcar estão longe das fronteiras agrícolas e da Amazônia.

Equívocos nas críticas contra o etanol brasileiro – Valor Econômico – Opinião - Editorial - 10/04/2008

Os humores europeus mudaram e agora voltaram-se contra o etanol. Os principais jornais europeus estampam a nova ofensiva, destinada a provar que não só não há vantagens em adotar seu uso, como no final haveria até prejuízos, com maior emissão de dióxido de carbono. As decisões que a União Européia tomar são decisivas para o futuro do etanol brasileiro. Os europeus tradicionalmente estão na vanguarda das ações ecológicas e apresentaram as metas mais ousadas até agora para conter o aquecimento global. Uma rejeição ao programa do Brasil poderá influir sobre países que ainda não tomaram decisão e poderiam se inclinar a favor do etanol, como o Japão. A campanha antibiocombustíveis ganhou a adesão do Fundo Monetário e da FAO, que colocam seu avanço como uma das principais razões para a alta mundial dos preços dos alimentos, que prejudica as populações dos países mais pobres do mundo.

Há fatos e erros envolvidos nessa história, como sempre em que interesses econômicos poderosos estão em jogo. Um dos erros mais comuns é o de misturar no mesmo argumento o etanol à base de milho, que foi a opção dos EUA, e o etanol à base de cana-de-açúcar utilizado pelo Brasil. A equação de benefícios é abertamente favorável à cana, já que no etanol de milho gasta-se quase tanta energia suja para produzi-lo que as vantagens praticamente desaparecem. O único argumento a favor do etanol de milho não é econômico, e, sim, político. O governo Bush incentivou-o por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, nem ter o fornecimento de combustíveis alternativos nas mãos de países que não sejam inteiramente confiáveis para os EUA.

O etanol de milho é um programa caro, que prospera mediante subsídios do governo e distorce preços. Ele de fato concorreu para substituir outras culturas na busca por áreas de produção e deslançou uma inflação nos preços dos alimentos. Ainda assim, a elevação nos preços dos alimentos tem como fator principal a melhoria do nível de renda e de consumo de centenas de milhões de pessoas na Índia e na China, que antes estavam afastadas do mercado.

O caso do etanol brasileiro é muito diferente. Para a expansão da área de cana-de-açúcar há terra disponível sem cobertura florestal e sem que outras culturas sejam afetadas. Aqui entra uma segunda confusão, que é tornar todos os produtos indiferenciados dentro da rubrica comum dos biocombustíveis. O etanol não é um invasor de áreas já plantadas e as zonas produtoras estão muito distantes da região amazônica. Não é o caso da soja, que vem avançando na direção das florestas, menos por uma fatal atração por matérias-primas para biocombustíveis e mais pela alta das cotações mundiais, puxada pelas vorazes importações chinesas. Há devastação e abusos sendo cometidos também por produtores de soja, mas muito pouco disto tem a ver com programas de combustíveis alternativos.

Este parece ser o ponto principal em que se baseia a guinada contra o etanol na Europa. O estudo publicado pela revista "Science" aponta que a conversão de florestas no Brasil, no Sudeste Asiático e nos EUA para cultivo de grãos e outras plantas para a produção de biocombustível pode gerar emissões de dióxido de carbono maiores do que as que ocorreriam no caso mesmo dos combustíveis fósseis. No mesmo caminho seguiram até economistas bem informados, como Paul Krugman, que escreveu que o etanol proveniente da cana acelera o ritmo das mudanças climáticas "promovendo o desflorestamento". A conclusão é perfeita, se houvesse desmatamento no Brasil com essa finalidade. Não há e bastam ações mais vigorosas do governo brasileiro para provar que os programas alternativos de energia podem prosperar longe da floresta - e dela sequer têm necessidade.

O Brasil tem condições de provar os benefícios do etanol, mas terá de cercar-se de garantias. Zoneamento ecológico proibindo a cana na Amazônia é um deles. Aliás, basta não dar licença de instalação a usinas na Amazônia e não haverá plantio de cana, pois, para a exploração ser viável, a matéria-prima tem que estar próxima à usina. E monitoramento constante, com mais recursos para quem tem a missão de proteger a floresta e coibir abusos - tarefa permanente e, agora, ainda mais importante.

Presidente do Bird dá apoio a etanol produzido no Brasil - Ricardo Balthazar – Valor Econômico – Brasil – 11/04/2008

O presidente do Banco Mundial (Bird), Robert Zoellick, afirmou ontem que o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar no Brasil traz mais benefícios do que outros biocombustíveis e defendeu a revisão dos subsídios que protegem a indústria de álcool nos Estados Unidos, onde o milho é a matéria-prima utilizada.

Numa entrevista à imprensa, em que discutiu o impacto do aumento da produção de combustíveis alternativos sobre a alta dos preços dos alimentos no mundo inteiro, o presidente do Bird afirmou que o etanol brasileiro "tem os maiores benefícios em termos tanto do combustível como dos efeitos sobre o clima", se for comparado com outros tipos de biocombustível.

A manifestação de Zoellick reforça os argumentos que o governo e os usineiros brasileiros têm usado para defender a produção de álcool no Brasil contra as críticas que vêm sendo feitas por grupos ambientalistas e organizações não-governamentais.

Alguns desses grupos têm criticado o Banco Mundial especificamente pelo apoio que tem dado à expansão das usinas no Brasil. A Corporação Financeira Internacional (IFC, na sigla em inglês), braço do Banco Mundial que financia empresas privadas, apóia três projetos no Brasil atualmente, no valor total de cerca de US\$ 200 milhões.

Zoellick disse que os problemas criados pelos elevados preços dos alimentos deveriam fazer os países refletirem sobre a viabilidade econômica dos seus investimentos nessa área. Sem citar o nome do país, ele fez uma referência óbvia ao caso dos Estados Unidos ao dar exemplos de políticas que deveriam ser revistas. O governo americano gasta bilhões de dólares por ano para subsidiar a produção do etanol de milho e adota tarifas que encarecem a importação do álcool brasileiro.

"Se [os países que produzem biocombustíveis] têm subsídios, deveriam considerar se os subsídios fazem sentido", disse Zoellick. "Se têm tarifas que, ao mesmo tempo, impedem a importação de algo que eles estão subsidiando, isso certamente seria algo que as pessoas deveriam olhar e ver se faz sentido econômico", afirmou o presidente do Banco Mundial.

Empresários apontam barreiras a investimentos – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008

Em busca de novas possibilidades de negócios com a Holanda, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ouviu ontem, em encontro com a ministra da Economia e lideranças empresariais, em Amsterdã, observações sobre as dificuldades encontradas por investidores holandeses no Brasil. A reunião, realizada na sede da Philips, foi fechada à imprensa. Segundo relato de participantes, a ministra Van Der Hoeven (Economia) apontou a alta taxação e a burocracia brasileiras como principais problemas para investimentos no país.

A ministra e o presidente da Shell, Gert Witers, disseram a Lula que não há possibilidade de uso do etanol brasileiro na Holanda - e na União Européia - sem o certificado de garantia da sustentabilidade do produto. Lula reafirmou os benefícios do etanol produzido no Brasil, descartando danos ao meio ambiente, risco de desmatamento e prejuízos à produção de alimentos. Em entrevista à imprensa alemã, a ministra disse que o presidente brasileiro foi convincente.

Está prevista para hoje a assinatura de documentos entre Lula e o primeiro-ministro Jan Peter Balkenende, entre eles um para a constituição de um grupo de trabalho destinado ao estudo da certificação do etanol brasileiro.

No encontro com Lula, o presidente da Philips, Gerard Kleisterlee, falou sobre o crescimento da economia brasileira, mas disse que o país precisa resolver problemas de infra-estrutura, principalmente na área de transporte. Empresários do setor portuário defenderam a necessidade de modernização dos portos brasileiros.

Lula anunciou o lançamento da política industrial, em alguns dias, com medidas de estímulo à exportação e ao investimento produtivo, e manifestou a expectativa de aprovação da reforma tributária. O presidente fez uma explanação sobre os avanços da economia, deu garantias de que a política econômica não será alterada, lembrou que não há mais dívidas com o Fundo Monetário Nacional (FMI) e reafirmou os argumentos em defesa do etanol produzido no Brasil.

Lula concordou com a necessidade de certificação de garantia do etanol, que já estaria sendo estudada pelo Inmetro, admitiu a necessidade de modernização dos portos - uma das áreas para as quais o governo brasileiro quer atrair investimentos holandeses - e relatou a iniciativa do seu governo de criar uma pasta exclusiva para o setor. Fez

explicação sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), contando haver um comitê gestor para acompanhar as obras.

Nos últimos anos, a Holanda ocupa as primeiras posições no ranking de investidores externos no Brasil. Liderou a lista em 2002, quando houve aquisição do Banco Real pelo ABN Amro, 2004, em que houve a associação entre a AmBev e a Interbrew, e 2007, marcado pela aquisição da Arcelor Brasil. Em 2007, os investimentos da Holanda no Brasil atingiram US\$ 8,12 bilhões, seguidos dos EUA (US\$ 6,04 bilhões), Luxemburgo (US\$ 2,86 bilhões), Espanha (US\$ 2,16 bilhões) e Alemanha (US\$ 1,80 bilhão).

A visita de Lula à Holanda termina hoje, com novo encontro com o primeiro-ministro, assinatura de acordos e participação no encerramento do seminário empresarial "Brasil-Países Baixos, Oportunidades de Negócios". Hoje à noite, embarca para a República Tcheca. (RU)

Holanda quer parceria no setor de biocombustíveis - Sergio Leo – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008

A Holanda tem forte interesse em cooperação com o Brasil no setor de biocombustíveis e quer transformar o porto de Roterdã em ponto de distribuição para o etanol brasileiro na Europa, informou ao Valor o ministro holandês de Comércio Exterior, Frank Heemskerk, por telefone, logo após encontrar-se, em Amsterdã, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As metas européias para aumento do uso de biocombustíveis garantem boas perspectivas de futuro para o etanol de cana, argumentou o ministro holandês.

Ele assina hoje memorando de entendimento e cooperação com o Brasil no setor de biocombustíveis, que prevê a atuação dos dois países em projetos comuns em terceiros mercados e no chamado etanol de segunda geração, produzido a partir de celulose. Os dois países devem também buscar juntos mecanismos "sustentáveis" de produção do etanol, disse o ministro.

Na próxima semana, Heemskerk vem ao Brasil, acompanhado pelo prefeito de Roterdã, Ivo Opstelten, e executivos de cerca de 30 empresas holandesas, interessadas nos setores de transporte, energia e logística. "A Holanda tem muito a oferecer em infraestrutura, construção de portos, para atender à ambição do Brasil de buscar cooperação para o PAC", garantiu o ministro holandês.

O risco de desaceleração na economia mundial com a recessão que ameaça os Estados Unidos não altera o interesse holandês em relação aos negócios com o Brasil, afirmou o ministro, que mostrou ter ficado impressionado com os argumentos levados pelo governo brasileiro. "O presidente Lula deixou muito claro que o Brasil, com a diversificação de sua economia e do comércio exterior, está muito menos dependente dos Estados Unidos", argumentou Heemskerk. "Está muito atraente para as empresas holandesas"

Esse interesse poderá ser medido pela participação das empresas da missão holandesa na feira Intermodal, em São Paulo, a maior feira de logística da América do Sul, onde os representantes do setor privado que acompanharão Heemskerk pretendem exibir o conhecimento técnico das empresas holandesas. Da missão fazem parte emissários dos portos de Roterdã, Amsterdã, Groningen e Vlissingen. O prefeito de Roterdã deve assinar

acordo de cooperação econômica e cultural com o prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab (DEM).

A visita ao Brasil, segundo o ministro do Comércio Exterior da Holanda, deverá sublinhar o fato de que o país é o maior investidor no Brasil, com empresas como a Shell, o ABN Amro, o grupo Novell, Philips e Unilever. No ano passado, a Holanda retomou o papel de maior investidor estrangeiro no Brasil, que havia perdido para os Estados Unidos, com investimentos de US\$ 8,1 bilhões, quase 24% do total de investimentos diretos estrangeiros. "Nos próximos anos, devemos aumentar ou, no mínimo, manter os atuais níveis de investimentos no Brasil", assegurou o ministro holandês.

Embora seja relevante para o Brasil, o total de investimentos holandeses no país representa apenas 1,15% do total de investimentos da Holanda no mundo, o que leva o governo brasileiro a acreditar que é necessário atrair o setor privado holandês com as perspectivas de investimento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A proposta foi recebida com entusiasmo pelo ministro de Comércio Exterior, na conversa com o presidente Lula, acompanhado da ministra de Economia do país, Maria van der Hoeven, e de representantes de grandes empresas, que expuseram a Lula os problemas burocráticos, tributários e de de infra-estrutura encontrados no Brasil.

América Latina teme biocombustíveis - Mauro Zanatta - Valor Econômico - Agronegócio - 15/04/2008

O Brasil sofreu ontem um revés diplomático em sua cruzada pela ampliação da produção e do uso de biocombustíveis no mundo. Reunidos para a conferência bial regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), representantes de diversos países da América Latina e Caribe criticaram duramente os impactos negativos do uso de combustíveis de origem vegetal sobre o meio ambiente e a produção mundial de alimentos, sobretudo na elevação dos preços agrícolas. Os ataques isolaram a delegação brasileira, única a manifestar-se de forma contundente em favor dos biocombustíveis.

O vice-ministro de Desenvolvimento Rural da Venezuela, Gerardo Rojas, afirmou que os biocombustíveis "podem ser uma alternativa energética" para a região. "Mas primeiro é preciso garantir os alimentos", disse. Rojas afirmou que os biocombustíveis podem gerar "enormes distorções e desordens sociais" como a recente convulsão ocorrida no Haiti sob pretexto da disparada de preços alimentícios. Para ele, os preços poderiam representar "um fator de risco para a estabilidade política" da América Latina. No mesmo tom, o delegado de Cuba, José Arsenio Quintero, afirmou ser "inaceitável a imposição" de substituir o plantio de grãos e cereais para a alimentação por produtos vegetais destinados à fabricação de etanol. "Os biocombustíveis não são a panacéia para os pequenos produtores".

Em defesa da política brasileira, o representante do país na FAO, embaixador José Antonio Marcondes de Carvalho, reafirmou que o problema da região é a pobreza e a má distribuição de renda, e não a produção de etanol. "Essa produção significa a inclusão de produtores e trabalhadores agrícolas", afirmou. Para ele, o etanol evoluiu no Brasil via produtividade adicional e "pouco impacto" ambiental, além de ter "poupado" a emissão de 675 milhões de toneladas de CO² em 30 anos. Carvalho atacou os subsídios dos países desenvolvidos, "que distorcem o mercado", e pediu o fim de barreiras tarifárias no mundo

rico. "Eles contribuem para disseminar a pobreza nos países em desenvolvimento". Para ele, a promessa dos biocombustíveis "só será realizada em um mundo sem protecionismo". "[Biocombustível] é um instrumento de combate à pobreza, como o biodiesel, uma política pública para desenvolvimento regional", defendeu.

O diretor regional da FAO, José Graziano, concorda com a urgência de garantir segurança alimentar, mas reforça ser preciso separar o etanol de milho produzido nos Estados Unidos e o álcool de cana do Brasil. "Não tem nada a ver [um com o outro]. Não podemos deixar passar oportunidade para países mais dependentes de energia". Estudo da FAO divulgado ontem admite existir "riscos", mas sustenta que podem ser suavizados via tecnologia e "compromissos ambientais", além de defender que os biocombustíveis podem representar a "porta de saída" da pobreza para alguns camponeses.

O delegado da Bolívia, Ronald Barrancos, afirmou, entretanto, que a "prioridade" de seu país é a segurança alimentar e lançou um apelo pela suspensão de projetos de novos projetos de biocombustíveis na região. Em nome da Argentina, a representante Gabriela Catalani afirmou estar preocupada com a igualdade de condições de tratamento dispensado a pequenos produtores rurais com agroindústrias. "Nos preocupa muito essa não-diferenciação nos documentos da FAO".

O chefe da delegação do Uruguai, embaixador Tabaré Bocalandro, disse que, mesmo com o avanço da produção agrícola, persistem "a fome e a desnutrição" e que, em seu país, houve redução na população rural. "Isso poderia representar mais riscos para a segurança alimentar no futuro". As redes de ONGs IFAP, FIAN e CIP declararam que os biocombustíveis competem com a produção de alimentos, além de "estrangeirizar" as terras, ampliar o controle da agricultura por corporações multinacionais, elevar o uso de agrotóxicos e bloquear ajudas alimentares.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

EMPRESAS FARÃO BIODIESEL A PARTIR DA CANA – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008

A companhia norte-americana Amyris e a trading brasileira de açúcar e álcool Crystalsev anunciaram ontem a formação de uma joint venture para produzir e comercializar biodiesel feito a partir de cana-de-açúcar. A tecnologia foi desenvolvida pela empresa americana e tem como característica principal o emprego de microorganismos para transformar a sacarose da cana em biodiesel. A primeira unidade de produção será construída em parceria com a produtora de açúcar e álcool Santa Elisa Vale, acionista majoritária da Crystalsev. A fábrica deve iniciar as atividades em 2010.

Máquinas "100% biodiesel", e com garantia, em testes finais - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 28/04/2008

A Valtra, fabricante de tratores e colheitadeiras da americana AGCO Corporation (que, entre outras marcas, tem também a Massey Ferguson), está em testes para passar a vender máquinas com garantia para abastecimento com 100% de biodiesel. Os testes da empresa também incluem a utilização de etanol para o abastecimento das máquinas. Sobre estes, a empresa não forneceu maiores detalhes.

Atualmente, as máquinas vendidas pela Valtra já saem com garantia para uso de uma mistura de 20% de biodiesel e 80% de diesel convencional. "Os testes devem terminar em outubro. É possível que a venda com garantia de 100% de biodiesel ocorra já no início de 2009", afirma Rogério Zanotto, coordenador de marketing de produtos da Valtra.

Esta é a terceira bateria de testes feita pela companhia, mas a primeira que deverá formalizar a garantia para o abastecimento com 100% de biodiesel. Os primeiros testes, de 2001, foram feitos como parte de uma dissertação de mestrado apresentada na Unesp de Jaboticabal (SP). A segunda fase de testes, que teve como parceiros Usina Catanduva, Delphi, Coopercitrus e Texaco, resultou na liberação da garantia para a mistura de 20%, efetivada em março do ano passado.

Agora, os testes têm sido realizados na Usina Barralcool, em Barra do Bugres (MT). A marca de 2,5 mil horas de testes foi atingida no mês passado e a meta é chegar a 4 mil horas. O projeto, que envolve testes em dois tratores, deverá consumir investimento de R\$ 400 mil.

Não são necessárias adaptações nas máquinas abastecidas exclusivamente com biodiesel. Até o momento, verificou-se que a mistura de 50% é a que tem melhor rendimento. Com o uso exclusivo de biodiesel (B100), foi registrado um leve aumento de consumo. "Mas a diferença entre o uso de B0 e B100 é de apenas um litro por hora. E a emissão de dióxido de carbono é 46% menor", diz Zanotto. Sem adição de biodiesel ao diesel convencional, o consumo foi de 7,33 litros por hora. Com biodiesel puro, foi de 8,39 litros.

Em 2007, a Valtra foi a vice-campeã em vendas de tratores no mercado interno, com 8,5 mil unidades, volume 50% maior que o do ano anterior, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) - vendas maiores, apenas as da Massey Ferguson, marca que também pertence à AGCO, que comercializou 9,4 mil tratores. No primeiro trimestre deste ano, as vendas de tratores da Valtra cresceram 30,3%, para 2,1 mil unidades. A empresa estreou no mercado de colheitadeiras em outubro de 2007.

A receita líquida global da AGCO cresceu 25,6% no ano passado, para US\$ 6,8 bilhões. As operações brasileiras do grupo responderam por cerca de 10% desse montante. No país, a AGCO tem fábricas de tratores em Canoas (RS) e Mogi das Cruzes (SP), de colheitadeiras em Santa Rosa (RS) e de plantadeiras e plataformas para colheitadeiras de milho em Ibirubá (RS).

Estudo aponta a influência do grão no desmatamento – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008

O forte crescimento da produção de soja no país não foi acompanhado pelo aumento do número de propriedades que se dedicam à cultura, de acordo com estudo apresentado ontem pela organização não-governamental Repórter Brasil. Caiu de 7,2% para 5% o número de propriedades que produzem soja no Brasil.

O levantamento cita estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em que foram cruzados dados dos dois últimos censos agropecuários, segundo os quais o número de propriedades rurais nas quais o grão é plantado no país caiu 42% em dez anos, de 420,2 mil para 243 mil propriedades. O recuo foi maior que o do número total de propriedades rurais, que caiu 16,3%, para 4,9 milhões.

O estudo da ONG - feito a partir de pesquisas, entrevistas e viagens por 19 mil quilômetros de estradas no Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Pará, Ceará, Bahia, Piauí e Maranhão, além do Paraguai - diz ser "impreciso mensurar a contribuição direta da soja na devastação das florestas no Brasil", mas que "há uma forte certeza quanto a sua preponderância no processo de estabilização de áreas já desflorestadas".

Com isso, cita a correlação entre a desocupação de áreas degradadas de pecuária e sua utilização para o plantio de soja. Até 2004, diz o estudo, 1,2 milhão de hectares localizados na região da Amazônia Legal foram convertidos em lavouras do grão. A Amazônia Legal engloba todos os Estados do Norte do país, além de parte do Maranhão e o Mato Grosso, que também tem regiões de cerrado.

A compilação de dados do levantamento antecede uma série de medidas que, segundo a ONG, podem ajudar a frear a expansão da soja e as conseqüentes, de acordo com o levantamento, pressão sobre a Amazônia, concentração de terras e conflitos no campo. Uma delas é interromper não apenas a ocupação da Amazônia pela soja, mas também do cerrado.

Etanol

Produção de álcool e açúcar é a maior da história do país – Sítio Eletrônico da Conab – 29/04/2008

Estimulada pela forte expansão do álcool no mercado e pelas perspectivas de crescimento nas exportações, a indústria brasileira vai esmagar entre 558,1 e 579,8 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2008, sendo que de 309,8 a 321,9 milhões t são para fabricação do combustível e de 248,3 a 257,9 milhões t, para o açúcar. O volume destinado é recorde e representa entre 11,3% a 15,6% a mais que o do período passado.

A colheita total de cana também é a maior da história e está estimada entre 607,8 e 631,5 milhões t, ou 8,8% a 13,1% superior à produção anterior, que foi de 558,5 milhões t. Além da quantidade da matéria-prima que será transformada pela indústria, serão destinadas 49,6 a 51,7 milhões t de cana para outros fins, como sementes e mudas, cachaça, rapadura e alimentação animal.

Os principais motivos desse crescimento são o clima favorável, os investimentos no melhoramento tecnológico das unidades de processamento e o plantio de variedades mais produtivas. Os dados fazem parte do primeiro levantamento da cultura que será anunciado

hoje, às 14h30, pelo presidente da Conab, Wagner Rossi, e o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Manoel Bertone.

O crescimento desta safra também se deve ao cultivo de novas áreas, que saiu de 7 milhões para 7,8 milhões de hectares, resultado, na sua maioria, da instalação de novas usinas, sobretudo em áreas de pastagens. "O Brasil tem hoje 276 milhões de hectares de terras cultiváveis. Dessas, 72% são ocupadas por pastagens naturais/cultivadas, 16,9% por grãos e apenas 2,8% por cana-de-açúcar. Esse quadro mostra que esta cultura mantém um comportamento normal, com potencial para ser ampliada em áreas de pastagens", diz o presidente da estatal.

Exportação – A cana começou a ser moída neste mês nos estados do Centro-Sul, responsáveis por cerca de 90% da produção total. Pela projeção da Conab, o Brasil vai fabricar neste ano entre 26,4 bilhões e 27,4 bilhões de litros de álcool, 14,9% a 19,4% a mais que em 2007. Desses, 4,2 bilhões de litros deverão ser exportados, a maioria (2,5 bilhões de litros) para os Estados Unidos. A justificativa está no aumento da mistura do álcool à gasolina naquele país e no consumo interno, onde as frotas de veículos flex-fuel vêm crescendo a cada ano. "No Brasil, essa categoria representa 85% das vendas de carros novos, onde já são mais de 5 milhões de unidades em circulação", calcula Rossi.

Já a produção de açúcar, apesar do crescimento de 8,2% a 12,4% em relação ao mesmo período, ficará entre 33,8 e 35,1 milhões de toneladas. Para concluir o estudo, cerca de 50 técnicos da estatal visitaram, no período de 31 de março a 11 de abril, 361 unidades de produção em todos os estados onde a atividade é desenvolvida. A evolução dos números será acompanhada ao longo desta safra, em outros dois levantamentos e passarão a ser divulgados sem os intervalos inferior e superior.

Comissão Pastoral da Terra critica os biocombustíveis – Folha de São Paulo – Brasil – 16/04/2008

No balanço anual sobre conflitos no campo em 2007, a CPT (Comissão Pastoral da Terra) criticou a produção de biocombustíveis, uma das principais bandeiras do governo Lula, alegando que a política ameaça a segurança alimentar e a agricultura familiar, além de fortalecer a concentração de renda.

Segundo a organização, ligada à Igreja Católica, o avanço do agronegócio, em especial cultivos de cana e soja, favorece o agravamento dos problemas no campo, que, apesar disso, diminuíram em 2007, em comparação com o período anterior.

No ano passado, a CPT registrou 28 mortes no campo, contra 39 em 2006. Quanto ao número de conflitos, a queda foi menor (7%): 1.538 no ano passado, ante 1.657 em 2006. O Sudeste foi a única região em que as ocorrências aumentaram.

O Pará segue com o maior número de conflitos no campo, mas os assassinatos diminuíram, de 24, em 2006, para 5, no ano passado. A razão da queda, diz a CPT, pode estar em ações do Estado após a morte de Dorothy Stang, em 2005.

Outros Estados, contudo, tiveram aumento no número de mortes, como Mato Grosso do Sul e Goiás, com dois assassinatos cada um - não houve registro em 2006. "Há relação entre piora de condições trabalhistas e modernização da produção", diz d. Tomás Balduino, da CPT.

Daí a afirmação de que o crescimento da produção do álcool no Sudeste coincide com o aumento de casos de trabalhadores em situação degradante.

O número de envolvidos nas questões do campo e a atuação de movimentos sociais também caiu. "Tudo por causa de programas como o Bolsa Família", afirma d. Tomás Balduino. Em 1998, último ano do primeiro governo FHC, mais de 1,1 milhão de pessoas estavam envolvidas em conflitos. Em 2007, foram quase 800 mil - pouco superior ao de 2006.

Produção de cana cresce 16% na região centro-sul – Mauro Zafalon – folha de São Paulo – Dinheiro – 18/04/2008

O mercado sucroalcooleiro não tem os bons preços de há dois anos. Mesmo assim, a oferta de cana-de-açúcar aumenta neste ano e as usinas vão moer o recorde de 498,1 milhões de toneladas na safra que se inicia na região centro-sul.

A forte atração que o setor despertou em investidores nos últimos anos fez com que a oferta de cana para moagem aumentasse e chegasse a esse volume. Apenas neste ano entram em operação 32 novas usinas, somando 84 nos últimos quatro anos.

Com isso, a safra terá matéria-prima mais jovem, com a média de vida da cana a ser cortada recuando para pouco mais de três anos. A mecanização da colheita também aumenta e deve superar 50% da área a ser colhida, segundo Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Um pouco atrasada devido às chuvas, a safra 2008/9 terá rendimento 1% menor do que o da anterior, quando a queda também havia sido de 1% em relação ao período 2006/7. Padua explica que a mecanização aumenta as impurezas, provocando menor eficiência. A nova remodelação do sistema canavieiro, devido aos novos investimentos, deve tirar do Paraná o posto de segundo maior produtor do centro-sul, lugar que poderá ser ocupado por Minas Gerais ou Goiás. Neste ano, entram em operação 10 novas unidades em Goiás, 4 em Minas Gerais e apenas 1 no Paraná. Em São Paulo serão 13 novas usinas.

As projeções iniciais da Unica indicam que 58% da cana a ser moída irá para a produção de álcool, que deve subir para 24,3 bilhões de litros neste ano, 19% a mais do que em 2007/8.

A produção de álcool anidro, puxada pelas exportações para os Estados Unidos, cresce 6%. Já a de hidratado, devido ao avanço no número de carros flex, sobe 27%. Os

outros 42% serão destinados à produção de açúcar, que sobe 9%, para 28,6 milhões de toneladas.

Padua diz que, do volume de álcool a ser produzido, 3,9 bilhões de litros irão para o exterior, 27% a mais do que em 2007/8. Já as exportações de açúcar somam 18,9 milhões de toneladas, com alta de 15%.

Alimento ou combustível? Os biocombustíveis, que eram a salvação na busca por novas fontes energéticas, passaram a vilões recentemente. Além de roubar área de produção de alimentos, essa energia não é tão limpa como se diz, na avaliação de alguns.

Marcos Jank, presidente da Unica, diz que, antes de condenar o processo de produção de biocombustíveis, é preciso conhecê-lo melhor. No Brasil, essa discussão não tem fundamento, porque o combustível vem da cana-de-açúcar. Com a utilização de apenas 1% da área agrícola, o produto gera combustível para a substituição de 50% de toda a gasolina utilizada pelo país.

Já nos Estados Unidos e na Europa, onde as matérias-primas utilizadas são outras, a discussão pode ter um pouco de fundamento, diz Jank.

Sobre a discussão de que a cana empurra o boi para a floresta amazônica, Jank diz que, "com cana ou sem cana, o desmatamento da Amazônia estaria ocorrendo". Há falta de regulamentação e de fiscalização na região, segundo ele.

Usineiros preparam ofensiva no exterior – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008

A indústria canavieira do Brasil prepara uma ofensiva mundial para rebater as acusações de que é parte responsável pela inflação global dos alimentos. Depois de ser apontado como solução para o "vício" mundial de petróleo, cresceram as críticas de organizações multilaterais como a FAO (organismo da ONU para agricultura e alimentação) e o FMI (Fundo Monetário Internacional) de que a expansão da produção mundial de combustíveis renováveis reduz igualmente a área para alimentos. Segundo cálculos da Unica, o custo da ofensiva superará R\$ 8 milhões nos próximos dois anos.

A Unica (União da Indústria da Cana de Açúcar) ainda não sabe se o ataque ao setor é coordenado ou não, mas acompanha o interesse mundial pelo modelo brasileiro. Jornalistas de mais de 40 países já vieram ao Brasil atrás do modelo para os biocombustíveis no país.

A entidade sabe que empreenderá um esforço delicado a partir de agora. A Unica, que representa 110 das 370 usinas no país, concorda parcialmente com o argumento mundial, mas pretende ressaltar que a questão brasileira é diferente. Falar de problemas na

produção de alimentos nos Estados Unidos, que usa volumes crescentes de milho para produzir álcool, faz sentido, mas a discussão é completamente diferente no Brasil. O plano é mostrar que a produção de álcool a partir da cana não concorre com a produção de alimentos. Nos últimos anos, a produção de biocombustíveis e de alimentos cresceram no Brasil. A Unica quer mostrar, por exemplo, que os canaviais ocupam pequena parte da área para plantio no Brasil. Dirá ainda que esse espaço já substitui metade do combustível líquido consumido pelos automóveis do país.

"Se a idéia é falar sobre a concorrência entre a produção de alimentos e biocombustíveis nos Estados Unidos, aí tudo bem. Lá, de fato, é o local apropriado. Mas incluir o Brasil nessa questão ou é má-fé ou desinformação", diz Adhemar Altieri, diretor corporativo da Unica e o responsável por armar o contra-ataque.

Depois de criar dois escritórios no exterior (Washington e Bruxelas), a Unica estuda um terceiro na Ásia. Segundo Altieri, a localização ainda não está definida. A idéia é usar todo aparato de comunicação para retrucar todas as informações consideradas erradas pela Unica e emitir comunicados públicos em caso de ataques mais graves.

A nova direção da Unica pretende contratar uma empresa para acompanhar diariamente o assunto na imprensa mundial. É a primeira vez que a entidade terá uma clipagem mundial. "Informações equivocadas sobre o setor em veículos de pouca expressão nunca eram questionadas. Vamos mudar isso. A idéia é não deixar de se manifestar junto ao veículo e até se manifestar publicamente quando for o caso", disse Altieri. Além da mídia, o acompanhamento será extensivo a publicação de estudos e de relatórios ao redor do mundo.

O setor sucroalcooleiro contratou em janeiro a Fleishman-Hillard para administrar a comunicação do setor no exterior. A empresa deve intermediar o contato mundial do setor sucroalcooleiro com veículos de comunicações ou entidades e governos interessados no biocombustível. Um programa de visitas monitoradas ao Brasil também faz parte do plano de comunicação. Na semana passada, por exemplo, uma comitiva de parlamentares noruegueses -liderada pelo ministro de Finanças daquele país- visitou uma usina de açúcar e álcool brasileira. A Noruega é um dos países europeus interessados em adotar a mistura compulsória de álcool na gasolina.

Petroleira BP investe no álcool brasileiro – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/04/2008

British Petroleum será a primeira companhia de petróleo no mundo a produzir álcool combustível no Brasil, em Goiás - Empresa adquire 50% da Tropical BioEnergia, com investimento de R\$ 1,6 bi; analistas vêem projeto de longo prazo e diversificação

A divisão de biocombustíveis da British Petroleum (BP), uma das maiores petroleiras do mundo, fechou ontem a aquisição de 50% da usina Tropical BioEnergia S.A., até agora uma joint venture entre a Santaelisa Vale (tradicional produtora de açúcar e álcool) e o grupo Maeda (grande produtor agrícola). A unidade em construção está instalada em Edéia, sul de Goiás, e começa a produzir em julho. O acordo prevê investimentos de R\$ 1,66 bilhão.

É a primeira participação de grande petroleira na produção direta de álcool no Brasil, o que inaugura, segundo analistas, novo ciclo de investimento estrangeiro no setor num momento em que os biocombustíveis são atacados por organizações como ONU e FMI.

A indústria canavieira tem atraído fundos e bancos de investimento, como Carlyle e Goldman Sachs, seguido de grandes comercializadoras de commodities, como Louis Dreyfus (francesa) e Mitsui (japonesa), além de investidores como George Soros. Com o acordo, a BP toma a frente da Petrobras, que também será produtora de álcool. A estatal assinou acordo com a Mitsui, e as duas terão entre 30% e 40% de até dez usinas de álcool, por enquanto, orientadas para exportação. Segundo a Petrobras, os estudos avaliam a instalação de unidades com capacidade de produção de 200 milhões de litros por ano. A primeira unidade, em Itarumã (GO), inicia produção em 2009.

A Petrobras tem meta de exportar 4,5 bilhões de litros de álcool combustível em 2012. Também quer construir um alcoolduto de 1.056 quilômetros do Centro-Oeste ao litoral, investimento de US\$ 1 bilhão.

Analistas consideram a entrada das petroleiras nos biocombustíveis um plano de longo prazo. "Embora o investimento da BP ou da Petrobras seja marginal em relação ao tamanho das empresas, o fato é que as companhias estão se aproximando de um setor que promete ganhar muita relevância nos próximos anos", disse Nelson de Matos, analista do BB Investimentos para o setor do petróleo.

Mesmo ainda pequeno em relação ao mercado de combustíveis, o álcool é o produto potencialmente com maior capacidade de tomar uma parte do mercado da gasolina. E é o que está ocorrendo com vigor no Brasil e nos EUA. Aqui, metade do combustível líquido já é álcool.

Vladimir Pinto, analista do Unibanco, explica que o movimento da BP e da Petrobras reflete mudança mundial do setor. "As petroleiras não se percebem mais como companhias de petróleo, mas como empresas de energia", diz Pinto.

O interesse da BP pela pequena Tropical decorre disso. Para Philip New, presidente da BP Biofuels, o Brasil construiu uma "indústria sofisticada" que produz combustível renovável e que não concorre com a produção de alimentos. A Tropical inicia a produção com 2,5 milhões de toneladas de cana processada, mas projeta chegar a 4,8 milhões em 2010.

Executivo da Unilever afirma que a UE foi precipitada sobre biocombustíveis - Janes Rocha – Valor Econômico – Agronegócio - 25/04/2008

O executivo holandês Jan Kees Vis, diretor para a divisão de Agricultura Sustentável da gigante Unilever, se soma às críticas do presidente Lula à opção europeia de fabricar biocombustíveis a partir de alimentos (milho e canola). "Fomos muito precipitados quando introduzimos metas como 5,75% em 2010 e 10% em 2020", diz Kees Vis, referindo-se às metas estabelecidas pela Comunidade Europeia para a substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis.

Para ele, este é o motivo do colapso na produção de alimentos mundial, que já estava sob risco pelas perdas de produção causadas pela seca em vários países e o forte crescimento da demanda da Índia e da China.

Terceiro maior grupo processador de alimentos do mundo depois da Nestlé e da Kraft Foods, a Unilever é dona de 400 marcas, entre elas ícones como a maionese Hellmann's e os chás Lipton. No ano passado o grupo registrou em seu balanço um impacto de 2,2 pontos percentuais da alta dos preços das commodities em seu faturamento anual de ? 40,2 bilhões de euros, ou seja, quase ? 900 milhões de euros.

Químico de formação, Kees Vis conduz 11 programas de agricultura sustentável apoiados pela Unilever em todo mundo, além de negociar com a cadeia de fornecedores a adoção de critérios sustentabilidade na produção de alimentos. E também faz as vezes de um "chanceler" do gigante holandês, representando o grupo nas negociações com as autoridades da Comunidade Europeia em Bruxelas e americanas em Washington, além de ser o responsável pelos contatos com as organizações não-governamentais e empresas de alimentos.

"Fomos muito precipitados quando introduzimos metas como 5,75% em 2010 e 10% em 2020", diz Vis

Membro da Associação pela Soja Responsável, Kees Vis falou com o Valor durante um intervalo da 3ª Conferência Internacional de Soja Responsável realizada esta semana em Buenos Aires. Questionado sobre as causas da crise atual na produção de alimentos, Kees Vis aponta três principais motivos.

"Por um lado, o crescimento econômico na Índia e na China causaram um aumento na demanda por comida no mundo e mudanças na dieta. As pessoas estão incluindo mais proteína animal em sua dieta, o que significa que é necessário mais grãos para alimentar os animais. Por outro lado, temos visto algumas quebras de safras no ano passado em razão da seca causada, provavelmente, por efeitos das mudanças climáticas", avalia Kees Vis. E completa: "O terceiro motivo é a potencial demanda por biocombustíveis".

Ele lembra que a demanda por alimentos é inelástica - "comemos o que precisamos para viver e a demanda não vai cair nem subir com a variação de preços" - e que, como não se pode pedir que chineses e indianos comam menos, acha que é preciso repensar a aplicação de grãos na fabricação de biocombustíveis. Além disso, afirma o executivo da Unilever, todo o caos criado com o deslocamento de grãos para a energia não vai resolver o problema. Para um consumo de 83 milhões de barris diários de combustíveis fósseis, a produção de biocombustíveis é de apenas 2,2 milhões de barris.

"Se você olhar os volumes totais de óleo de soja, de milho e canola que estão sendo usados para a produção de biocombustíveis ou biodiesel, não são grandes em comparação

com os volumes totais produzidos. Mas na situação em que a oferta e a demanda estão muito próximas, a combinação dos três fatores tornam a situação crítica", afirmou.

As opiniões de Kees não são apenas pessoais, são também da Unilever. "Nós definimos uma posição de que as políticas de governo não devem estabelecer metas elevadas para os biocombustíveis, por uma série de razões, mas a principal é que nós precisamos de estabilidade na produção de grãos. Se temos um aumento na demanda, a primeira resposta do mercado será mais desmatamento".

Álcool leva safra de cana a bater recorde, diz Conab – Marcelo Toledo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008

Alcooleira, a safra brasileira de cana-de-açúcar crescerá até 15,6% neste ano e será recorde, segundo o primeiro levantamento da safra 2008/09 divulgada pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), na Agrishow (Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação), em Ribeirão Preto.

A previsão é que a safra chegue a até 579,8 milhões de toneladas, contra 501,5 milhões da última safra -na pior hipótese, diz a Conab, a safra deve crescer 11,3%, para 558,1 milhões de toneladas. O crescimento no Norte-Nordeste será de até 8%, chegando a 71,5 milhões de toneladas. No Centro-Sul, a safra passará de 435,4 milhões de toneladas para 508,3 milhões, 16,8% a mais. O Centro-Sul representará mais que a safra total do ano passado.

"Apesar de toda a pressão sofrida pelo setor, vinda de concorrentes, a produção brasileira avança, e isso é bom não só para o país, mas para a humanidade", afirmou o presidente da Conab, Wagner Rossi.

Da safra total, 44,5% (257,9 milhões de toneladas) serão destinados à produção de açúcar. O restante, 321,9 milhões (55,5%) será usado para fabricar álcool.

Segundo Angelo Bressan, técnico da Conab, no último ano o avanço da cana se deu basicamente em áreas de pastagens. "Do total da expansão deste ano, de 650 mil hectares, 66% [429 mil] ocorreu em áreas de pastagens. É uma lógica simples, essas terras são mais baratas e faz sentido as usinas buscarem essas áreas para plantarem cana nova."

O país produzirá mais 51,75 milhões de toneladas de cana para produzir cachaça, rapadura e alimentação animal, entre outros fins.

De 2005 a 2008, a produção cresceu 43,6%, e a área plantada, 33,2%, mostrando "o ganho de produtividade", disse Rossi.

E a Esso vai para um usineiro - Ronaldo D'Ercole e Ramona Ordoñez – O Globo – economia – 25/04/2008

A Cosan, maior produtora de açúcar e álcool do país, controlada pelo usineiro Rubens Ometto, anunciou ontem a compra da Esso Brasileira de Petróleo, subsidiária da americana ExxonMobil no Brasil, que atua em distribuição de combustíveis e lubrificantes.

Pela estrutura de abastecimento e distribuição de combustíveis à rede de 1.500 postos com bandeira Esso no país, além da fábrica de lubrificantes e do prédio sede no Rio, na Barra da Tijuca, a Cosan pagará US\$ 954 milhões. A compra foi considerada positiva pelo setor de petróleo, principalmente pelas distribuidoras de combustíveis.

Ao entrar um novo grupo, evitou-se a concentração de mercado, que era temida caso a Petrobras vencesse a disputa. Especialistas e executivos do setor dizem que os consumidores serão os grandes beneficiários, pois a competição poderá gerar reduções de preços, principalmente do álcool.

A Cosan terá o direito de usar a marca Esso nos postos espalhados por 20 estados por um prazo longo, mas que não foi revelado. A sede da Esso, que já transferira várias atividades para Curitiba, será mantida no Rio. A Exxon continuará, no Brasil, com as operações de produtos químicos e de exploração e produção de petróleo.

O negócio marca um avanço na estratégia do grupo de se consolidar como um dos maiores produtores globais de açúcar e etanol, implementada com a associação ao grupo inglês Tate Lyle, no fim dos anos 90, e reforçada pelas parcerias com os traders franceses Tereos e Sucden.

— Somos o primeiro grande produtor mundial de etanol integrado verticalmente — disse o vice-presidente financeiro da Cosan, Paulo Diniz.

Preço independente da Petrobras - Dos US\$ 954 milhões, a Cosan desembolsará US\$ 826 milhões e terá créditos a receber de US\$ 35 milhões, mas assumirá uma dívida de US\$ 163 milhões. Segundo Diniz, do US\$ 1 bilhão que a Cosan tem em caixa, serão usados apenas US\$ 310 milhões.

Outras alternativas estão em avaliação para pagar o restante, entre elas a possibilidade de ter como sócio um grande fundo de private equity (de investimento direto em empresas) — que já teria manifestado interesse — e um financiamento bancário, que estaria pré-negociado. Estimase que o negócio seja liquidado em até oito meses.

A Cosan bateu concorrentes de peso como a Petrobras, o grupo Ultra e o fundo GP Investments. — A Cosan fez a melhor proposta comercial para o grupo (ExxonMobil) — disse o presidente da Esso no Brasil, Carlos Pietrowski, para quem o negócio beneficiará o consumidor.

— O consumo do álcool para uso automotivo já superou o da gasolina, e agora entra no mercado de combustíveis uma empresa que será integrada da usina ao posto. A Cosan vai poder fazer sua política de preços sem depender da Petrobras — disse o consultor Jean-Paul Prates, da Expetro.

Segundo o analista Jayme Alves, da Spinelli Corretora, a Cosan vai eliminar uma fase no segmento de álcool, seu produto principal: — Hoje, ela entrega o álcool às distribuidoras por uma faixa de R\$ 0,80 por litro. Em São Paulo, o produto é vendido por R\$ 1,20 nos postos. Com a aquisição, ela poderá se apropriar dessa margem.

As duas empresas vão manter operações independentes. A Cosan continuará fornecendo etanol a seus clientes. A Esso continuará comprando de seus fornecedores e distribuindo à sua rede e clientes no atacado.

— O volume de etanol vendido pela Esso é similar ao volume produzido pela Cosan, e o mercado brasileiro de etanol cresce uma Esso por ano. Nossa idéia é manter a independência de cada negócio para que eles sejam eficientes — disse Diniz, acrescentando que a intenção da Cosan é preservar ao máximo os quadros de pessoal da Esso.

Diniz fez questão de desfazer o mal-estar que rumores sobre a intenção de fechar o capital, originados por algumas condutas da empresa, causaram no mercado ano passado. Sem mencioná-los, disse que o grupo conta com o mercado de capitais para novas parcerias.

O vice-presidente do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom), Alísio Vaz, acredita que o crescimento do mercado ilegal, a sonegação de impostos e a adulteração de combustíveis pesaram na decisão da Exxon.

A Exxon está vendendo operações em vários países. Desfez-se de ativos de distribuição em Portugal e na Espanha este mês, e pôs à venda suas operações de distribuição na América latina. O objetivo é focar exploração e produção. Segundo fontes, a Petrobras não deverá mais apresentar proposta pelos ativos da Exxon no Chile e no Uruguai. O diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, disse que a estatal vai rever a atuação na distribuição.

Há um ano, o grupo Ipiranga vendeu o segmento à Petrobras e ao Ultra. Comenta-se no mercado que a Chevron assinou termo de exclusividade com o Ultra para discutir a venda de sua rede de postos Texaco no Brasil, negócio de US\$ 1 bilhão.

Saiba mais sobre o mercado

O QUE FICA COM A EXXON

Operações de exploração e produção. Hoje, a empresa tem 40% do bloco BM-S-22, na Bacia de Santos, ainda sem produção (é sócia da Petrobras e da Amerada Hess) Fábrica de produtos químicos em Paulínia (SP). Lá são produzidos polímeros e filmes plásticos de aplicação industrial Central de Serviços de Curitiba, que centraliza a distribuição de combustíveis na América Latina O direito de usar a marca Esso nos produtos químico

O QUE FOI VENDIDO

Mais de 1.500 postos de bandeira Esso em 20 estados (32% estão em São Paulo e 10% no Rio, por exemplo) Concessão para usar a marca Esso, por prazo não revelado 21 armazéns e terminais de armazenamento de derivados de petróleo. A Esso contempla outros 21 terminais de terceiros que serão usados pela Cosan Atividades no segmento de querosene de aviação (QAV), inclusive o fornecimento do combustível para os sete dos maiores aeroportos do país, incluindo Galeão e Guarulhos Fábrica de lubrificantes na Ilha do Governador e participação majoritária no terminal de Duque de Caxias Prédio onde funciona a sede da empresa na Barra da Tijuca Licenças para comercialização da marca Mobil 1 (que é importada) de lubrificante da Esso no Brasil e para uso da fórmula dos outros produzidos aqui

O 1º bilionário do etanol - Lino Rodrigues – O Globo – Economia – 25/04/2008

SÃO PAULO. Em Piracicaba, interior paulista, o sobrenome Ometto é quase um sinônimo de usineiro. Rubens Ometto Silveira Mello, ou simplesmente Binho, como é conhecido pelos amigos, é um dos representantes da terceira geração dos Ometto, pioneiros na produção de açúcar e álcool no estado. Ao contrário do que se possa imaginar, ele não começou a trabalhar nas empresas da família.

Aos 16 anos, iniciou um negócio próprio: comprava letras de câmbio em São Paulo e as revendia a empresários em Piracicaba.

Após a breve passagem pelo mercado financeiro, fez estágio e foi assessor de diretoria do Unibanco. E, ao completar 24 anos, foi chamado por Antonio Ermírio de Moraes para dirigir as finanças da Votorantim. Em 1980 assumiu a vice-presidência da Pedro Ometto S/A Participações e Administração e, posteriormente, passou a diretor-geral das Usinas Costa Pinto e Santa Bárbara.

Após brigas com o tio, Pedro Ometto, e disputas familiares, Binho assumiu de vez o comando das empresas e começou a comprar as concorrentes. Os gastos, as brigas na família e as crises no mercado acabaram endividando a Cosan, que passou por dificuldades.

— Ele é determinado, obstinado nas coisas importantes — diz o amigo Maurílio Biagi Filho.

Hoje, com 55 anos, esse engenheiro de Produção, formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, é o oitavo homem mais rico do país, segundo a revista americana “Forbes”. Com uma fortuna estimada em US\$ 2 bilhões, Ometto acaba de ganhar o título de “primeiro bilionário do etanol”.

RUBENS OMETTO, o Binho, é considerado um executivo obstinado pelos amigos

CTC vai lançar inovações em açúcar e álcool - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008

Depois de mais de dez anos debruçados em pesquisas, técnicos do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), de Piracicaba (SP), vão colocar à disposição neste ano importantes inovações tecnológicas na área sucroalcooleira.

Entre os destaques, estão o sistema de produção do açúcar sem enxofre no seu processo industrial - o minério é utilizado para clarear o produto, de cor originalmente escura -, processo de lavagem a seco da cana, que elimina a água da primeira etapa industrial do açúcar e álcool, e avanços em biotecnologia, com a seleção de variedades de cana adequadas a cada região do país.

Com uma verba anual de R\$ 40 milhões, quase o dobro dos recursos disponíveis em agosto de 2004, quando o centro tecnológico atuava sob o comando da Copersucar, o CTC está em processo de obtenção de patentes de suas atuais inovações. Vale lembrar que os recursos em caixa do CTC são irrisórios, se comparados com a verba de US\$ 1 bilhão (anual) despendida pelos EUA em pesquisas na área de etanol de segunda geração.

Segundo Tadeu Andrade, diretor-executivo do CTC, o centro tecnológico, com seu QG localizado em Piracicaba (SP), vai instalar uma planta-piloto para produzir o açúcar sem enxofre. "O enxofre é utilizado no processo para clarear o açúcar à base de cana." O minério não faz parte do processo de produção de açúcar de beterraba, uma vez que o caldo

extraído dessa planta é mais claro que o obtido da cana, explica Osmar Figueiredo Filho, diretor de mercado do CTC.

"Estamos nos antecipando a possíveis questionamentos de países importadores, que poderiam criar barreiras técnicas para o produto brasileiro", diz Andrade.

Com um apelo sustentável e que pode evitar eventuais barreiras não-tarifárias ao álcool e ao açúcar, a tecnologia de lavagem a seco da cana também estará disponível para usinas este ano. Quando chega em caminhões nas indústrias, toda a cana é lavada antes de ser processada. Para cada tonelada de cana, a usina gasta mil litros de água. "Desenvolvemos em parceria com o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) um sistema de ventilação a seco para limpar a cana [uma espécie de ventilador gigante]. Nesse processo, toda a terra e palha da cana são separadas", afirma Andrade. Assim, a terra volta para o campo e a palha é utilizada na queima para a geração de energia.

Detentor da tecnologia para cana transgênica há 13 anos, mas sem poder fazer testes por conta da restrição do CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), o CTC trabalha em pesquisas avançadas em biotecnologia, sem ser considerada transgenia. Nesse sentido, trabalha na identificação de lotes de materiais genéticos que têm mais chances de cruzamentos eficazes, com a possibilidade de desenvolver variedades de cana mais produtivas, resistentes a doenças e específicas para cada região produtora do país.

A partir do segundo semestre, o CTC vai colocar suas novas variedades no mercado. Desde que se tornou independente da Copersucar, a partir de agosto de 2004, o CTC lançou 15 novas variedades. Somadas as variedades antigas, somam quase 70 espalhadas em todo país. Atualmente, o centro de tecnológico tem 172 associados, entre usinas e fornecedores de cana.

As pesquisas em etanol celulósico também avançam. Em parceria com a dinamarquesa Novozymes, instalará uma planta-piloto para a produção do combustível em 2009.

Centro-sul deve colher meio bilhão de toneladas de cana - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Agronegócio - 18/04/2008

As usinas de açúcar e álcool do centro-sul do Brasil vão colher novamente um volume recorde de cana. Primeiro levantamento feito pela Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) indica uma colheita de quase 500 milhões de toneladas de cana, um crescimento de 16% sobre a safra anterior.

O aumento da produção reflete, sobretudo, os novos projetos de usinas no país. Neste ano, 32 novas usinas entrarão em operação, das quais 13 unidades em São Paulo, dez em Goiás, quatro em Minas, quatro em Mato Grosso do Sul e uma no Paraná. No ano passado, 24 novas unidades entraram em operação no centro-sul.

A produção de açúcar no centro-sul está projetada em 28,6 milhões de toneladas, aumento de 9% sobre o ciclo anterior (26,2 milhões de toneladas). A oferta de álcool será de 24,3 bilhões de litros, um incremento de 19% sobre a safra passada. O consumo mensal do álcool poderá saltar de 1,5 bilhão para 2,1 bilhões de litros nos próximos meses.

O Estado de São Paulo segue na liderança absoluta na produção, com quase 70% do total. Na quinta-feira, o Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool de Minas Gerais (Siamig) divulgou sua estimativa de safra para o Estado. As usinas mineiras deverão processar 43 milhões de toneladas, aumento de 20% sobre a safra 2007/08 (de 35,7

milhões). Minas disputa nos últimos anos com o Paraná a vice-liderança na moagem de cana no país. Na safra passada, o Paraná ocupou a segunda posição.

A expectativa da Unica é de que as exportações de álcool na região atinjam 3,9 bilhões de litros, alta de 27% sobre o ciclo anterior, quando foi de 3,1 bilhões. Os principais destinos do álcool brasileiro serão os EUA e os países da Europa. "Boa parte dos embarques diretos de álcool para os EUA ocorre de maio a junho, quando os preços do etanol americano supera os US\$ 2,50 o litro por conta da entressafra lá", diz Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica.

Para o açúcar, as vendas externas do centro-sul estão estimadas em 18,9 milhões de toneladas, um incremento de 15% sobre o ciclo 2007/08 (de 16,4 milhões de toneladas). A Rússia continua principal importador do produto brasileiro, seguido pelos países do Oriente Médio.

As recentes chuvas sobre os canaviais do centro-sul estão reduzindo o ritmo de moagem das usinas no início desta safra, segundo Rodrigues. Até esta semana, 73 unidades tinham dado início ao processamento, ante 71 unidades do mesmo período do ano passado. "Se não tivesse chovendo, mais de 100 usinas já estariam em operação."

DuPont aposta na segunda geração dos biocombustíveis - Sergio Leo – Valor Econômico – Agronegócios - 22/04/2008

Toneladas de bagaço de cana tem sido exportadas, anualmente, pela subsidiária brasileira da DuPont a seu quartel-general nos EUA. É a munição com que a empresa decidiu se alistar na batalha em defesa do biocombustível, que vem se tornando alvo de críticas de instituições preocupadas com os aumentos nos preços mundiais dos alimentos. Segundo informou ao Valor o presidente da DuPont para a América Latina, Eduardo Wanick, a empresa está muito próxima de tornar comercialmente viável a segunda geração dos biocombustíveis, com tecnologias que devem favorecer a produção de etanol de cana, no Brasil.

"Estamos prevendo para breve um investimento importante no Brasil, associado à tecnologia de conversão do bagaço de cana em etanol", revelou o executivo, que disse não poder, ainda, dar detalhes.

A Du Pont, 73ª maior empresa industrial e de serviços dos EUA, com faturamento de US\$ 29,3 bilhões em 2007 e 59 mil empregados nas subsidiárias de mais de 70 países, concluiu, segundo Wanick, que é um exemplo de sucesso na aplicação de ciência e tecnologia a produtos de consumo, no mercado americano, mas não tinha o mesmo desempenho nos emergentes. "Escolhemos a América Latina para aprender a fazer isso melhor", disse o executivo, que é brasileiro e já dirigiu a DuPont no Brasil.

A empresa aposta na segunda geração de biocombustíveis, com a produção de etanol a partir do bagaço e resíduos agrícolas. Diferentemente dos concorrentes, que enfocam a produção de etanol a partir do açúcar convertido da celulose com seis átomos de carbono, a Du Pont vem pesquisando também a extração, do etanol a partir de outro produto da conversão da celulose, o açúcar com cinco átomos de carbono, de fermentação bem mais difícil. "Estamos trabalhando muito na fermentação desse açúcar; os concorrentes tendem a ignorá-lo, mas isso faz com que se perca metade do potencial da celulose", disse Wanick.

A tecnologia do etanol a partir da celulose estará disponível, para adoção pelas usinas, em dois a quatro anos, prevê. Outra linha de pesquisa, que deve gerar frutos em prazo de três a seis anos é apontada com entusiasmo do executivo, pelas potenciais vantagens para o Brasil. Wanick comentou que o biobutanol, outro tipo de álcool produzido de celulose, com maior densidade energética (ou seja, produz mais energia) tem como característica a não absorção de água, o que permite seu transporte pelos mesmos dutos usados na distribuição de combustíveis como a gasolina.

"Criar uma outra infra-estrutura de distribuição é um grande problema", lembrou o executivo. "Poder colocar o biobutanol nos mesmos pipelines (dutos) usados para gasolina vai ajudar a reduzir as barreiras de entrada ao biocombustível, e isso beneficia o Brasil, grande produtor", disse. A DuPont já fez testes com o novo combustível em automóveis comuns, não preparados para rodar com álcool, e comprovou que o biobutanol permite ótimo desempenho nos carros hoje fabricados para usar gasolina como combustível, garantiu.

"O biobutanol vai ser a chave para acesso a mercados que, até agora, relutavam a entrar no etanol devido ao investimento na infra-estrutura adicional", previu Wanick. As usinas já existentes poderão fabricar o novo produto com açúcar de cana, nas mesmas usinas hoje usadas para o etanol. "Toda a parte de moagem de cana é igual, só daí para frente o processo é diferente", explicou o executivo.

O uso da celulose na fabricação de álcool combustível serve para a produção à base de cana e à base de milho, mas a cana leva vantagem, segundo Wanick, porque o bagaço já é subproduto do processo industrial, na usina. No caso do milho, o resíduo celulósico, o sabugo, não vai para a usina de álcool, e exige uma estrutura adicional, para recolhimento.

O uso do bagaço para produção de álcool, especialmente se for bem-sucedida a estratégia da DuPont, de usar inclusive o açúcar de difícil fermentação, permite aumentar em até 70% a produção atual, o que leva Wanick a prever que essa tecnologia será fundamental para responder às preocupações com os efeitos ambientais do biocombustível. "Vai-se produzir 70% a mais no mesmo hectare; para a sustentabilidade da indústria de biocombustíveis isso é chave".

Cana avança em áreas de alimentos - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008

Apontada pelos críticos dos biocombustíveis como uma das vilãs da disparada dos preços dos alimentos, a cana-de-açúcar tem avançado sobre áreas cultivadas com soja, milho, café e laranja na região centro-sul do país, revela estudo oficial divulgado na terça-feira pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Os dados apontam que ao menos 27% da expansão da área de cana no ano-safra 2007/08, segundo declaração dos próprios produtores, ocorreu em regiões antes ocupadas por essas culturas. O restante da expansão foi em áreas de pastagens.

O governo vinha negando de maneira sistemática a ampliação da área de cana em regiões ocupadas por grãos. E tem usado esse argumento para rebater os recentes ataques à produção dos biocombustíveis e seus efeitos sobre a inflação dos alimentos.

A dimensão dessa substituição, entretanto, é ainda bastante restrita, mostra a Conab. Apenas 176,2 mil hectares de soja, milho, café e laranja foram desalojados pela cana no

centro-sul, segundo os dados do levantamento "Perfil do setor do açúcar e do álcool no Brasil", que pesquisou 343 usinas em 19 Estados.

Em ritmo de crescimento		
Avanço da cana nas últimas duas safras (hectares)		
Estado/região	2006/07	2007/08
São Paulo	265.210	351.984
Paraná	109.416	82.173
Minas Gerais	66.975	75.913
Mato Grosso do Sul	37.155	39.229
Goiás	51.112	51.497
Mato Grosso	6.082	8.764
Centro-sul	541.023	617.017
Norte-Nordeste	40.919	36.705
Brasil	581.942	653.722

A maior parte da expansão da matéria-prima do etanol (64,7%) ocorreu, porém, em áreas de pastagem. Neste ano-safra, foram substituídos 423,1 mil hectares de pastos. A pesquisa da Conab também mostra o avanço da cana em 15,5 mil hectares de novas áreas (2,4%) e em 38,9 mil hectares de outras áreas não-especificadas pelos produtores (6%).

Os números não permitem inferir que a expansão tenha ocorrido em regiões de floresta. Pode ter sido em áreas até então em regime de pousio. "A cana-de-açúcar não tem, na tradição brasileira, o papel de lavoura pioneira em áreas virgens da fronteira agrícola", afirma, no estudo, o coordenador da pesquisa Ângelo Bressan. "O movimento recente de expansão, com crescimento anual da área cultivada acima de 10%, segue o padrão tradicional e se expande, na quase totalidade, em áreas já ocupadas por outras atividades agropecuárias". O estudo conclui que o crescimento da área de cana nos anos recentes "não parece ser suficiente para modificar o panorama agrícola e pecuário do país". Mas adverte que devem ser examinadas "com mais cautela" questões sobre mudanças na paisagem local e seus efeitos provocados pela construção de novas usinas.

A Conab também divulgou na terça-feira a nova estimativa recorde de produção de cana-de-açúcar e de álcool no país. Mesmo com a crescente onda retórica contra os biocombustíveis, os produtores devem colher a maior safra da história com uma variação entre o piso de 608 milhões de toneladas e o teto de 631,5 milhões de toneladas. O desempenho pode ser de 9% a 13% superior às 558,5 milhões de toneladas colhidas no ciclo anterior. A Conab aponta os fatores para o forte avanço: investimentos em tecnologia nas usinas, variedades mais produtivas e clima favorável. A expansão da produção deve-se também ao aumento da área plantada, que deve saltar de 7 milhões para 7,8 milhões.

Este primeiro levantamento da Conab mostra que a maior parte da cana será destinada à produção de álcool. As usinas devem processar entre 310 milhões e 322 milhões de toneladas (55%) para o biocombustível. A industrialização deve resultar em 26,4 bilhões a 27,4 bilhões de litros de álcool, algo como 15% a 19,4% acima do resultado do ciclo passado. A Conab estima a exportação de 4,2 bilhões de litros - 2,5 bilhões de litros para os Estados Unidos. Se confirmadas as atuais condições, a produção de açúcar (44% do total) deve ficar entre 248 milhões a 258 milhões de toneladas. Outras 50 milhões a 51,7 milhões de toneladas devem ser usadas na fabricação de outros produtos, como aguardentes, ração animal, sementes e mudas.

O avanço da área para cana no Brasil tem suscitado vários debates no mercado internacional. Críticos afirmam que a expansão da cultura é feita em regiões do bioma amazônico. Houve pouco avanço da cultura nessas regiões.

De acordo com Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro, a cana não pode ser culpada pelo desmatamento da amazônia. Nastari afirma que essas críticas, sobretudo da União Européia, chegam em tom de restrição de acesso a mercado. "A cana avança sobre as pastagens", observa. Mas, segundo o consultor, a atividade pecuária no Brasil tem registrado ganhos de eficiência, com maior número de cabeças de gado por hectare. "Antes a ocupação era de 0,4 a 0,5 cabeça por hectare no país. Saltou para 0,8 hectare", diz ele.

Nastari lembra, também, que o governo federal deveria rever o conceito do uso econômico da terra para fins de reforma agrária no país. "Hoje a legislação brasileira considera as áreas de pastagens isentas de risco de serem tomadas para a reforma agrária", diz. (Colaborou MS)

Fornecedor independente perde espaço – Valor Econômico – Agronegócios – 30/04/2008

Os fornecedores independentes de cana estão perdendo espaço no país para as usinas, que arrendam boa parte do produto que processam. Segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), da área total plantada com cana (5,982 milhões de hectares) no país, 67% estão nas mãos das indústrias sucroalcooleiras e 33% com os fornecedores. No centro-sul, os plantadores ficam com 35% e no Nordeste, com 30%.

A influência das usinas sobre a área plantada no país é maior, uma vez que os usineiros fecham acordo com o plantadores para o fornecimento da matéria-prima. Do total plantado hectares, 4,9 milhões de hectares sob o guarda-chuva das usinas.

O estudo do perfil das usinas mostra também que a área de colheita manual no país hoje é de 75,7%. São Paulo, com o maior índice de mecanização do Brasil, abrange 67,2% de colheita manual. Na região Norte e Nordeste do país, 97,4% dos canaviais têm colheita manual. O baixo índice de mecanização reflete a topografia acidentada da região.

A União das Indústrias da Cana-de-Açúcar (Unica) estabeleceu metas para o fim da queima da cana no Estado de São Paulo. Segundo a entidade, 40% da área do Estado é mecanizada. A expectativa é de que os novos projetos de usinas no país sejam 100% de colheita mecanizada.

Soja cede terreno em novas fronteiras sucroalcooleiras - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/04/2008

A cana avança, e em ritmo acelerado. Prova disso é a rapidez com que as novas fronteiras agrícolas do país absorvem a cultura. Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais têm concentrado os principais investimentos neste segmento, uma vez que São Paulo - maior Estado produtor do país - tem pouco espaço para expandir a cultura.

Mesmo assim, São Paulo avançou quase 352 mil hectares em cana na safra 2007/08, sobretudo na região oeste e noroeste do Estado, com tradição na pecuária. No Mato Grosso do Sul, a cana tem avançado basicamente no sul do Estado. Em Dourados divide a área com

os grãos, mas a expansão predomina basicamente nas áreas de pastagens. Todo Estado registrou uma área maior de 39,2 mil hectares para cultura. Em Minas Gerais, sobretudo no Triângulo Mineiro, os cafezais foram os que mais cederam espaço. A ampliação dos canaviais mineiros ficou em 75,9 mil hectares no ciclo 2007/08. Em Goiás, a expansão se deu em 51,9 mil hectares, principalmente em pastagens e em grãos.

Paraná, segundo maior Estado produtor, deve descer no ranking e Minas deverá ocupar a vice-liderança. Os canaviais paranaenses cresceram 82,1 mil hectares, mas deverão desacelerar por conta da limitação de área no Estado, cuja tradição é forte para os grãos.

Em todos os quatro Estados que lideram o avanço da cana - São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás -, a área de soja recuou na safra 2007/08. No Mato Grosso, tradicional reduto de soja, o aumento da área ocupada pela soja entre safra 2006/07 e a atual foi de 9,5%, para 5,6 milhões de hectares, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Dos quatro, o que teve o decréscimo de área de soja mais significativo foi Minas Gerais, que reduziu em 4,9%, para 885 mil hectares. Em todos eles, por outro lado, a produtividade cresceu. Goiás, com o aumento de 6,5%, levou sua produtividade para 2,971 toneladas por hectare, acima da média de 2,835 toneladas por hectare esperada para a safra brasileira.

Ainda que com área menor, quase todos, em virtude do aumento da produtividade, ampliaram a produção. A exceção foi Minas, que, com 45,4 mil hectares a menos dedicados à soja, foi o que mais perdeu área e não conseguiu compensá-la com o aumento de produtividade. Segundo o último levantamento da Conab, a produção no Estado deve cair 3,5%, para 2,5 milhões de toneladas.

Da soja, oleaginosa que é a base da produção brasileira de biodiesel, obtém-se 78% de farelo e 19% de óleo. Um dos argumentos dos técnicos do setor para sustentar o argumento de que, em vez de reduzir a oferta de alimento por conta de sua utilização para a produção de biodiesel, a soja aumenta ainda mais a alimentação disponível é que, para cada litro de biodiesel produzido, produzem-se quatro quilos de farelo. Estes, por sua vez, gerariam oito quilos de carne, já que o farelo é usado na alimentação animal.

"[A aversão aos biocombustíveis] é um movimento orquestrado, com muita desinformação e uso equivocado de informações sobre o mercado. É uma discussão mais política que qualquer outra coisa" afirma uma fonte ligada às indústrias de óleo.

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEL

Biodiesel

MDA suspende Selo Combustível Social da empresa Ponte Di Ferro – Sítio Eletrônico do MDA – 16/04/2008

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) suspendeu a concessão do Selo Combustível Social da empresa Ponte di Ferro Participações Indústria e Comércio de Biodiesel Ltda, unidade de Taubaté (SP), por não cumprir as condições contratuais pactuadas com os agricultores familiares no que trata da prestação de assistência técnica e na promessa de compra e venda da matéria-prima (soja e girassol).

Segundo auditoria realizada pela coordenação de Biocombustíveis da Secretaria de Agricultura Familiar do MDA, o percentual de aquisição da produção dos agricultores foi inferior (4,3%) ao mínimo para região Centro-Oeste, que é de 10%. A empresa tinha contrato com agricultores familiares dos municípios de Sidrolândia, Rio Brillhante e São Gabriel do Oeste, todos do Mato Grosso do Sul, totalizando 217 agricultores.

As auditorias em campo foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2007. Em dezembro, o MDA enviou ofício à Ponte Di Ferro, concedendo 30 dias para justificativa. A empresa não se manifestou e, com isso, houve a suspensão da concessão do Selo, publicada no Diário Oficial da União (DOU) no último dia 4.

O coordenador do Programa de Biodiesel pelo ministério, Arnaldo de Campos, explica que estes agricultores que tinham contrato com a Ponte Di Ferro terão sua produção contratada com a Granol para a compra da soja e do girassol. De acordo com Campos, a suspensão do Selo é válida por um ano.

“O cumprimento dos requisitos é fundamental para o andamento do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). O Ministério tem acompanhado a atuação das empresas junto aos agricultores familiares para a preservar o cumprimento da legislação”, ressalta.

Selo - O cancelamento do Selo Combustível Social implica na perda dos contratos, a não participação em leilões que exigirem que a empresa tenha o Selo, além da perda dos direitos aos benefícios fiscais da redução de PIS/Pasep e Cofins e das vantagens nas linhas de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O MDA realiza auditorias anuais para acompanhamento do cumprimento das exigências.

O selo somente será concedido para os produtores de biodiesel que:

- Comprem matéria-prima da agricultura familiar em percentual mínimo de: 50% região Nordeste e Semi-árido; 10% região Norte e Centro Oeste e, 30% região Sudeste e Sul.

- Façam contratos negociados com os agricultores familiares, constando, pelo menos: o prazo contratual; o valor de compra e critérios de reajuste do preço contratado; as condições de entrega da matéria-prima; as salvaguardas de cada parte e, identificação e concordância de uma representação dos agricultores que participou das negociações.
- Assegurem assistência e capacitação técnica aos agricultores familiares.

Biodiesel de mamona emperra na BA - Raquel Salgado – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008

Apesar de a Bahia ser o maior produtor de mamona do país, com 141 mil hectares plantados, as usinas do Estado pouco utilizam essa oleaginosa na produção de biodiesel. Hoje existem duas em operação, e a participação da planta é pequena. A soja continua sendo a matéria-prima mais usada.

A maior parte das plantações não tem produção destinada para essas usinas. Como a cadeia da mamona ainda está desestruturada, a produção fica na mão dos agricultores e é utilizada como moeda de troca no interior baiano. "É comum o agricultor guardar a mamona em casa. E quando precisa comprar algo, leva à loja para trocar por produtos", diz Napoleão Beltrão, da Embrapa Algodão.

A solução, segundo Geraldo Simões, secretário da agricultura do Estado, passa pelo melhoramento do manejo e da qualidade das sementes, para aumento da produtividade e pela aproximação dos elos da cadeia produtiva. Em agosto, visando essa aproximação, a Bahia promoverá o 3º Congresso Brasileiro de Mamona. A busca por maior produtividade também levou o governo a firmar uma parceria com a Petrobras por meio da qual foram distribuídas, no final ano passado, 240 toneladas de sementes de mamona melhoradas para pequenos produtores.

A idéia da estatal é usar apenas oleaginosas da agricultura familiar em suas usinas. Ter como matéria-prima a produção da agricultura familiar não é tarefa fácil, dada a baixa produtividade. Segundo Beltrão, são produzidos em média 700 quilos por hectare no Estado. O potencial, em condições climáticas ideais, é de 15 toneladas.

As três primeiras usinas da Petrobras começam a funcionar em fase de teste na segunda quinzena de maio. Uma está em Candeias (BA). As outras foram instaladas em Quixadá (RN) e Montes Claros (MG). Com a nova unidade, a Bahia passará a ter três usinas de biodiesel em funcionamento. As demais, que hoje produzem cada cerca de 100 milhões de litros de biodiesel por ano, são da Comanche Clean Energy e da Brasil Ecodiesel.

Etanol

Jornada em Defesa da Terra e dos Direitos dos Canavieiros – Sítio Eletrônico da MPT – 16/04/2008

A CPT e trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra realizam a Jornada em Defesa da Terra e dos Direitos dos Canavieiros, em Pernambuco. A ação faz parte das comemorações que marcam o 17 de abril, dia de luta pela reforma agrária e acontece ao longo de toda a semana. As atividades serão organizadas em cinco municípios da Zona da Mata do estado. Na tarde do dia 14 de abril, as ações aconteceram no município de São Vicente Ferrer; no dia 15 seguiu para Timbauba; no dia 16 em Camutanga; 17 estarão concentradas no município de Itambé e no dia 18 em Buenos Aires. Agentes visitarão bairros e comunidades de trabalhadores rurais e distribuirão materiais educativos contra o trabalho escravo, agrocombustíveis e pelo limite da propriedade da terra. A jornada em Defesa da Terra e dos Direitos dos Canavieiros também busca chamar a atenção da sociedade para os problemas que marcam a Zona da Mata e sobre os danos causados com a expansão do agronegócio na região.

Ministro da Agricultura reage diante dos dados da CPT – Sítio eletrônico da CPT – 16/04/2008

No dia 16 de abril, dia seguinte ao lançamento da publicação Conflitos no Campo Brasil 2007, da CPT, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, anunciou que estuda a criação de um selo de qualidade para identificar as indústrias de produção de álcool e açúcar que respeitam a legislação trabalhista e o meio ambiente. Segundo dados da CPT, a expansão das lavouras de cana-de-açúcar foi a principal causa para o crescimento do trabalho escravo no Brasil, durante o ano de 2007. Para o ministro, a expansão acontece paralelamente à mecanização da produção, o que dispensaria a mão-de-obra. Na região Sudeste foi encontrado o maior número de trabalhadores submetidos à condições análogas à de escravidão. A região também concentra as maiores plantações de cana-de-açúcar do país. Dos quase 6 mil trabalhadores libertados em 2007, mais da metade foram retirados de usinas do setor sucroalcooleiro.

Lula quer campanha global para defender os biocombustíveis – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008

Na África, presidente diz que prepara "batalha" contra acusações de países ricos aos efeitos do álcool nos preços dos alimentos - Brasileiro também critica protecionismo e afirma que subsídios agrícolas dados por nações desenvolvidas pressionam os preços

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva indicou ontem que está disposto a uma longa campanha internacional para defender os biocombustíveis e denunciar os países ricos, como fez durante os três dias de sua visita oficial a Acra, capital de Gana, no oeste africano.

Em uma rápida entrevista após participar de um painel sobre desenvolvimento africano na reunião da Unctad (órgão da ONU sobre desenvolvimento), Lula disse que "a batalha nem começou". "Ainda estamos na fase das estratégias intelectuais, ou seja, dos cientistas", declarou. Foi uma referência à conferência que o presidente brasileiro anunciou que realizará em novembro, no Brasil, com especialistas, para pesar os benefícios e o impacto dos biocombustíveis sobre a produção alimentar.

Em seguida, contemporizou um pouco, apesar de repetir que se trata realmente de uma guerra. "Eu acho que é uma guerra em que o mundo vai ganhar, não é o Brasil", afirmou.

Ontem, Lula indicou mais um culpado pela inflação alimentar. No discurso ao plenário da Unctad, apontou os subsídios pagos por europeus, norte-americanos e japoneses, entre outros, a seus agricultores como fator gerador da alta.

"A carência que hoje observamos [na produção de alimentos] está relacionada com as práticas protecionistas dos países ricos. A produção de alimentos em países em desenvolvimento foi muito desestimulada pela existência de produtos subsidiados no mercado internacional", afirmou Lula, em discurso lido.

O presidente já havia apontado a alta do petróleo e a produção de álcool oriundo do milho pelos norte-americanos como causas do problema de encarecimento dos alimentos. Ontem, ele voltou a fazer essa crítica. "Produzir biocombustível de alguma coisa que sirva para ração animal ou humana não é prudente, porque você vai encarecer o preço do porco, do frango. Não compensa."

Em seu programa de rádio no Brasil, Lula também abordou o tema dos biocombustíveis e disse que não aceitará "meia conversa" sobre essa questão e que pediu à ONU um levantamento profundo sobre o motivo da alta dos alimentos.

Subsídios - Ao lado do presidente, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, acusou os países ricos de adotarem uma "tática diversionista" ao fazer a ligação entre os biocombustíveis e a inflação dos alimentos, como forma de evitar o debate sobre seus subsídios agrícolas.

"O que não pode é, num momento como este, em que lutamos para pelo menos reduzir os subsídios, haja essa tática diversionista, para dar a impressão de que há outra razão que está impedindo o desenvolvimento agrícola. Isso é uma tremenda cortina de fumaça."

Lula, em seu discurso à Unctad, também criticou acordos bilaterais promovidos por países ricos com o mundo em desenvolvimento. "Preferências comerciais concedidas pelos países mais ricos podem ser benéficas no curto prazo. Mas, na maioria dos casos, apenas protelam a solução dos problemas estruturais que dificultam o desenvolvimento." Para o Brasil, esses acordos enfraquecem o impulso para a conclusão da rodada Doha da Organização Mundial do Comércio.

Em discurso no encontro da Unctad ontem, o secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Ban Ki-Moon, reforçou a cobrança do Brasil. Disse que a cotação elevada dos preços agrícolas cria uma oportunidade para a redução dos subsídios agrícolas nos países desenvolvidos, o que reduziria as distorções comerciais e a pobreza no mundo. Ban defendeu que seja definido um acordo comercial global para a redução das barreiras comerciais, o que ajudaria a atenuar a atual onda de aumento de preços, segundo ele. **Com a Reuters e a Sucursal de Brasília*

Canaviais crescem com avanço sobre pastos – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008

Os canaviais no país avançam sim, mas não sobre o espaço usado para o plantio de outras lavouras. É o que se infere do cruzamento da evolução da área usada pela agropecuária no país. De 2001 a 2007, os plantios cresceram 24%, para 63,1 milhões de hectares, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Os números incluem, além da cana-de-açúcar, culturas perenes como café, cacau e laranja. Proporcionalmente, a cana cresceu bem mais, 54% -para 7,7 milhões de hectares. O aumento de 2,7 milhões de hectares equivale justamente ao que a pecuária perdeu nesta década. Segundo estimativa da Scot Consultoria, a partir de dados do IBGE, o cultivo de pastagens encolheu de 179,2 milhões para 176,5 milhões de hectares. De 2001 a 2007, a área com soja passou de 13,9 milhões para mais de 22 milhões de hectares. A de milho, de 12 milhões para 14 milhões de hectares.

"A cana tem avançado sobre a área de pastagem degradada", diz Fabiano Tito Rosa, analista da Scot Consultoria. "Para o Brasil, a discussão dos organismos multilaterais da ONU [FAO, FMI e Banco Mundial, sobre a hipótese de o plantio de biocombustíveis roubar espaço da produção de alimentos básicos] não se aplica", afirma. A redução de área da pecuária vem sendo contornada pela intensificação da produção, diz Sérgio Torquato, pesquisador do Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. De 2001 a 2007, enquanto a área de pastagens recuou 1,5%, o peso total de carcaças de bovinos abatidos aumentou 61,9%, para 7,012 milhões de toneladas, diz Guilherme Bellotti de Melo, pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP).

Para Fabiano Rosa, da Scot, o inconveniente do avanço da cana sobre as pastagens é o deslocamento dos rebanhos para o norte. Depois da exploração da madeira, as áreas desmatadas costumam ser ocupadas com o gado de corte.

Por ser uma atividade extensiva, que demanda espaço, o boi "procura" terra barata, em geral localizada nas regiões de fronteira agrícola, afirma José Vicente Ferraz, diretor técnico da consultoria AgraFNP.

Para evitar o desmatamento, Fabiano Rosa, da Scot, defende mais fiscalização e crédito para os pecuaristas adotarem mais tecnologia. Com isso, seria possível demandar menos pastagens para criação.

Produzam os biocombustíveis corretos – Roger Cohen – Folha de São Paulo – Dinheiro – 25/04/2008

As modas chegam rápido e com toda força em nossa era da comunicação viral, e as reações a elas podem ser igualmente ferozes. É o que estamos vendo agora com os biocombustíveis, que todo mundo amava até que todo mundo decidisse que são o pior desde a Peste Negra.

Se no passado recente o combustível destilado de plantas vinha sendo saudado como resposta a toda espécie de problemas, do aquecimento global à redistribuição geoestratégica de poder em favor de estados petrolíferos repressivos, ele agora se tornou "trapaça" e "parte do problema", de acordo com a revista "Time".

Os supostos crimes dos biocombustíveis são muitos. Disparada nas commodities, destruição da floresta amazônica, aumento em lugar da redução no efeito-estufa, tumultos relacionados à falta de comida e, sem dúvida, a dor de dente de sua sogra. A maior parte dessas alegações é bobagem.

Eu admito que a mania dos biocombustíveis gerou excessos e que algumas das conversões de vegetais de uso alimentício em fonte de combustível, especialmente nos EUA e na Europa, que operam com forte subsídio, não fazem sentido. Mas os biocombustíveis continuam a ser parte da solução. A questão é determinar quais biocombustíveis.

Antes, é preciso demolir alguns mitos. Se os preços do arroz asiático dispararam, acompanhados pelo trigo e milho, isso não se deve ao fato de Jon Doe, em Iowa, ou Jean Dupont, na Picardia, terem decidido transformar seu saboroso milho e beterrabas em álcool. Há tendências muito maiores em ação. Na Ásia, centenas de milhões de pessoas ascenderam da pobreza e passaram a comer duas vezes por dia, não apenas uma, e a urbanização avançou.

Ao mesmo tempo, a ascensão do preço das commodities em 2007 acompanhou, em larga medida, a paridade declinante do dólar. Os preços do arroz dispararam em termos de dólares, mas subiram bem menos em euros. Países como China estão trocando reservas depreciadas de dólares em estoques valiosos de commodities.

A alta nos alimentos também está vinculada ao petróleo, insumo importante de fertilizantes a tratores.

Outro mito que precisa ser destruído é o de que a floresta amazônica está sendo destruída para plantar cana com a qual o Brasil produz álcool. Quase todas as áreas viáveis para o cultivo de cana ficam a centenas de quilômetros da floresta. O Brasil dispõe de pradarias suficientes para multiplicar por dez o plantio de cana sem ter de chegar nem perto do ecossistema da Amazônia.

O perigo em toda essa histeria dos biocombustíveis é que terminemos por abrir mão do que é bom para nos livrarmos do que é ruim.

As centenas de milhões de chineses e indianos que agora comem mais estarão comprando carros em 25 anos. O que isso representará em termos de preços de petróleo está aberto a interpretações, mas está claro que o álcool representa a única alternativa técnica e economicamente viável para a substituição dos combustíveis fósseis no transporte nos próximos 15 ou 20 anos. Não é uma panacéia, mas é uma ponte necessária para o próximo grande avanço da tecnologia.

A questão a decidir é: que álcool? No momento, o mercado de biocombustíveis vem sendo grotescamente distorcido por subsídios e barreiras comerciais nos EUA e na União Européia. Isso torna compensador produzir álcool de milho e grãos que são bem menos produtivos que a cana, desviam terra dedicada à produção de alimentos e têm credenciais ambientais dúbias.

Por que temos um superávit de álcool brasileiro de cana, menos nocivo ao ambiente, se os EUA impedem que ele chegue ao seu mercado por meio de uma tarifa de US\$ 0,14 por litro, enquanto o álcool de milho do Iowa tem subsídios?

A verdadeira trapaça está no protecionismo e nos subsídios distorcidos dos países desenvolvidos, não nos biocombustíveis como idéia.

Lula defende biocombustíveis e critica subsídio agrícola externo – Leticia Sander – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificou ontem de "distorção absurda" a vinculação entre a crise mundial de alimentos e a produção de biocombustíveis, em mais uma defesa pública dos combustíveis alternativos.

Em discurso na formatura de novos diplomatas, no Itamaraty, o presidente voltou a criticar os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos e disse esperar que a discussão em torno do preço dos alimentos tenha um impacto positivo nas emperradas negociações da Rodada Doha.

"Quando lancei a ação contra a fome e a pobreza, jamais pensei que o consumo de alimentos pudesse ser utilizado como argumento contra nós. Se os países ricos desejam realmente aumentar a oferta de alimentos, por que não eliminam os subsídios que dão a sua agricultura? Isso estimulará a produção nos países mais pobres que têm mais terras, mais

mão-de-obra e, agora, como ficou provado no caso do Brasil, tecnologia avançada", afirmou.

O discurso do presidente se dá um dia após o relator da ONU (Organização das Nações Unidas) para o direito à alimentação, o suíço Jean Ziegler, ter apelado por uma "suspensão total" da produção de biocombustíveis. Anteontem, a ONU se reuniu em Berna, na Suíça, para traçar um plano contra a crise alimentar no mundo.

Lula atribuiu à política externa brasileira parte do êxito pelo Brasil estar hoje menos vulnerável a crises internacionais. Segundo ele, o Brasil desta vez não está "tão tranqüilo", mas sim "maduramente tranqüilo e assentado com o pé no chão". Para Lula, um dos motivos de tranqüilidade é a diversificação de parceiros comerciais. ***(LETÍCIA SANDER)**

Etanol no centro da crise Biocombustível não é a causa da fome – Deborah Berlingk – O Globo – Economia – 20/04/2008

PARIS. O Brasil que se prepare: a crise mundial de alimentos vai aumentar a resistência aos biocombustíveis, apontados como um dos responsáveis pela disparada de preços das commodities.

Especialistas ouvidos pelo GLOBO concordam num ponto: biocombustível não é o único nem o principal fator. E se alguém tiver que ser criticado, este não deve ser o Brasil, mas sim os EUA, que contribuíram para a alta do preço do milho, ao subsidiar a plantação do produto para produzir combustível.

A crise alimentar provocada pela alta dos preços desenterra um debate que até organizações internacionais, como o Banco Mundial, quiseram enterrar no passado: que lugar a agricultura merece no mundo de hoje?

Quase toda a África importa cereais. Neste debate, biocombustíveis se misturam com segurança alimentar e proteção ambiental.

Os europeus ameaçam não comprar biocombustíveis de países que estejam causando danos ambientais, como a Malásia, que, segundo eles, corta árvores para plantar coqueiro de dendê. E organizações prevêm o acirramento de uma disputa por terra entre os que querem produzir grãos para alimentos e os que produzem para biocombustíveis.

Para o economista da FAO Abdolreza Abbasian, o Brasil pode escapar dos ataques: — Sob o prisma da produção, a única commodity que tem uma chance razoável de sobreviver às críticas crescentes é a canadeaçúcar.

Segundo ele, a produção de cana-de-açúcar para o etanol no Brasil “parece ser bastante sustentável”, pois não compete com outras plantações, nem provoca distorção nos preços no mercado internacional.

Siwa Msangi, do International Food Policy Research Institute (IFPRI), em Washington, concorda: — A tecnologia de produção do etanol é certamente mais eficiente — diz Msangi, acrescentando que faria mais sentido (econômico) os EUA importarem etanol do Brasil.

Ambos ressaltam que os países devem prestar atenção nos custos social e ambiental da corrida para os biocombustíveis, em detrimento dos alimentos. Msangi alerta para o fato

de que o lucro para os que desmatam para plantar no Brasil é alto: — Se agricultores tiverem lucro na criação de gado ou qualquer outro uso para produção agrícola, eles vão adiante. Daí a importância de ter uma política nacional de preservação de florestas ou biodiversidade. Mas é uma questão interna do Brasil.

Para os especialistas, as críticas são certamente válidas para os EUA — onde a relação preço do milho e produção de biocombustível a partir do milho é evidente.

— Se a real intenção dos EUA fosse limpar o ar e combater o efeito estufa, perguntase por que eles não estão importando etanol do Brasil em vez de subsidiar (a produção de biocombustíveis a partir do milho) — questiona Abbasian.

Inicialmente entusiasmada com os biocombustíveis, a Europa questiona se não teria avançado rápido demais nesse campo. A União Européia fixou que, a partir de 2020, 10% dos combustíveis consumidos nos 27 países-membros terão que ser biocombustíveis.

Segundo a publicação “Biodiesel”, terão que importar dois milhões de toneladas de etanol e cinco milhões de toneladas de biodiesel.

Cerca de 59 milhões de toneladas de cereais (18% do uso doméstico) seriam utilizados para produção de etanol e biodiesel no bloco.

— Eu vejo uma crescente resistência à idéia de se usar áreas agricultáveis para objetivos industriais, como biocombustíveis — afirma o economista da FAO.

Entre as causas da crise de alimentos apontadas pelo IFPRI, a mais importante coincide com o argumento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: tem mais gente comendo no planeta. O crescimento de países como China e Índia aumentou o poder de compra da população, que passou a comer mais e melhor, consumindo mais carne e leite, pressionando a demanda por grãos usados na alimentação do gado. Mas isso não explica tudo, segundo Abbasian.

A crise atual é a soma de vários fatores, como mudanças climáticas que afetaram produção em exportadores (seca na Austrália, por exemplo), com anos de falta de investimentos na agricultura.

Além disso, a produção agrícola ficou mais cara, e surgiu uma competição por terra entre plantações de grãos para produção de alimentos e para a geração de energia.

Níveis de CO2 continuam a subir – O Globo – Ciência – 25/04/2008

As emissões de dióxido de carbono, o principal gás associado ao aquecimento global, continuam a subir em ritmo acelerado. A informação é da Administração de Oceanos e Atmosfera dos Estados Unidos (Noaa, na sigla em inglês).

Um dos principais fatores são as crescentes emissões para a geração de energia na China, Estados Unidos e Europa.

A Itália, por exemplo, planeja construir uma grande termoelétrica a carvão.

De todos os combustíveis fósseis, o carvão é o que mais lança dióxido de carbono na atmosfera ao ser queimado.

Segundo a Noaa, depois de uma década de estabilidade, os níveis de metano também voltaram a se elevar. Embora menos abundante do que o CO2, o metano é pior para o efeito estufa.

Os níveis atmosféricos de CO2 alcançaram quase 385 partes por milhão no ano passado. Em 1850, estima-se que a concentração era de 280 partes por milhão. A média

anual de aumento nos últimos seis anos foi de 2 ppm, índice mais acentuado do que em décadas anteriores.

— Em toda esta década o índice tem aumentado. E temos muito claro a causa: a queima de combustíveis fósseis — disse o cientista Pieter Tan, que estuda o efeito estufa.

Se o aumento do CO2 está associado à queima de combustíveis fósseis, a situação do metano é incerta. O gás é produzido naturalmente por pântanos, mas também é liberado em atividades industriais.

Um temor dos especialistas é o degelo da permafrost (solo permanentemente congelado) na região ártica.

Isto poderia liberar grandes quantidades de metano.

Etanol: presidente ataca 'mentiras deslavadas' dos EUA - Flávio Freire* e Mariana Schreiber – O Globo – Economia – 26/04/2008

PAULÍNIA (SP), RIO e VIENA. Num ataque direto aos Estados Unidos e à União Europeia (UE), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificou ontem de falácia e mentiras deslavadas as críticas de que a produção do biocombustível brasileiro seria responsável pela alta dos preços dos alimentos. Para Lula, a crise dos alimentos não é coisa perigosa, mas passageira.

Imaginar que a gente vai trocar a produção de alimentos por álcool é uma decisão medíocre, pobre de espírito e, eu diria, vergonhosa, para quem não sabe fazer uma briga comercial ou tecnológica. Não ficaremos quietos se continuarem as mentiras deslavadas sobre o etanol e o biocombustível, afirmou Lula na inauguração da nova unidade da petroquímica Braskem em Paulínia, interior de São Paulo.

Pouco antes, em Campinas, ele já tinha tocado na questão: Essa alta dos alimentos não deve ser vista como uma coisa perigosa, mas passageira.

Segundo Lula, EUA e UE prejudicam a produção de alimentos de América Latina e África com seus subsídios agrícolas. E centrou fogo na relação que se tenta fazer entre a alta dos alimentos e o biocombustível.

É uma falácia dizer que a produção de biocombustível é responsável pelo aumento do preço dos alimentos. Na Alemanha, ou produzem etanol de beterraba, que é muito mais caro, ou compram o etanol do Brasil, muito mais barato. Nos EUA, ou compram do Terceiro Mundo o etanol da cana, ou vai encarecer a tortilla lá no nosso querido México. Esse debate não tem nada de ideológico, é eminentemente comercial.

Para Lula, o crescimento econômico do Brasil estaria incomodando outros países: É só olhar o mapa-múndi e ver onde tem terra, sol, água e tecnologia. Eles (EUA) vão perceber que é neste gigante que ficou muito tempo adormecido, mas que agora acordou, chamado Brasil. E acordou para fazer o mundo respeitá-lo.

Ao lado de Lula, o governador José Serra classificou de absurdo o argumento de que o etanol causa a inflação mundial.

Secretário-geral da ONU pede ações imediatas No Rio, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, engrossou o coro ao comparar o etanol ao colesterol: Etanol é como colesterol: tem o bom e o ruim. O de milho provavelmente é o ruim, mas o de cana é bom. O colesterol bom salva. Sendo de cana-de-açúcar, utilizando terras que não estão sendo direcionadas à agricultura, não substituindo culturas como arroz, milho e trigo, o

etanol é solução. Contribui para reduzir a emissão de gás carbônico, para criar emprego . disse Amorim, em palestra na UFRJ, ao lado do arquiteto Oscar Niemeyer.

Em discurso afinado com Lula, Amorim disse que os verdadeiros culpados pela inflação dos alimentos são os subsídios agrícolas dos países ricos.

Segundo o ministro, a crise dos alimentos é global e .cria mais pressão para eliminar subsídios., discussão que se arrasta há anos na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Já o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, voltou a bater na tecla de uma crise global ontem em Viena: . Essa acentuada alta do preço dos alimentos se transformou numa verdadeira crise global.

Precisamos adotar ações coordenadas e imediatas em toda a comunidade internacional.

Stephanes: Biocombustíveis são compatíveis com a produção de alimentos no Brasil – Sítio do MAPA – 16/04/2008

Brasília - “É perfeitamente compatível no Brasil uma política inteligente de produção de alimentos e biocombustíveis”, disse hoje (16) o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes durante a abertura oficial da 30ª Conferência da FAO para a América Latina e Caribe. Na ocasião, Stephanes ressaltou que o Brasil não aceita críticas ao programa de biocombustíveis brasileiro, pois o País abastece toda a necessidade de consumo interno e ainda exporta excedentes.

“O Brasil é o país que mais cresce na produção de excedentes de alimentos. Somos os maiores exportadores de carnes, café, açúcar, sucos e o segundo maior de grãos”, completou.

Conforme o ministro, a energia limpa, além de proteger o meio ambiente, é também mais uma opção de renda para o agricultor e a tecnologia nacional é bastante desenvolvida, especialmente no caso do etanol. Com relação ao cultivo da cana-de-açúcar, Stephanes lembrou que a cultura representa menos de 1% da produção agrícola brasileira e a expansão do produto está ocorrendo em áreas de pastagens subaproveitadas.

Trigo - O ministro da Agricultura anunciou que o ministério irá lançar um programa de incentivo a produção do trigo no Brasil, que terá como base preço mínimo, crédito e seguro rural. Stephanes explicou que hoje, com a alta do preço do produto no mercado internacional, tornou-se interesse a ampliação do cultivo no País. A idéia é reduzir a dependência brasileira do trigo que hoje importa dois terços do produto. *(Da Redação).*

Presidente Lula defende produção de biocombustíveis – Sítio Eletrônico do MAPA – 16/04/2008

Brasília - O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, defendeu, há pouco, a produção de biocombustíveis no Brasil e nos países em desenvolvimento. “Me espanta quererem estabelecer relação de causa e efeito entre biocombustíveis e alta dos preços dos alimentos”, disse em discurso na 30ª Conferência Regional da FAO para a América Latina e Caribe. Segundo o presidente, questões fundamentais, como o impacto dos subsídios agrícolas, a alta do petróleo e o monopólio da fabricação dos fertilizantes deveriam estar na pauta mundial, pois interferem nos custos de produção dos alimentos.

Lula afirmou ainda que o biocombustível alia questões ambientais e sociais, pois proporciona renda ao agricultor e reduz os impactos do aquecimento global ao gerar energia limpa. “Os biocombustíveis não são o vilão que ameaçam a segurança alimentar, ao contrário, geram mais uma fonte de renda para os países pobres e combatem a insegurança energética”, enfatizou o presidente. *(Da Redação)*

Acesso à alimentação e biocombustíveis entram na pauta da 30ª Conferência da FAO – Sítio Eletrônico do MDS – 17/04/2008

“Políticas inteligentes para a produção de alimentos e biocombustíveis são compatíveis”. O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, assegurou, durante a reunião plenária da 30ª Conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), na quarta-feira (16/04), que a produção de biocombustíveis não prejudica a política de segurança alimentar brasileira. Ele afirmou que o País deve contribuir para a produção de uma energia limpa, que permite, ainda, que países produtores agrícolas e em desenvolvimento tenham acesso a mais renda e a uma maior fatia do mercado internacional.

Segundo o ministro, mesmo com o aumento de consumo, causado pela elevação da renda dos brasileiros, o Brasil poderia ser capaz de suprir toda a necessidade alimentar de seus cidadãos. Ele citou o exemplo da China, cujas taxas de crescimento chegam a 23% ao ano. “Difícilmente o mundo terá como dar resposta a esse consumo elevado”, considerou.

Stephanes destacou ainda que apenas uma ínfima área do território brasileiro é destinada aos biocombustíveis. Segundo ele, apenas seis milhões de hectares de terra são destinados à produção de açúcar e álcool. A área para grãos ultrapassa os 50 milhões. No caso da pecuária, são 200 milhões de hectares. “Essa ameaça de redução da produção alimentar existe, mas não no Brasil, e sim nos Estados Unidos e na Europa”, reforçou.

Estiveram presentes no terceiro dia da Conferência a ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Arlete Sampaio, o secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Onaur Ruano, ministros, secretários, o presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Renato Maluf, delegados de países da América Latina e do Caribe, representantes de Organizações Não-Governamentais (ONGs).

O Diretor regional da FAO para América Latina e Caribe, José Graziano, um dos palestrantes, afirmou que a América Latina atravessa um importante ciclo de crescimento, que não se via há 40 anos. Houve queda acentuada no número de pobres e indigentes que vivem em áreas urbanas, mas existe dificuldade em reduzir os índices das áreas rurais. “De

cada três habitantes de zonas rurais da América Latina, um está na linha da extrema pobreza”, salientou.

Ao avaliar se a região vai atingir o primeiro Objetivo do Milênio (reduzir pela metade a população que passa fome, até 2015), Graziano destacou que a América Latina e o Caribe caminham nessa direção. “A redução vai bem nos casos de pobreza extrema, mas não tão bem quando se trata da pobreza total e da pobreza nas áreas rurais”, afirmou. Outra questão preocupante, segundo ele, é a subnutrição crônica de crianças menores de cinco anos. Ele acrescentou que a região possui produção suficiente para alimentar todos os cidadãos. “O tema não é falta de produção, mas falta de acesso aos alimentos. E a América Latina registra os maiores índices de desigualdade do planeta”, lamentou ele.

O embaixador permanente da FAO no Brasil, José Antônio Marcondes de Carvalho, ressaltou que o Brasil cumpriu o Primeiro Objetivo do Milênio dez anos antes do prazo. “O Fome Zero permitiu alívio imediato da fome a cerca de 11 milhões de famílias e a 37 milhões de alunos que freqüentam as escolas brasileiras”, comentou. Ele acredita que os bons resultados da estratégia do governo brasileiro podem render soluções positivas também no exterior.

Para Jacques Diouf, diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), a América Latina e o Caribe têm conseguido progressos neste milênio. “O número de pessoas subnutridas tem diminuído em 7,3 milhões. É uma redução de 3%. O desenvolvimento da agricultura é de extrema importância para fazer frente aos maiores desafios especialmente às inseguranças alimentares e à pobreza extrema”. Houve também elogios para o combate à fome no Brasil. “O presidente Lula demonstra, com o Fome Zero e programas como Pronaf, Bolsa Família e Alimentação Escolar, ações exemplares na luta contra a fome”.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que esteve presente na Conferência no período da tarde, falou sobre o extraordinário potencial que o Brasil tem em aumentar a produção de alimentos e de biocombustível. “Temos que produzir mais feijão, mais arroz, mais soja, mais trigo. E neste aspecto o Brasil tem 400 milhões de hectares preparados para a agricultura. Queremos que outros países pobres plantem e possam vender os seus próprios produtos”. O presidente falou sobre o desafio de aumentar a produção agrícola. “O mundo não estava preparado para ver milhões de chineses, africanos, brasileiros comendo três vezes ao dia. O mundo não estava preparado para isto. À medida que o povo está comendo, temos um desafio bom de aumentar a produção agrícola, porque o povo do nordeste, do norte, da África, da China está comendo mais”.

Em seu discurso, o presidente lembrou que o foco central da agenda de políticas públicas em seu governo é o direito à alimentação. Citou a ampliação da reforma agrária, a agricultura familiar, a concessão de crédito, a assistência técnica e a comercialização dos produtos agrícolas. “Aplicamos políticas sociais que aumentam a renda das pessoas. O Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda da história do Brasil que beneficia hoje mais de 11 milhões de famílias pobres”, completou.

Lula acredita que a América Latina e o Caribe poderão vir a ser a única região a ter cumprido os compromissos da Cúpula Mundial de Alimentação e a primeira Meta do Milênio (ONU) de redução do número de pessoas com fome.

Quanto ao programa de biocombustível, o presidente insistiu em seu potencial como instrumento de transformação social e econômica dos países mais pobres. “O biocombustível gera renda e emprego sobretudo no campo. É exemplo de equilíbrio entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos”. Para Lula, mais de 100 países têm vocação

natural para produzir biocombustível de forma sustentável. Em muitos deles, segundo ele, menos de 20% da população tem acesso à fonte de energia para suas necessidades básicas.

**Mariana Moreira e Adriana Scorza*

Crime é descartar os biocombustíveis, afirma Lula - Paulo de Tarso Lyra – Valor Econômico – Agronegócios - 17/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez uma defesa veemente dos biocombustíveis durante a abertura oficial da 30ª Conferência Regional da FAO para a América Latina e Caribe, realizada ontem no Palácio do Itamaraty, em Brasília. Considerado uma das principais programas de seu governo, os biocombustíveis foram classificados na semana passada de "crime contra a Humanidade" pelo relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler. "O verdadeiro crime contra a humanidade é descartar, a priori, os biocombustíveis e relegar as pessoas pobres à dependência e à insegurança alimentar", criticou.

Antes da cerimônia, o presidente já havia chamado de "palpiteiros" aqueles que levantam suas vozes contra os biocombustíveis, afirmando que eles diminuem a produção de alimentos e provocam a atual onda inflacionária no setor. "É muito fácil criticar as coisas sentado em um banco na Suíça. Tem que colocar o pé no barro para entender as realidades do Brasil e da África". Na abertura do encontro, Lula foi ainda mais incisivo. "Dizer que o preço dos alimentos está aumentando por conta dos biocombustíveis é um discurso generalizado e reducionista".

Para Lula, por uma questão de comodismo, os países ricos excluem dessa equação o aumento do preço do barril do petróleo (que dificulta a produção e o transporte dos alimentos), o reajuste nos preços de fertilizantes e os impactos do clima que levaram à quebra de safra em países produtores importantes. "É fácil escolher respostas simplistas para esconder questões econômicas e políticas por trás de argumentos sociais."

Para o presidente, a crise de alimentos vivida no mundo é uma crise de oportunidades e de distribuição. Citou que o Brasil encaminhou 14 milhões de toneladas de alimentos para o Haiti, além de contribuir com o fundo da FAO para assegurar a distribuição de alimentos para os países mais pobres. "É lamentável que países desenvolvidos só se movam em situações emergenciais como essas", atacou.

Causando um intenso burburinho entre os delegados da FAO presentes à Conferência, Lula lembrou que, nos anos 80 e 90, técnicos do FMI desembarcaram em todos os países com uma planilha de dicas e obrigações a serem cumpridas, como ajuste fiscal, controle do câmbio e diminuição da máquina pública. "Mas ninguém viu o mesmo FMI falar nada sobre a crise imobiliária americana", afirmou.

Lula disse que os países pobres, os mais prejudicados pela alta dos alimentos, não têm controle sobre os reajustes dos preços dos petróleo, não influenciam os preços dos fertilizantes estabelecidos pelas multinacionais nem tampouco interferem no preço das commodities. Segundo o presidente, é um absurdo os produtores plantarem os alimentos e o preço dos produtos ser estabelecido por uma bolsa em Chicago. "Além disso, quando eles colhem o que plantaram, muitas vezes não têm dinheiro para pagar os fertilizantes que tiveram que utilizar nas lavouras".

Lula disse que os países da América Latina, do Caribe e da África não podem ficar excluídos do debate sobre os biocombustíveis nem das polêmicas sobre segurança

alimentar. Diante do presidente do Consea, Renato Maluf, o presidente disse que todo país deveria ter um Conselho semelhante para orientar as políticas públicas para o setor. "O debate tem de ser racional, sem qualquer viés ideológico, seja de esquerda ou de direita".

O presidente voltou a defender que os países desenvolvidos reduzam barreiras tarifárias à importação de produtos agrícolas do Terceiro Mundo para destravar a Rodada Doha. Disse que ninguém deixará de comer para encher o tanque porque, se isso acontecesse, "a pessoa deveria passar por um tratamento sério". E finalizou, arrancando aplausos de pé dos presentes por quase cinco minutos: "Até quando nós vamos aceitar o papel de coadjuvantes no cenário internacional? Até quando?"

Tributação do álcool sofre mudança - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Agronegócio - 18/04/2008

O governo recuou e aceitou reduzir o percentual de recolhimento previsto para as contribuições PIS e Cofins das usinas de álcool. Essa foi a condição para vencer a forte resistência dos deputados e viabilizar a aprovação da Medida Provisória (MP) 413 na Câmara, prevista para a semana que vem. O texto da MP, publicado em janeiro com o objetivo de reduzir a sonegação, prevê que os usineiros teriam de recolher esses tributos para toda a cadeia produtiva, integrada por distribuidoras e postos de combustíveis. Pelo acordo fechado quarta-feira, a produção ficará com 40% dos pagamentos e o restante das distribuidoras.

"O acordo representa o que é possível fazer, e isso foi positivo. Demos um passo", disse Alísio Vaz, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom). Segundo ele, o governo mediu as negociações para que não fosse perdida a oportunidade. As conversas, na quarta-feira, foram conduzidas pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Machado, e contaram com a participação de Vaz, do relator da MP 413, deputado Odair Cunha (PT-MG), do secretário adjunto da Receita Federal, Carlos Alberto Barreto e do presidente da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica), Marcos Jank.

Em coletiva à imprensa na quarta-feira, Jank afirmou que a reunião entre governo e distribuidores resultou em avanços. A Unica acredita que com as mudanças propostas na reunião, o setor não fica com o todo o ônus resultante da mudança de tributação.

Além da nova repartição de responsabilidades tributárias na cadeia do álcool, Vaz disse que outros avanços foram preservados. Serão instalados nas usinas medidores de vazão que, em tempo real, vão fornecer informações da produção para a Receita Federal. Também ficou acertado que a lei vai prever um teto equivalente a 9,25% do preço médio anual do álcool para as contribuições PIS e Cofins.

Atualmente, as distribuidoras recolhem 75% desses tributos e o restante é cobrado nas usinas. Convertida em lei a MP 413, os produtores vão pagar uma alíquota específica de R\$ 0,03 por litro e as distribuidoras, R\$ 0,09 por litro.

Segundo Vaz, a maioria dos Estados já cobra dois terços do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) nas usinas. Na negociação da quarta-feira, tentou-se, sem sucesso, definir um sistema no qual metade da carga de PIS e Cofins ficaria com os produtores de álcool.

Em audiência pública realizada semana passada na Comissão de Minas e Energia, ficou clara a resistência dos deputados e usineiros à aprovação da MP 413. O deputado Antonio Palocci (PT-SP) disse que estava preocupado com a "neutralidade econômica" da MP 413 em relação à formação de preços da cadeia produtiva do álcool.

O ponto mais polêmico do texto original da MP 413 é a norma que define as alíquotas máximas sobre a receita bruta das usinas: 3,75% (PIS) e 17,25% (Cofins). Os produtores e importadores poderiam optar por regime especial de apuração, com alíquotas específicas de R\$ 58,45 (PIS) e R\$ 268,80 (Cofins) por metro cúbico de álcool.

Segundo os argumentos da Unica, na melhor das hipóteses, a MP 413 representaria 300% de aumento na carga tributária e, certamente, isso não poderia ser repassado integralmente para o restante da cadeia produtiva.

Setor está sob os holofotes, afirma Jank – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/04/2008

"O setor está sob os holofotes", afirmou na quinta-feira Marcos Jank, presidente da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). A frase dita por Jank tem pelos menos dois significados. O primeiro é que o Brasil, um dos maiores produtores globais de álcool combustível, está na vitrine há pelo menos três anos, recebendo pesados investimentos, inclusive estrangeiros, para a construção de novos projetos de usinas no país. Exatamente por estar exposto, o país também é alvo direto de campanha internacional contra a produção de biocombustíveis.

Jank voltou a defender o setor em relação às acusações de que a cana-de-açúcar seria responsável pelo desmatamento da região amazônica. "A cana ocupa hoje uma área de 7 milhões de hectares. A da soja, cerca de 23 milhões de hectares no país. As acusações de que haverá redução de plantio de alimentos no Brasil não tem nenhum fundamento", disse. Segundo ele, o avanço do desmatamento da Amazônia está associado à falta de fiscalização na região. "É preciso discutir também direito à propriedade naquelas áreas. Hoje mais 76% daquelas propriedades são devolutas."

A Unica já colocou em operação o seu escritório em Bruxelas, com objetivo de defender os interesses brasileiros na União Européia. No ano passado, a Unica inaugurou um escritório em Washington e pretende fazer o mesmo ainda este ano em um país da Ásia. "Vamos trabalhar na Europa na defesa dos biocombustíveis", disse o dirigente.

Segundo Jank, a Unica nos últimos meses resolveu rever suas estratégias e decidiu concentrar seu foco em competitividade, sustentabilidade e comunicação. Na questão da competitividade, discute com o governo e setor elétrico melhor remuneração para a energia gerada a partir do bagaço da cana. As discussões sobre os custos de conexões de energia com a rede, nos projetos de co-geração hoje remetidos às usinas, estão em discussão com o governo. O fato de ter de investir também nesta conexão tem desestimulado as usinas a participar dos leilões de energia. (MS)

A matriz energética e a política - José M. Insulza – Valor econômico – Opinião - 22/04/2008

No oceano de incertezas que se converteu o tema da energia atualmente, existem três certezas irrefutáveis: a energia é um tema crítico para todos os países do mundo - não importa seu tamanho; ela é essencial para o desenvolvimento e a distribuição desigual de recursos energéticos - em escala mundial e regional; e tende a gerar situações de tensão entre os países. A nossa região não escapa da realidade dessas certezas e este fato motiva uma crescente preocupação sobre o tema. A nossa abundância de recursos energéticos contrasta severamente com um cenário de crescentes necessidades não atendidas. Hoje, todos os nossos países, inclusive os exportadores líquidos de energia, enfrentam problemas relacionados ao fornecimento, distribuição e geração. O cenário de insegurança energética gerada por esse fato é claramente demonstrado hoje: cerca de 50 milhões de pessoas na América Latina e no Caribe não possuem acesso certo à energia elétrica ou está além das suas condições financeiras.

Com um olho no futuro, em 2030 - de acordo com dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento - a demanda energética da América Latina será 75% maior e a capacidade de geração elétrica precisa crescer em 144%. Seremos capazes de superar esse desafio? Mantendo as tendências atuais, certamente não conseguiremos. A matriz energética da nossa região está baseada, em grande parte, nos combustíveis fósseis. Essa dependência cria uma grave ameaça que também afeta os grandes produtores de petróleo da região, que hoje enfrentam severas ameaças em termos da eficiência das suas indústrias, cujas reservas, por maiores que sejam, devem se esgotar até o final do século.

Em termos de gás natural, a situação também não é satisfatória, pois as reservas da América Latina representam apenas 4,1% do total das comprovadas no mundo e, com o desenvolvimento relativamente atrasado do setor, seu consumo representa apenas 6,8% do total global.

Nesse contexto, a nossa região também não escapa da terceira das certezas do mundo energético: a distribuição desigual de recursos energéticos e os efeitos sobre o cenário geopolítico regional. O forte desequilíbrio regional entre países produtores e países importadores de recursos energéticos não apenas leva as nações a viver de maneira distinta e até totalmente oposta à evolução do mercado global de energia, especialmente em termos do aumento de preços, mas também permite aos países produtores criar áreas de influência ou obter concessões especiais dos países importadores.

Como mudar essa situação? Em primeiro lugar, é fundamental promover a eficiência energética em todos os setores da economia, porque um quilowatt economizado é sempre mais barato que um quilowatt gerado. As medidas de economia energética oferecem uma solução rápida, barata e limpa de aumentar a oferta de energia, reduzir a necessidade de investimentos futuros e liberar recursos.

Medidas de economia energética oferecem uma solução rápida, barata e limpa de aumentar a oferta de energia e reduzir a necessidade de investimentos

Como solução estrutural, acredito que em todos os casos, não apenas para os países numa situação de desvantagem, devemos também promover a diversificação da matriz energética, buscando adequar o equilíbrio entre diversas fontes de energia para garantir maior segurança na disponibilidade de recursos e independência dos seus provedores.

Já existem esforços nesse sentido no Brasil e no Chile, que são os maiores consumidores de gás natural na região e que decidiram ampliar sua matriz energética incorporando o gás natural líquido, importando de diversos países dentro e fora de região.

O uso de fontes alternativas e renováveis é um caminho especialmente propício para diversificar a matriz energética. Basta recordar que a nossa região é favorecida pela grande diversidade de recursos naturais renováveis, que podem ser convertidos em energia limpa como eletricidade e/ou combustíveis líquidos (etanol e biodiesel). Também devemos considerar que o uso de energias renováveis não é novidade nesse hemisfério e a busca pela diversificação da matriz energética não representa nenhum grande risco ou aventura. Podemos falar apenas da energia hídrica, que tem sido uma peça importante na matriz energética da região durante muitos anos e que abastece aproximadamente 90% de todas as necessidades de um país como o Brasil.

Outra alternativa é a energia nuclear. Os países da América Latina e do Caribe que contribuíram durante 40 anos para a não-proliferação de armas nucleares por meio do Tratado de Tlatelolco, que rejeita as armas nucleares e condena permanentemente seu uso ou a ameaça de usá-las como uma violação do direito internacional, não devem se sentir inibidos para pesquisar, desenvolver e produzir energia nuclear para finalidades pacíficas, no sentido de facilitar o acesso a combustíveis nucleares a preços razoáveis para abastecer reatores gerando energia elétrica. A energia gerada pelas estações nucleares não produz emissões sulfurosas ou de mercúrio, ou gases de efeito estufa. Do outro lado, considerando os preços atuais de combustíveis sólidos, a energia nuclear poderia ser mais barata que a energia produzida com petróleo ou gás natural.

Se explorarmos todos esses campos, a busca pela diversificação da matriz energética pode contribuir de maneira decisiva para aumentar a segurança energética em nossos países, superando todos os obstáculos criados pela energia ao crescimento e desenvolvimento econômico da região, e, acima de tudo, eliminando focos de tensão que o atual desequilíbrio energético provoca entre nossos países.

José Miguel Insulza é secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). O artigo foi especialmente produzido na preparação da reunião do World Economic Forum, realizada nos dias 15 e 16 de abril, em Cancún, no México.

José Goldemberg desconstrói ataque ao etanol de cana - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Agronegócios - 23/04/2008

O físico nuclear José Goldemberg voltou há poucos dias dos Estados Unidos. Foi fazer uma palestra em Denver, no National Renewables Energy Laboratory, o laboratório de energias renováveis do Departamento de Estado de Energia, e que desenvolve pesquisas com ventos, células fotovoltaicas e, naturalmente, biomassa.

Goldemberg, que coleciona longa trilha de cargos em universidades no Brasil e no mundo, e postos na esfera estadual e federal (já foi titular do ministério da Educação, secretário federal da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente, reitor da Universidade de São Paulo e presidente da CESP), falou entusiasmado sobre o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar. "O ataque atual aos biocombustíveis é fruto de um debate baseado em quatro mitos", pondera.

Na platéia estavam nove membros do conselho consultivo da instituição, do reitor da Universidade do Colorado ao chefe do laboratório de energia do MIT. O décimo membro, um não-americano pela primeira vez na história do laboratório, era o próprio palestrante. "O etanol é um ótimo combustível, o problema é o jeito de produzi-lo. O de milho, de fato, tem problemas", reconhece.

Aos 79 anos, no fim de 2007 Goldemberg foi eleito junto a Angela Merkel, Al Gore e Mikhail Gorbachev um dos "heróis do ambiente" pela revista Time, justamente por suas pesquisas com etanol. "O principal vetor de destruição da Amazônia não é o etanol, é o gado", diz. "A área dedicada à produção de biocombustíveis no mundo é 10 milhões de hectares; a área para agricultura é 1,2 bilhão de hectares. Os críticos perderam completamente o senso de proporção."

Valor: *O senhor esperava este ataque ao etanol?*

José Goldemberg: Estou surpreso. Só pode ser a reação de lobbies fortes e me admira que alguns ambientalistas tenham caído nisso. Está havendo uma ofensiva violenta dentro dos Estados Unidos contra a utilização de etanol feito do milho e isto acaba tendo reflexos na produção do etanol de cana. São processos diferentes, mas estão sendo colocados no mesmo barco.

Valor: *O senhor enxerga os atores desta ofensiva?*

Goldemberg: Não é fácil identificá-los, mas pela natureza da argumentação são basicamente três. A indústria do petróleo, com a preocupação que o etanol retire parte de seus lucros. Os produtores de soja nos EUA, porque a área cultivada de milho está avançando sobre a deles. E ambientalistas mal-informados que acreditam que a produção de biocombustíveis irá provocar a fome no mundo. São aqueles xiitas, tipo Ziegler [Jean Ziegler, relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, que declarou que os biocombustíveis representariam um "crime contra a Humanidade" pelo seu impacto na produção e preço dos alimentos no mundo].

Valor: *O senhor acha que os argumentos dele não procedem?*

Goldemberg: É um obsessivo que diz que os biocombustíveis vão provocar um genocídio. Li o artigo dele e não tem nada a ver com Ciência. Tem um componente político forte, é o debate do Movimento Sem Terra. Ele argumenta que o programa do etanol está enriquecendo latifúndios e que o que devia ser feito é a distribuição da terra. Se você está interessado em política, ok. É a mensagem que precisa fazer reforma agrária, que grande propriedade é ruim, que grande capital é ruim também. Bom, essa é uma conversa que podemos ter num bar. É uma coisa ideológica, não tem a ver com etanol. E não dá para produzir etanol em assentamentos do Incra.

Valor: *Por que não?*

Goldemberg: Porque a tecnologia só funciona em grande escala. Não pode ser pequeno produtor. A produção de etanol de cana exige grande escala por causa da tecnologia, do processo de destilação, do maquinário. No começo, há 30 anos, se tentou fazer mini-destilarias, que produziam 10 mil litros por dia. Não dá, é anti-econômico. As atuais produzem 1 milhão de litros por dia, são cem vezes maiores que aquelas.

Valor: *O senhor fala em quatro mitos em torno aos biocombustíveis. Quais são eles?*

Goldemberg: O primeiro é que estão levando ao desmatamento. O segundo, que estão causando fome no mundo. O terceiro, que não reduzem as emissões de gases do efeito estufa, e finalmente que, se forem viáveis, só o são em nichos, em lugares como o Brasil. O debate atual deste tema se centra em torno de mitos.

Valor: *O senhor pode detalhar?*

Goldemberg: Nos EUA, os biocombustíveis de milho não estão levando ao desmatamento, mas avançando sobre a soja. Não tem mata para destruir nos EUA.

Valor: *Mas aqui tem. E o que se fala é no efeito indireto...*

Goldemberg: Pois é. A idéia é que a área de milho aumentou em cima da soja e para compensar a perda, países como o Brasil têm que aumentar a produção. Então se destrói a Amazônia para produzir soja. Mas nestes últimos anos em que ocorreu o aumento da produção de milho nos EUA, o desmatamento da Amazônia diminuiu e a área de soja não aumentou.

Valor: *O senhor se refere a antes do final de 2007, quando o desmatamento da Amazônia subiu...*

Goldemberg: Sim. O problema do desmatamento do Brasil, que é real, é causado pelo gado. Não foi provocado pelo aumento na produção de soja.

Valor: *Não tem a ver com o preço baixo da soja no período?*

Goldemberg: É, o preço não era atraente, o pessoal preferiu fazer outra coisa. Mas a pressão é o gado que faz e é preciso registrar que o governo brasileiro também está tentando resistir. Eu acho que o governo brasileiro está pagando um preço alto pelo fato de não ter conseguido conter o desmatamento na Amazônia. Mas achar que a produção de etanol é o único vetor de desmatamento da floresta é um exagero completo.

Valor: *Mas é um vetor forte?*

Goldemberg: Não creio. Em algumas regiões do Estado de São Paulo, sobretudo em Araraquara, a cana está ocorrendo em cima de pastos. Os pastos aqui tinham 1,2 cabeça/hectare. Era o gado mais confortável do mundo. Agora aumentou para 1,4. Alguns ambientalistas argumentam que está empurrando para a floresta. Não é verdade, está adensando a pecuária.

Valor: *O senhor não teme que o preço da soja, em elevação, não vá criar este efeito?*

Goldemberg: Acho que sim. E isso se liga ao problema geral, às ações que o governo tem que tomar para impedir que a destruição da Amazônia aconteça. Mas por enquanto este efeito indireto é pequeno. Apresentá-lo como uma catástrofe não tem cabimento.

Valor: *E o segundo mito, o que relaciona a produção de biocombustíveis à fome no mundo e está colocando o etanol sob fogo cruzado?*

Goldemberg: O segundo argumento é que pegar milho e produzir biocombustíveis está levando ao aumento do preço do milho. Que já afetou a produção de tortilha no México e está fazendo disparar o preço das commodities no resto do mundo. Mas as commodities no mundo estão subindo por um motivo que não tem nada a ver com os biocombustíveis.

Valor: *Qual?*

Goldemberg: A China, que está comprando tudo o que aparece. Além disso, a área dedicada à produção de biocombustíveis no mundo, somando EUA e Brasil, é de 10 milhões de hectares. E a área usada para agricultura, no mundo, é 1,2 bilhão de hectares. Ou seja: estes críticos perderam completamente o senso de proporção. Estão achando que a plantação de cana de açúcar no Brasil, e a de milho, nos EUA, estão aumentando e perturbando o sistema todo. Simplesmente não é verdade. Como é possível? É uma coisa pequena.

Valor: *O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Dominique Strauss-Khan alertou para o problema moral, segundo ele, da produção de biocombustíveis...*

Goldemberg: Foi uma intervenção muito infeliz. São só dez milhões de hectares no mundo, considerando o milho para etanol também! Isso é o que mais me irrita nesta argumentação. Como é possível que o que está ocorrendo com 10 milhões de hectares vai

afetar um mundo enorme de 1,2 bilhão de hectares? É uma postura política. É como dizer que a inflação no Brasil está sendo causada pela produção de etanol. O preço do tomate está subindo, tem o dólar, os problemas macroeconômicos. Não é a cana que está causando isso. Tem um gráfico do próprio FMI que mostra que o preço dos alimentos sobe o tempo todo e por mil razões. Então, acusar a produção de biocombustíveis como a causa do aumento do preço dos alimentos é totalmente fora de propósito. É uma coisa apaixonada, ideológica.

Valor: *E o terceiro mito?*

Goldemberg: É o que diz que os biocombustíveis não reduzem as emissões de carbono. A produção de etanol a partir da cana tem demonstrado que isso não é verdade. O etanol, quando se usa no carro, também produz CO₂, tanto faz se é de cana ou de milho. Mas no caso da cana, quando ela cresce, reabsorve aquilo. Etanol de cana é praticamente neutro nas emissões de CO₂. E as usinas de açúcar e álcool no Brasil nem utilizam energia externa, usam a que vem do próprio bagaço. Estão ficando tão eficientes que, além de fazer isso, exportam energia elétrica. Com o milho é diferente. Não tem bagaço então eles usam carvão ou petróleo para fermentar e produzir etanol. E então, de fato, a produção de etanol do milho não é uma energia renovável como é a energia do etanol do Brasil. Aí há uma incompreensão clara e não se pode colocar tudo no mesmo balaio.

Valor: *É preciso descolar, então, o etanol de milho do etanol de cana?*

Goldemberg: Sim. O etanol de milho é mais problemático e não tem área nos EUA para expandir. Mas no Brasil tem uma imensa área de pastagens degradadas. Só no Estado de São Paulo são 10 milhões de hectares.

Valor: *A tal parceria Brasil e EUA nesta área tinha que ser revista?*

Goldemberg: Não está ajudando nada e estamos nos contaminando pelos problemas do etanol americano. É o tipo do acordo passivo. O Brasil devia ter feito um acordo desde que os EUA removessem as tarifas sobre o etanol brasileiro. Se não houvesse a barreira alfandegária, o etanol brasileiro estaria inundando os EUA. O que seria bom para combater o efeito estufa nos Estados Unidos.

Valor: *A revista Science publicou um estudo recentemente que mostrava que o balanço de etanol não era tão bom assim não...*

Goldemberg: Ah não, mas eu sei por quê. É que eles se perguntam onde a cana está sendo produzida. Pensam assim: "Teve que derrubar floresta, e na floresta tinha carbono. Então aquele carbono que saiu quando se derrubou a floresta micou todo o processo." Acontece que a cana-de-açúcar no Brasil não está crescendo em área de floresta, este é um dos mitos. A cana no Estado de São Paulo ocupa o lugar onde estava o café. E tem o balanço energético também.

Valor: *Como é esse balanço?*

Goldemberg: O balanço energético do etanol mede o quão renovável ele é. Fiz esta conta em 1978, o cálculo de quanta energia fóssil era necessária para produzir etanol. É o seguinte: imagine uma usina, entra cana de um lado e sai etanol do outro. Quanto de energia precisa colocar para fazer etanol? Quanto de fertilizante, que usa energia que vem de combustível fóssil, de pesticidas, de caminhões a diesel que trazem a cana que vai para a usina? E vai somando tudo.

Valor: *Qual o resultado?*

Goldemberg: A relação é de oito para um na produção de etanol de cana. Coloca-se uma unidade de combustível fóssil e ganha-se oito de energia de etanol. Energia do Sol, que faz as plantas crescerem.

Valor: *Como é a relação com o etanol do milho?*

Goldemberg: É ruim: 1,5 para um, quase empata.

Valor: *E o quarto mito?*

Goldemberg: Quando finalmente concordam que a produção do etanol de cana dá um combustível mais puro etc e tal, os críticos falam "ah bom, mas isso é só no Brasil. E o Brasil é um nicho, tem dez vezes menos automóveis que nos EUA. Então, mesmo que vocês resolvam o problema aí, não vão resolver o problema no mundo...."

Valor: *E não é assim?*

Goldemberg: Não. O Brasil só produz 25% da cana-de-açúcar mundial. Há cana em toda a América Central, na Índia, na África do Sul, em Moçambique. A experiência brasileira pode ser replicada e está sendo. Na Colômbia já tem quatro destilarias como as do Brasil. Aí eles vêm e dizem, "ah, mas vocês produzem etanol e tem trabalho escravo, tem queimadas."

Valor: *E não tem?*

Goldemberg: No Estado de São Paulo, onde dois terços da produção está, 50% da cana já é cortada mecanicamente. Até 2012 o corte manual, que exige as queimadas, vai ser eliminado no Estado.

Valor: *A Alemanha desistiu da mistura etanol/gasolina. O senhor não teme que isso possa atingir outros países da União Européia?*

Goldemberg: Outros países europeus estão vacilando. É preciso um esforço grande do governo brasileiro para esclarecer os mitos.

Reinventando a energia - Jeffrey D. Sachs – Valor Econômico – Opinião - 28/04/2008

A economia mundial está sendo golpeada por preços de energia acentuadamente mais altos. Enquanto alguns poucos países exportadores de energia no Oriente Médio e outros lugares colhem lucros enormes, o resto do mundo sofre: o preço do petróleo superou os US\$ 110 o barril e o de carvão dobrou.

Sem energia farta e a custo baixo, todos os aspectos da economia global são ameaçados. Por exemplo, os preços dos alimentos estão aumentando em paralelo à disparada nos preços do petróleo, em parte devido aos crescentes custos de produção, mas também porque a terra agrícola nos Estados Unidos e demais lugares está sendo convertida de produção de alimentos para a produção de biocombustível.

Não há soluções fáceis para os preços do petróleo. Os preços mais altos refletem condições básicas de oferta e demanda. A economia mundial, especialmente China, Índia e demais lugares na Ásia, tem crescido velozmente, provocando um aumento pronunciado na demanda mundial por energia, especialmente para a eletricidade e os transportes. Mesmo assim, o abastecimento global de petróleo, gás natural e carvão não consegue manter o ritmo facilmente, mesmo com novas descobertas. Além disso, em muitos lugares o fornecimento de petróleo está declinando em meio ao esgotamento dos antigos campos petrolíferos.

O fornecimento do carvão está ligeiramente mais abundante e pode ser transformado em combustíveis líquidos para o setor de transportes. O carvão, porém, é um substituto inadequado, em parte devido ao suprimento limitado e em parte porque emite grandes quantidades de dióxido de carbono por unidade de energia e, portanto, é uma fonte perigosa de mudança climática produzida pelo homem.

Para que os países em desenvolvimento possam continuar desfrutando de um crescimento econômico veloz, e para que os países ricos consigam evitar uma recessão provocada, será necessário desenvolver novas tecnologias de energia. Três objetivos devem ser visados: alternativas de baixo custo a combustíveis fósseis, maior eficácia energética e redução das emissões de dióxido de carbono.

A tecnologia mais promissora no longo prazo é a energia solar. A radiação solar total que atinge o planeta é cerca de mil vezes superior ao uso de energia comercial do mundo. Isso significa que mesmo uma pequena parte da superfície terrestre - especialmente nas regiões desérticas, que recebem maciça radiação solar - pode oferecer grandes quantidades de eletricidade para grande parte do resto do mundo.

O abastecimento global de petróleo, gás natural e carvão não consegue manter o ritmo facilmente, mesmo com novas descobertas

Por exemplo, usinas elétricas solares no deserto do Mojave, na América, podem abastecer mais de metade das necessidades de eletricidade do país. Usinas solares no Norte da África poderiam fornecer energia à Europa Ocidental. Além disso, usinas solares no Sahel da África, ao sul do vasto deserto do Saara, poderia suprir energia a grande parte da África Ocidental, Oriental e Central.

Talvez o acontecimento isolado mais promissor em termos de eficácia energética seja "a tecnologia híbrida interativa" para automóveis, que poderá triplicar a eficácia do combustível de novos carros no espaço de uma década. A idéia é que os automóveis funcionariam principalmente à base de baterias recarregadas a cada noite na rede elétrica, com um motor híbrido a gasolina como reforço para a bateria. A General Motors poderá ter uma versão pioneira até 2010.

A mais importante tecnologia para o uso ambientalmente seguro do carvão é a captura e armazenagem geológica do dióxido de carbono a partir de termelétricas movidas a carvão. Essa "captura e seqüestro de carvão", ou CCS [na sigla em inglês] é urgentemente necessária nos principais países consumidores do carvão, especialmente China, Índia, Austrália e os EUA. As principais tecnologias CCS já foram desenvolvidas; é chegada a hora de se sair dos projetos de engenharia para a demonstração de usinas elétricas reais.

Apesar dessas tecnologias promissoras, os governos deveriam investir no conhecimento e nos custos elevados dos testes no estágio inicial. Sem contar, pelo menos parcialmente, com o financiamento público, a absorção dessas novas tecnologias será lenta e desigual. De fato, a maioria das principais tecnologias que hoje consideramos como coisa corriqueira, como aviões, computadores, internet e novos medicamentos, para citar apenas alguns, receberam financiamento público crucial nos estágios iniciais de desenvolvimento e implantação.

É chocante, e preocupante, que o financiamento público continue escasso, já que o sucesso dessas tecnologias poderia reverter literalmente em trilhões de dólares de produção econômica. Por exemplo, segundo as informações mais recentes veiculadas pela Agência Internacional de Energia, em 2006 o governo dos EUA investiu escassos US\$ 3 bilhões anuais em pesquisa e desenvolvimento de energia. Em dólares ajustados para a inflação, isso representou uma queda de praticamente 40% desde o começo da década de 1980 e hoje equivale ao que os EUA gastam com suas forças armadas em apenas 1,5 dias.

A situação é ainda mais desanimadora quando nos detemos nos detalhes. A provisão de recursos do governo dos EUA para tecnologias de energia renovável (solar, eólica,

geotérmica, oceânica e bioenergética) somaram magros US\$ 239 milhões, ou apenas três horas de gastos com Defesa. Os gastos com seqüestro e captura de carbono foram de meros US\$ 67 milhões, enquanto o gasto para eficácia energética de todos os tipos (construções, transporte e indústria) foi de US\$ 322 milhões.

É claro, o desenvolvimento de novas tecnologias de energia não é responsabilidade exclusiva da América. A cooperação global em torno das tecnologias de energia é necessária, tanto para aumentar os estoques como para assegurar que o uso de energia seja ambientalmente seguro, especialmente para impedir a mudança climática produzida pelo homem a partir do uso de combustíveis fósseis. Isso seria não só boa prática econômica como também boa prática política, pois poderia unir o mundo em torno do nosso interesse comum, em vez de dividi-lo numa disputa amarga em torno de reservas decrescentes de petróleo, gás e carvão.

Jeffrey Sachs é livre-docente de Economia e diretor do Instituto Terra na Universidade Columbia. É também assessor especial do secretário-geral das Nações Unidas para as Metas de Desenvolvimento do Milênio.© Project Syndicate/Europe's World, 2008. www.project-syndicate.org

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

O Futuro dos Agrocombustíveis - Roberto Malvezzi (Gogó) – Sítio Eletrônico da CPT – 25/04/2008

Ao propor a cota de 20% de energias renováveis até 2020, a União Européia está abrindo as portas para importação maciça de outros países, já que constatou não ter condição de produzir para satisfazer suas necessidades. No conjunto dessas energias, os líquidos poderão ocupar 10%. Assim, está criando um espaço no mercado de energias que o Brasil busca ocupar, particularmente com o etanol, seja produzindo em território brasileiro, seja aliciando países da América Central e da África para contribuírem na ocupação do mercado.

Entretanto, o assunto é cada vez mais controverso dentro da própria União Européia e a diretiva em construção que vai estabelecer os parâmetros ainda não está garantida. Pelo contrário, começa haver recuos importantes, como a da própria Alemanha, país da maior economia da U.E e com peso diferenciado nas negociações. A audiência pública sobre agrocombustíveis acontecida no parlamento alemão no dia 20/02/08 deixou evidente as profundas contradições que se alastram pelo mundo quando se fala na produção de agrocombustíveis.

Vale ressaltar que a apresentação de um “mau exemplo” internacional na audiência veio da Indonésia, que derruba suas florestas para plantar palma africana, com a finalidade de produzir biodiesel. Além das consequências ambientais, particularmente sobre sua floresta tropical, há fatores sociais nefastos, como remoção de comunidades, concentração de terras, aumento da insegurança alimentar. A apresentação da experiência positiva veio do Brasil, através do representante do Ministério do Desenvolvimento Agrário Brasileiro (MDA), afirmando que o programa do biodiesel é um sucesso, incorpora 100 mil famílias de pequenos agricultores, portanto, além de não ter restrições ambientais, favorece a inclusão social da parcela mais pobre da população brasileira. Questionado sobre o trabalho degradante nos canaviais, a escravidão, a concentração da terra e da água, esquivou-se dizendo que “a cana tem outra história, mas o programa do biodiesel já nasceu em outros parâmetros”.

Obviamente, chamou a atenção que ao se discutir o papel dos agrocombustíveis no mundo, o Brasil enviasse um representante do MDA e não do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Seria uma forma de esquivar-se dos questionamentos feitos sobre a expansão e modos de produção do etanol? Seria porque uma audiência no parlamento alemão não tem relevância para a política do governo brasileiro? Ou seria ainda uma forma de fazer propaganda a partir de um programa mais palatável, mas que na verdade escondia todos os problemas dos canaviais brasileiros, inclusive sua relação com a expansão da soja e da pecuária sobre a Amazônia?

O fato é que os parlamentares questionaram a política brasileira de agrocombustíveis. Não aceitaram isolar o programa do biodiesel do conjunto de outros programas como o etanol. Questionaram a relação da expansão dos agrocombustíveis com o trabalho degradante, o trabalho escravo, o desmatamento do Cerrado, Pantanal e Amazônia.

Quando a palavra coube a especialistas convidados para opinar, o da FAO foi incisivo: “o número de pessoas no planeta vai aumentar em 3 bilhões até 2050. Como vamos alimentar essas pessoas, se destinarmos ainda mais terras para produzir agrocombustíveis?” O segundo perito foi ainda mais direto: “temos que congelar imediatamente as cotas de importação – sem expansão – porque representam um desastre para os países em desenvolvimento”.

Efetivamente, o preço dos alimentos está subindo no mundo inteiro. Esses dias, nesse país, tivemos elevação do preço do arroz, feijão e outros produtos básicos. Na própria Alemanha, em conversa com pequenos agricultores, eles afirmaram que “agora vale a pena plantar trigo, já que o produto triplicou de preço nos últimos anos”. Quem reclamou foram os produtores de biogás, baseado em um tipo específico de milho. Segundo eles, começa faltar matéria prima, “já que agora os fornecedores preferem plantar trigo”.

Mais tarde, em conversa particular com um assessor dos Verdes, ele revelava preocupação “em como vão ser abastecidos os oitocentos carros que a China lança por dia no mercado chinês”. Nas preocupações do assessor da FAO e do assessor dos Verdes está sintetizado o paradoxo que só vai crescer e já se revelou uma tsunami: “vamos usar as terras agrícolas para produzir alimentos para mais 3 bilhões de pessoas que vão habitar a Terra ou para

produzir agrocombustíveis para os carros chineses e do resto do mundo?” * *Da Comissão Pastoral da Terra*

Relatório aponta impactos dos agrocombustíveis no Brasil – Sítio Eletrônico da CPT – 29/04/2008

O crescimento da demanda da soja para a produção de biocombustíveis pode levar ao aumento do número de trabalhadores em situação análoga à escravidão. É o que aponta o relatório “O Brasil dos Agrocombustíveis – Os impactos da lavoura sobre a Terra, o Meio e a Sociedade”, produzido pela ONG Repórter Brasil e divulgado no dia 24 de abril. A soja está em terceiro lugar entre as atividades que mais mantêm trabalhadores em condições equivalentes à de escravidão. Segundo o relatório, “com os preços do grão em recuperação nos últimos anos e com a tendência do aumento do número de fazendas de soja, é de se esperar que se utilizem trabalhadores temporários tanto para limpar antigos pastos quanto para derrubar mata nativa. E são esses os casos mais vulneráveis para serem reduzidos a escravos”. De acordo com a ONG, o crescimento da demanda por biocombustíveis também pode levar ao aumento de invasões de terras indígenas e de conflitos agrários. Até o fim deste ano, a Repórter Brasil irá lançar mais dois volumes com análises dos impactos causados pela cana-de-açúcar, milho, algodão, palmas e pinhão manso, matérias-primas para a produção de biocombustíveis.

Relator da ONU pede suspensão da produção de biocombustíveis – Sítio Eletrônico d CPT – 29/04/2008

O relator da Organização das Nações Unidas (ONU) para o direito à alimentação, Jean Ziegler, pediu a completa suspensão da produção de biocombustíveis. A afirmação foi feita durante reunião com os dirigentes das agências e organizações da ONU, na Suíça, no dia 28 de abril, penúltimo dia de Ziegler como relator da ONU. Para ele, os biocombustíveis são uma das causas do aumento dos preços dos produtos agrícolas. A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Cedeao) e a União Africana convocaram reuniões extraordinárias para o mês de maio com o objetivo de discutir soluções para o aumento do preço dos alimentos.

Lula ataca críticos de biocombustíveis – Letícia Sander e Iuri Dantas – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/04/2008

Presidente chama de "palpiteiro" e "simplista" quem responsabiliza setor pela inflação dos alimentos em vários países - "Verdadeiro crime contra a humanidade" é descartar fontes alternativas de energia, afirma Lula, que atacou o protecionismo

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou ontem de "palpiteiros" e "simplistas" os críticos do álcool e dos biocombustíveis. Ao minimizar alertas das Nações Unidas sobre a produção de alimentos, disse que "o verdadeiro crime contra a humanidade" será descartar "a priori" as fontes alternativas de energia.

Lula também atacou o protecionismo dos países industrializados e questionou a forma de atuação do FMI (Fundo Monetário Nacional).

Concedidas em entrevista e reforçadas em discurso na abertura de Conferência da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) em Brasília, as declarações foram interpretadas como uma resposta de Lula ao relator especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, o suíço Jean Ziegler.

Na segunda-feira, ele chamou de "crime contra a humanidade" a expansão dos biocombustíveis e pediu uma moratória desses projetos para evitar desabastecimento de produtos alimentícios em vários países.

No discurso, Lula rebateu: "É sempre mais fácil escolher respostas simplistas, esconder interesses econômicos e agendas políticas por trás de supostas preocupações sociais e ambientais". Antes, em entrevista, ele já havia dito que "é muito fácil alguém ficar sentado em um banco da Suíça dando palpite no Brasil ou na África".

"É importante vir aqui e meter o pé no barro para saber como é que a gente vive, para saber a quantidade de terras que nós temos e para saber a quantidade e o potencial de produção que nós temos", disse o presidente.

O petista tentou descolar a influência de biocombustíveis na produção de comida e listou seis explicações que, segundo ele, respondem pelo recente aumento global dos preços dos alimentos. São eles: a alta dos preços do petróleo, a queda na safra de vários países causada por fenômenos climáticos diversos, o aumento de preço dos fretes, as mudanças cambiais, a especulação nos mercados financeiros e a alta no consumo de alimentos em países em desenvolvimento, como China, Índia e Brasil.

Protagonistas - Tentando ocupar o posto de porta-voz dos países emergentes, Lula disse que os países mais pobres não podem ser "meros coadjuvantes" e devem aproveitar a escassez para negociar aberturas de mercados e redução de subsídios nos Estados Unidos e na Europa.

"A incapacidade de muitos países de produzir seus próprios alimentos se deve a décadas e por vezes séculos de distorções no comércio internacional de produtos agrícolas. Pesa o protecionismo. Pesam os subsídios da agricultura dos ricos, que tiram condições de competitividade do pequeno agricultor. Essas distorções criaram dependência, quando não o desmantelamento de estruturas produtivas inteiras", afirmou Lula.

O presidente voltou a defender a conclusão da rodada Doha de negociações comerciais e disse que, se não houver abertura do mercado agrícola europeu para os produtos agrícolas dos países pobres, o acordo será muito difícil. "E alguém vai ter de assumir a responsabilidade histórica", afirmou.

Visivelmente irritado, Lula chegou a ironizar o comportamento do FMI em seu discurso ao defender que os países pobres façam valer a sua lógica. "Na década de 80 e 90, cada delegado que está aqui deve ter visto no seu país descer uma delegação do FMI para dizer que tinha de fazer ajuste fiscal, tinha que cuidar dos juros, diminuir o Estado, porque senão estaria quebrado. É engraçado que eu não vi o FMI dar uma única opinião sobre a crise americana, uma única opinião. Ou seja, até quando nós vamos aceitar o papel de coadjuvantes do cenário internacional? Até quando?", questionou.

Europeu quer saber impacto sobre economia – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/04/2008

O presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, disse ontem que pediu a realização de um amplo estudo sobre o impacto dos biocombustíveis, que têm sua utilização defendida pela UE (União Europeia), mas cujo balanço ecológico está sendo questionado.

"Pedi pessoalmente que seja realizado um estudo de todos os aspectos da utilização dos biocombustíveis, como seu impacto na agricultura e nos preços [dos produtos alimentares]", afirmou Barroso.

O presidente da Comissão Europeia lembrou que os dirigentes europeus se comprometeram "por unanimidade" a cumprir as metas da UE em matéria de redução de emissão dos gases de efeito estufa, uma das quais é a utilização de 10% de biocombustíveis para os transportes.

Barroso diferenciou os biocombustíveis "não sustentáveis", produzidos "sem regulamentação", e os "sustentáveis", que a UE quer produzir.

FMI vê mais conflito por alimento – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

Diretor do Fundo diz que distúrbios causados pela inflação dos alimentos ainda devem aumentar - Strauss-Kahn afirma que vê problema quando produção de biocombustível é feita a partir de alimentos, como no caso do milho nos EUA

A escalada de ataques aos programas de biocombustíveis, uma das prioridades do Brasil, intensifica-se. Ontem foi a vez de Dominique Strauss-Kahn, diretor-gerente FMI (Fundo Monetário Internacional (FMI)), dizer que eles representam um problema moral e que os tumultos causados pela disparada nos preços dos alimentos podem ainda não ter chegado ao seu pico.

"Quando produzimos biocombustíveis de produtos agrícolas não usados como alimentos, tudo bem. Mas, quando eles são feitos de produtos alimentícios, isso representa sério problema moral", disse Strauss-Kahn à rádio Europe 1.

Questionado se apoiaria uma possível moratória na produção de biocombustíveis, Strauss-Kahn respondeu: "Caso eles usem alimentos".

Os EUA estão desviando sua produção de milho para fabricar álcool, elevando preços dos alimentos.

Os países precisam encontrar o equilíbrio entre a solução de problemas ambientais e a necessidade de garantir que as pessoas não morram de fome, ele disse, acrescentando que os protestos causados pela alta nos custos dos alimentos em todo o mundo podem piorar. "Em termos de distúrbios causados pelos problemas alimentares, o pior, infelizmente, pode ainda estar por vir", ele declarou. "Centenas de milhares de pessoas serão afetadas." Escassez de alimentos e a disparada em seus preços causaram tumultos e protestos em países como Haiti, Camarões, Egito, México, Níger e Indonésia e geraram um questionamento mais profundo dos biocombustíveis de primeira geração, produzidos com base em safras alimentícias.

Sarkozy - O presidente francês, Nicolas Sarkozy, também interferiu no debate, dizendo que a crise atual pedia não por resposta imediata, mas por uma ambiciosa estratégia de apoio à agricultura.

O premiê britânico, Gordon Brown, pediu na semana passada que o G8 (as sete nações mais industrializadas e a Rússia) discutam a alta dos alimentos e os biocombustíveis. A ONU e organizações de ajuda humanitária dizem que a alta de alimentos ameaça avanços recentes no combate à fome.

Os biocombustíveis não são o único fator a elevar os preços dos alimentos. Aumento global do consumo e quebras importantes de safras explicam a inflação alimentar. Na quarta, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou de "palpiteiros" e "simplistas" os críticos dos biocombustíveis. **Com agências internacionais*

Amorim rebate com ataque aos subsídios – IUri Dantas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, rebateu ontem as críticas internacionais contra os biocombustíveis atacando os subsídios agrícolas dos Estados Unidos e da Europa, que prejudicariam o avanço da produção de alimentos nos países mais pobres.

"Realmente, o que prejudica a produção de alimentos nos países pobres, vamos ser claros, é a existência de subsídios e barreiras nos países ricos", disse Amorim, após assinar

acordos com a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação). Ao comentar as declarações do diretor-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Dominique Strauss-Kahn, que apresentou os biocombustíveis como um problema "moral", Amorim recomendou que tanto o Fundo quanto o Banco Mundial defendam o fim da ajuda estatal a agricultores.

"Se o diretor-gerente do FMI e o presidente do Banco Mundial quisessem dar uma recomendação que realmente melhore a produção de alimentos nesses países [pobres], deveriam dizer: olha, em vez de os Estados Unidos reduzirem os subsídios para US\$ 14 bilhões, e a Europa, para US\$ 20 bilhões, reduzam a zero", afirmou, em referência à Rodada Doha da OMC (Organização Mundial do Comércio).

A lógica do raciocínio de Amorim é simples: com menos subsídios e barreiras protecionistas a produtos agrícolas, os mercados tradicionais acabariam remetendo mais dinheiro para os países em desenvolvimento. Dinheiro para comprar comida, por exemplo. "Se o FMI puder ajudar para que países africanos e países latino-americanos mais pobres possam produzir biocombustíveis que entrem sem barreiras nos países ricos, estará ajudando a renda desses países. E é com renda que obtêm os alimentos", disse o chanceler. Os biocombustíveis foram alvos de críticas de outras instâncias das Nações Unidas. Na segunda-feira, o relator especial da ONU sobre o Direito à Alimentação qualificou os combustíveis verdes de "crime contra a humanidade" e pediu moratória na sua produção mundial.

A partir daí, o governo brasileiro vem tentando esclarecer que o álcool de cana-de-açúcar, por exemplo, não invade outras lavouras. Na quarta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou os críticos de "palpiteiros". Disse que, se os combustíveis representam um crime contra a humanidade, isso ocorre nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, a cultura de cana-de-açúcar, segundo o presidente, usa apenas 1% das áreas agricultáveis. *(IURI DANTAS)

Cepal teme aumento da indigência – Fabiano Maisonave - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

A alta no preço dos alimentos traz o risco de jogar ao menos 10 milhões de pessoas na indigência e um número igual na pobreza em toda a região, indica estimativa divulgada pela Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que sugere a diminuição da carga tributária e o aumento de subsídios como forma de minimizar os danos.

A Cepal preparou duas projeções. No cálculo menos pessimista, considerou-se cenário em que o aumento de 15% no preço dos alimentos vem acompanhado de melhora de 5% na renda familiar, provocando a deterioração da condição social de 20 milhões de pessoas nos países da região.

Segundo o estudo, em 2007 houve descompasso entre o aumento do preço dos alimentos e o crescimento da renda. O reajuste salarial acompanha os índices inflacionários,

os quais subiram menos da metade em comparação com a escalada dos preços dos alimentos.

Num cenário sem aumento da renda, tanto o número de indigentes quanto o de pobres aumentaria 15,7 milhões cada um. Em termos percentuais, os indigentes passariam dos atuais 12,7% para 15,6% da população regional até o final do ano, enquanto os pobres subiriam de 35,1% a 37,9%.

Para a Cepal, o aumento dos preços "vem para ficar" e deveria provocar políticas específicas.

Preços agrícolas vão continuar altos "no curto prazo", diz FAO – Iuri Dantas – Folha de São Paulo – 19/04/2008

O diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), Jacques Diouf, disse ontem que o preço dos alimentos vai continuar alto "no curto prazo", por ter raízes complexas, relacionadas a fatores como mudança climática, aumento de consumo nos países pobres e os biocombustíveis.

"Os preços não vão baixar no curto prazo. O que vai acontecer depende de ações humanas. E há a vontade política, que precisa decidir quais ações vão ser adotadas", disse. A alta do preço das commodities agrícolas também deve contribuir para conflitos internos nos países mais pobres, onde milhares de pessoas terão mais dificuldades de comprar comida, segundo o diretor da FAO. "Estamos convencidos de que, se os preços continuarem aumentando, as populações mais pobres não vão continuar assistindo ao impacto sem reação", disse Diouf ao final da 30ª Conferência Regional da América Latina e Caribe da FAO, encerrada ontem em Brasília.

Em entrevista à **Folha**, ele afirmou que os conflitos devem se restringir ao interior dos países. Diouf avalia que não haverá casos de guerras entre países provocadas por escassez de comida, mas de água. "Conflitos internos, sim. Poderíamos ter conflitos entre as nações sobre a água."

Ele afirmou ainda que a decisão sobre ações específicas será tomada pelos chefes de Estado dos 190 países filiados à organização durante uma cúpula em Roma, em junho. "O preço [dos alimentos] está aumentando pelo mundo e há que tomar medidas estruturais e não concentrar apenas nas conseqüências", alertou.

Na entrevista coletiva de encerramento do evento, o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, também defendeu a subordinação dos biocombustíveis aos alimentos, na lavoura e na política de governo. "Não se pode perder a oportunidade dos biocombustíveis, mas isso deve estar subordinado a uma política clara de segurança alimentar. Biocombustível, sim. Mas, antes, segurança alimentar", disse.

Cassel também contou que o IBGE divulgará dados positivos sobre o campo brasileiro no segundo semestre, como o aumento do número de produtores rurais, queda no tamanho das propriedades e aumento da renda dos agricultores.

De acordo com o diretor-geral da FAO, cinco motivos principais explicam o encarecimento recente da comida:

1) Impacto de mudanças climáticas, com seca na Austrália e no Cazaquistão, inundações na Índia, em Bangladesh e no sul da África, frio rigoroso no interior da China, furacões na América Central e no Caribe.

2) Custo dos insumos agrícolas, como sementes e fertilizantes, setor dominado por um oligopólio mundial de empresas e que recebe impacto do aumento do barril do petróleo. "O problema dos preços dos insumos me parece hoje um dos problemas mais fundamentais. Os fertilizantes aumentaram 59% no ano passado", analisou.

3) Consumo maior de alimentos em países em desenvolvimento, como China e Índia, onde a dieta tradicional de grãos e cereais foi acrescentada de carne e leite. "Para um quilo de carne de boi, são necessários de sete a oito quilos de grãos."

4) Uso de grãos, como o milho, na produção de biocombustíveis. "No ano passado, 100 milhões de toneladas de grãos foram usadas para biocombustíveis, com subsídios em alguns países", disse.

5) A especulação financeira em Bolsas de mercados futuros, onde são definidos os preços das commodities agrícolas. "Os fundos especulativos existem, mas estão lucrando com a oportunidade. Se não houvesse essa oportunidade, os fundos especulativos não ganhariam o que estão tendo agora."

Alta de alimentos no mundo coloca governos sob pressão – Marc Lacey - Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008

Países pobres e em desenvolvimento tornaram-se alvo de instabilidade política - Com dificuldades de comprar alimentos, que ficaram mais caros, população de países na África, na Ásia e na América exige medidas do governo

A fome derrubou o portão de entrada do palácio presidencial do Haiti e causou a demissão do primeiro-ministro do país. A fome do Haiti se tornou mais intensa nos últimos dias à medida que os preços mundiais dos alimentos dispararam em uma alta sem controle, que já supera os 45% do final de 2006 para cá e fez dos alimentos básicos haitianos como o arroz, o feijão e o milho tesouros protegidos com o maior cuidado.

Há alguns dias, os filhos de Saint Louis Meriska receberam apenas duas colheres de arroz na única refeição que fizeram.

No dia seguinte, eles ficaram sem comida. O pai, desempregado, contemplava o chão ao dizer: "Eles me olhavam e diziam que estavam com fome. E eu nada podia fazer. Isso é humilhante e causa raiva".

Na Índia, as pessoas estão dando menos leite às suas crianças. As vasilhas servidas diariamente estão ficando mais ralas, já que um saco de lentilha precisa render cada vez mais refeições.

A crise dos alimentos não está sendo sentida apenas pelos pobres, mas vem erodindo os ganhos da classe trabalhadora e da classe média, semeando uma insatisfação crescente e colocando ainda mais pressão sobre governos frágeis.

No Egito, as Forças Armadas foram encarregadas de assar pão para a população. Lá, a alta dos alimentos ameaça se tornar a fagulha que deflagraria uma explosão de ira contra um governo repressivo.

Em Burkina Fasso e outros países africanos ao sul do Saara, distúrbios pela falta de alimentos também vêm surgindo. Na razoavelmente próspera Malásia, a coalizão governante foi quase derrubada pelos eleitores, que mencionam os aumentos nos preços dos alimentos como sua preocupação.

"Trata-se da maior crise desse tipo que vivemos em mais de 30 anos", disse Jeffrey Sachs, economista e assessor especial de Ban Ki-moon, secretário geral das Nações Unidas. "É uma questão grave e obviamente ameaça muitos governos. Diversos deles já estão sob forte assédio e acredito que conseqüências políticas ainda mais graves virão".

De fato, a alta nos preços das commodities, a maior desde a era Nixon (1969-1974), vem opondo o sul pobre do mundo ao norte relativamente próspero e reforçando a demanda por reformas nas políticas agrícolas dos países desenvolvidos.

Mas os especialistas dizem que não há soluções rápidas para uma crise vinculada a tantos fatores. Na Ásia, os governos estão colocando em vigor medidas que limitarão os estoques caseiros de arroz, depois que consumidores entraram em pânico diante da alta de preços e começaram a adquirir o produto em grande volume.

Mesmo na Tailândia, que tem excedente de 10 milhões de toneladas de produção de arroz com relação ao consumo e é o maior exportador mundial do produto, os supermercados estão exibindo cartazes que limitam a quantidade que cada comprador pode adquirir.

Tempestade escandalosa - "Estamos vivendo a tempestade perfeita", disse o presidente de El Salvador, Elías Antonio Saca, no Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina, em Cancún, México, na última quarta-feira. "Por quanto tempo mais poderemos suportar essa situação? Temos de alimentar nossos povos e as commodities se tornaram escassas.

Essa tempestade escandalosa pode se tornar um furacão que varreria não só as nossas economias, mas também a estabilidade de nossos países."

Na Ásia, caso o primeiro-ministro malaio Abdullah Ahmad Badawi renuncie, o que parece cada vez mais provável em meio ao tumulto que vem abalando seu partido desde a eleição, ele pode se tornar o primeiro líder político da região a cair vítima da inflação dos alimentos e dos combustíveis.

Na Indonésia, por medo de protestos, o governo revisou seu orçamento para 2008 e elevou o montante que dedicará ao subsídio de alimentos em cerca de US\$ 280 milhões. "A maior preocupação são conflitos causados pela falta de alimentos", disse H. S. Dillon, ex-assessor do Ministério da Agricultura da Indonésia.

No mês passado, no Senegal, policiais portando equipamento de choque espancaram e atacaram com gás lacrimogêneo manifestantes que estavam protestando contra os preços altos. Muitos senegaleses expressaram raiva do presidente Abdoulaye Wade, que investiu pesadamente na construção de estradas e hotéis cinco estrelas para uma conferência realizada no mês passado, enquanto muitos dos cidadãos do país são incapazes de arcar com os preços do arroz ou do peixe.

O presidente René Préval, do Haiti, parece ter desafiado e insultado a população, enquanto o coro contra "a vida cara" ganhava volume nas ruas. Préval disse que, se os haitianos tinham dinheiro para comprar telefones celulares, deviam ter dinheiro para alimentar suas famílias. "Caso haja protesto contra a alta dos preços, venham ao meu palácio me procurar e sairei às ruas com vocês", disse Préval.

Quando os haitianos atenderam ao seu convite, enraivecidos e aos milhares, o presidente preferiu ficar protegido no palácio, enquanto sua guarda e as forças de paz das Nações Unidas resistiam à população. Após poucos dias, a oposição votou pela demissão do primeiro-ministro de Préval, Jacques-Édouard Alexis, levando o presidente a implementar reformas de governo.

"Por que fomos apanhados de surpresa?", perguntou Patrick Élie, ativista haitiano que acompanhou os tumultos na África, no começo deste ano, e temia que eles chegassem ao Haiti. "Quando algo está chegando de tão longe quanto Burkina Fasso, deveríamos estar preparados. O que tínhamos era como uma lata de gasolina deixada para que alguém a acendesse com um fósforo."

Em Níger, protestos em massa na capital, Niamey, levaram o governo a enfim voltar a sua atenção à crise alimentar há três anos, causada por uma complexa combinação de chuvas insuficientes, pragas de gafanhotos e manipulação do mercado por operadores. "Como resultado dessa experiência, o governo criou um posto em nível de gabinete para enfrentar o problema do custo de vida elevado", disse Moustapha Kadi, ativista que ajudou a organizar os protestos de 2005.

"Quando os preços voltaram a subir neste ano, o governo agiu rapidamente para remover as tarifas sobre o arroz, que todo mundo come. A rapidez evitou que as pessoas saíssem às ruas."

No Haiti, onde 75% da população ganha menos de US\$ 2 ao dia e 20% das crianças sofrem de subnutrição crônica, o único negócio que floresce nessa era sombria é a venda de bolinhos feitos de barro, óleo e açúcar, tipicamente consumidos apenas pelos mais miseráveis. "Eles acalmam o estômago", disse Olwich Louis Jeune, 24, que nos últimos meses passou a comer mais desses bolinhos. Mas as queixas no Haiti hoje não se limitam ao estômago.

Elas estão sendo pichadas nos muros da capital e gritadas pelos manifestantes. Nos últimos dias, o presidente Préval deu uma resposta, usando verbas de assistência internacional e reduções de preços para os importadores a fim de cortar em cerca de 15% o preço de um saco de arroz. Ele também cortou os salários de alguns funcionários importantes do governo.

Mas essas medidas são consideradas temporárias. Soluções reais demorarão anos. Enquanto isso, a maioria dos haitianos mais pobres sofre em silêncio, fracos demais para protestar ou ocupados demais cuidando da próxima geração de famintos. Em Cité Soleil, uma imensa favela haitiana, Placide Simone ofereceu um de seus cinco filhos a um desconhecido: "Pode levar", ela disse, segurando um bebê imóvel nos braços e apontando em direção a quatro crianças magérrimas, nenhuma das quais havia comido naquele dia. "Pode escolher. Basta alimentá-los."

Biocombustível não é o único culpado, diz ONU – Fábio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008

Num discurso em que pintou um quadro preocupante da inflação alimentar no mundo, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, atribuiu a múltiplas causas a responsabilidade pelo fenômeno, para o agrado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sentado a seu lado.

Em compensação, admitiu, ainda que de forma oblíqua, que os biocombustíveis têm, sim, parte da culpa pelo aumento generalizado nos preços dos alimentos. "As razões para essa crise são muitas e não podem ser atribuídas, como alguns fazem, simplesmente à competição entre biocombustíveis e agricultura", discursou na abertura da reunião da Unctad, conferência das Nações Unidas para o desenvolvimento, em Acra, capital de Gana.

Ban listou uma série de fatores co-responsáveis, entre eles o preferido de Lula, o petróleo. "Altos preços do petróleo aumentaram os custos da produção e dos transportes. A produção mundial de alimentos foi afetada neste ano por secas e outros desastres naturais. Aumento no consumo, especialmente na Ásia, especulação financeira e queda do dólar também podem ser culpados."

Ele procurou ressaltar a importância que está dando a esse tema, atribuindo a ele mais da metade do discurso de 25 minutos -outros assuntos, como os objetivos do milênio, a crise imobiliária e o aquecimento global acabaram espremidos na sua fala. Para o secretário-geral da ONU, a crise alimentar poderá desencadear outras crises, inclusive com perigosas consequências políticas, alertou, como já se verificou em alguns países -ele citou Haiti, no Caribe, e Egito, Burkina Fasso e Costa do Marfim, na África.

"Se não resolvida de maneira apropriada, essa crise pode dar início a uma sequência de outras e se transformar em crises múltiplas", afirmou. "Nos últimos três anos, o mundo tem consumido mais comida do que produz. A situação é insustentável." O sul-coreano anunciou que criará uma "força-tarefa de alto nível", com especialistas, para estudar formas de resolver o problema.

Num aceno aos africanos presentes, indicou que a solução poderá estar no continente. "Também podemos ser otimistas. Não há razão por que a África não pode ter uma revolução verde." E, num raro momento em que tentou amenizar um pouco o cenário sombrio que traçou, disse que não há motivo para pânico. "Não se engane. O problema é sério. Mas não sejamos desnecessariamente alarmistas. Sabemos o que fazer. Nós podemos ter os recursos e a vontade política. Devemos considerar essa situação uma oportunidade de longo prazo."

Ecoando o que dissera Lula pouco antes, ele criticou de forma dura os subsídios agrícolas praticados por países ricos como EUA, União Européia e Japão. "É hora de as nações mais ricas revogarem seus programas de subsídios agrícolas fora de moda. Se não pudermos nos livrar dessas relíquias hoje, numa era de preços altos, então quando poderemos fazer isso?"

Movimentos sociais também criticam álcool – Fabio Zanini - Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008

Documento de fórum de entidades de países pobres aponta biocombustível como uma das causas da inflação alimentar - Texto divulgado em Gana, onde ocorre encontro da Unctad, ataca prioridade à produção de energia, em vez de cultivo de alimentos

O argumento central do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de que o ataque aos biocombustíveis é uma espécie de complô do mundo rico, acabou sendo enfraquecido ontem mais ou menos no momento em que ele deixava a reunião da Unctad, em Acra (Gana), para retornar ao Brasil.

Num breve trecho de um documento de 11 páginas, o Fórum para a Sociedade Civil da Unctad, dominado por entidades de países do Terceiro Mundo, aponta o cultivo de biocombustíveis no lugar de alimentos como uma das causas principais da recente inflação alimentar.

"A crise alimentar é principalmente causada por um descompasso entre oferta e demanda. Outra razão é a mudança da produção de comida para biocombustíveis, uma tendência que deveria ser revista e revertida", diz o texto.

O fórum reúne movimentos sociais, grupos de mulheres, sindicatos e igrejas, por exemplo, e se reúne de maneira paralela nos encontros da Unctad.

Além disso, o organismo internacional que historicamente melhor simboliza o Terceiro Mundo, o G-77, soltou declaração anteontem um pouco mais amena, mas que também expressa preocupação.

"Com relação à energia, nós reconhecemos a necessidade de lidar com o tema das fontes renováveis de energia, incluindo biocombustíveis. Atenção especial deve ser prestada à manutenção de segurança alimentar enquanto se produzem biocombustíveis." Já o primeiro esboço da declaração final da Unctad, que deverá ser divulgada somente no próximo final de semana, também pede cautela.

Análise - "Os países devem trocar experiências e análise, de modo a melhor explorar o uso sustentável de biocombustíveis para que promovam desenvolvimento social, tecnológico, agrícola e de comércio, tendo a consciência de que se deve assegurar o equilíbrio adequado entre segurança alimentar e preocupações energéticas", diz o texto redigido pelos países presentes por acordo.

Hoje de manhã, os biocombustíveis serão o principal tema da conferência da Unctad. Uma mesa-redonda discutirá "oportunidades e riscos para pequenos produtores em países em desenvolvimento".

A polêmica ganhou intensidade quando o suíço Jean Ziegler, relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, qualificou a produção de biocombustíveis como um crime contra a humanidade. O FMI e o Banco Mundial também se fizeram críticas aos biocombustíveis.

Biocombustível enfrenta onda de ceticismo – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/04/2008

A crise alimentar derrubou a unanimidade em torno dos biocombustíveis, inclusive entre os países mais pobres, mostrou debate ontem no encontro da Unctad, em Gana. A política brasileira enfrentou uma barragem de ceticismo por representantes de países tão diversos como Holanda, Peru, Zâmbia e Moçambique. Não descartaram o biocombustível, mas deixaram claro que a prioridade é investir na alimentação.

O diretor do Departamento Econômico do Itamaraty, Carlos Cozendey, afirmou que existe certa "hipocrisia" contra o biodiesel. "Não vejo ninguém falando sobre a sustentabilidade do petróleo."

Embraer defende álcool e inicia série de testes com aeronaves – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/04/2008

O presidente da Embraer, Frederico Fleury Curado, defendeu ontem o álcool brasileiro das críticas de que contribui para a escassez mundial de alimentos e afirmou que o uso de biocombustíveis faz parte da estratégia da empresa. Mais de cem aviões da Embraer já são movidos a álcool, e a intenção é começar a testar em breve aeronaves com biocombustíveis de segunda geração.

A utilização de combustíveis alternativos foi um dos principais assuntos em debate na Conferência de Aviação e Meio Ambiente que começou ontem em Genebra. Ao lado de Curado, participam os presidentes das maiores empresas do setor, como a americana Boeing, a européia Airbus e a canadense Bombardier, além dos diretores das principais agências reguladoras internacionais.

Para o presidente da Embraer, os ataques aos biocombustíveis motivados pelos altos preços dos alimentos deve excluir o álcool brasileiro. "A discussão sobre a competição entre combustível e comida é eticamente válida, mas não se aplica ao Brasil", disse Curado. Segundo ele, a preocupação em reduzir o consumo de combustível "é mais econômica que ambiental", com o barril do petróleo perto de US\$ 120. Curado negou que a Embraer esteja negociando joint venture com a empresa indiana Tata.

Lula critica biocombustíveis de americanos e europeus – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008

Presidente ataca opção de países desenvolvidos de produzir álcool a partir de alimentos - Declarações foram dadas no lançamento do chamado PAC da Embrapa, que prevê mais verbas e contratações para a empresa de pesquisa

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a criticar ontem os Estados Unidos e a Europa pelos subsídios aos produtores agrícolas e pela opção de produzir biocombustível a partir de alimentos. Ele citou especificamente o milho, usado pelos norte-americanos, e a canola, base do biodiesel europeu, defendendo parcerias dos países ricos com nações africanas.

"Com um pouco de trato na terra, a gente pode transformar o continente africano não no continente da fome, mas em um continente altamente produtor de comida, de álcool e de biodiesel, coisa que os europeus e os americanos, se forem inteligentes, em vez de serem contra e ficarem fazendo álcool de beterraba ou de canola, ou de milho, contratam parcerias com os países africanos", afirmou o presidente ontem.

De acordo com Lula, o debate sobre os biocombustíveis esconde interesses econômicos dos países desenvolvidos. "O que está escondido atrás desse debate? A manutenção da velha política dos países ricos, de manterem os seus subsídios aos produtos agrícolas para os seus agricultores".

Lula afirmou que "vale até financiar agricultores lá dentro para não produzir". Na semana passada, o relator especial das Nações Unidas sobre o Direito a Alimentação, Jean Ziegler, classificou a experiência dos biocombustíveis como um "crime contra a humanidade" e chegou a pedir uma moratória da produção.

Ontem, Lula reclamou novamente dos críticos aos biocombustíveis, que na semana passada chamou de "palpiteiros".

"O que é engraçado é que essas pessoas que estão criticando os biocombustíveis e que estão preocupadas com o preço do alimento nunca fizeram uma crítica ao preço do petróleo, que salta de 30 para 120 dólares. Nunca fizeram uma crítica", disse, após o lançamento do chamado PAC da Embrapa.

Depois de dizer que o Brasil já teria vencido o debate sobre os biocombustíveis, Lula afirmou que não faz bravata. "O que nós não podemos aceitar é que as pessoas que já tiveram todo o seu território devastado venham dizer para o Brasil o que a gente tem que fazer. É uma questão de orgulho, não é uma questão de bravata."

No discurso, Lula elogiou o general Emilio Garrastazu Médici, que governou o Brasil de 1969 a 1974, durante a ditadura. "Um dos presidentes que permitiram que a gente vivesse o momento político mais crítico da história do país, o presidente Médici, foi o homem que assinou a Embrapa e foi o homem que assinou Itaipu."

Embrapa - Na cerimônia, Lula anunciou recurso adicional de R\$ 1 bilhão para a Embrapa até o final de seu mandato, em 2010. Também haverá concurso para 750 novos pesquisadores, repasses para institutos estaduais e abertura de três centros de pesquisa (em Mato Grosso, no Tocantins e no Maranhão).

Segundo o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, as pesquisas da Embrapa são responsáveis por 60% do aumento de produção do campo. Nos últimos 15 anos, a produção agrícola nacional cresceu 130%.

Subsídios levaram à alta nos alimentos, diz FAO – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008

Vinte anos de políticas agrícolas equivocadas, incluindo a concessão de generosos subsídios dos países ricos a seus fazendeiros, estão por trás da atual crise mundial de alimentos, a mais grave em mais de quatro décadas. A avaliação é de Jacques Diouf, diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação).

Preocupada com os altos preços dos grãos, que já ameaça a estabilidade de alguns países em desenvolvimento, a entidade convocou para o começo de junho uma conferência mundial sobre segurança alimentar, que terá a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, segundo os organizadores. Nos documentos preparatórios do encontro, a FAO prevê

que os preços dos alimentos continuarão altos nos próximos anos, e não poupa os biocombustíveis pelo fenômeno.

Segundo Diouf, a crise atual não pegou de surpresa a FAO, que vem alertando há anos para problemas como a falta de investimento em infra-estrutura nos países pobres e o excesso de subsídios nos países ricos, que torna economicamente inviável a produção agrícola em muitas partes do planeta. A crítica aos subsídios, principalmente da Europa e dos EUA, é a queixa mais freqüente do governo brasileiro nas negociações comerciais. "Esta não é uma tragédia grega, em que o destino é decidido pelos deuses e os homens nada podem fazer. Não, nós temos capacidade de influenciar o futuro", disse Diouf. Para ele, todos os esforços devem ser concentrados para que a colheita em 2008 seja "um sucesso".

Aumento na produção - A previsão da FAO é a de que a produção agrícola tenha um aumento de 2,6% neste ano. Apesar de ser bem menor que o ritmo de crescimento de 2007, de 4,7%, Abdolreza Abbassian, alto economista na FAO, explicou que o volume na verdade será maior, já que os grandes países produtores devem ter bom desempenho. Com isso, já se vislumbra a queda no preço de alguns grãos, como o trigo.

Abbasian disse que não há como negar o peso dos biocombustíveis no aumento dos preços, mas isentou o álcool do Brasil. "A alta dos preços tem a ver com biocombustíveis, mas não o feito a partir da cana", disse o economista, que é secretário do grupo intergovernamental de grãos da FAO. "Tem a ver com a substituição de soja e trigo por milho nas plantações dos EUA".

Isso levou ao aumento nos preços da soja e do trigo, além de tirar milho do prato para colocar nos motores, causando escassez.

O economista indiano adverte que tudo depende do clima, mas há sinais de que os preços vão cair. "Se olharmos para o mercado de futuros, veremos sinais de forte queda nos preços do trigo", diz. "Acredito que teremos um certo alívio nos preços nos próximos meses, começando com trigo e depois levando a outros produtos".

Ninguém deve esperar uma queda significativa nos preços dos alimentos em uma única temporada, diz ele, porque os estoques estão baixos.

Crítica a biocombustível vem de lobby, diz especialista – Denise Godoy - Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008

Para o advogado Durval de Noronha Goyos Junior, 56, uma das maiores autoridades brasileiras em direito do comércio internacional, acusar os biocombustíveis de provocar a disparada dos preços dos alimentos é uma manobra dos setores agropecuários dos países mais desenvolvidos, que recebem pesados subsídios dos seus governos.

Noronha, que foi nomeado árbitro do Brasil na OMC (Organização Mundial do Comércio), mas no momento atua defendendo os interesses de nações e empresas em disputas no âmbito do organismo, diz-se preocupado com os rumos da Rodada Doha. "Não vejo concessões por parte dos países ricos", disse ele em entrevista à **Folha**. Leia abaixo trechos da conversa. ★

FOLHA - Quando o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial disseram que os biocombustíveis estão tomando o lugar dos alimentos nos campos das nações pobres, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Celso Amorim, respondeu que os países ricos deveriam cortar os subsídios aos seus agricultores para estimular os países em desenvolvimento a aumentar o cultivo. O raciocínio está correto?

DURVAL DE NORONHA GOYOS JUNIOR - Sim, mas a situação é muito mais complexa. É verdade que os subsídios desencorajam a produção dos países pobres. Os incentivos trouxeram iniquidade e desesperança às relações internacionais. No entanto, não é só isso que explica a alta dos preços. As turbulências no mercado imobiliário americano e no de capitais fizeram com que os recursos migrassem para o petróleo, o ouro e os produtos agrícolas.

FOLHA - É consenso que os combustíveis fósseis terão que ser substituídos e muitos países já passaram a adicionar álcool à gasolina, mas, apesar disso, eles lançam essas reclamações sobre os biocombustíveis. Como explicar tal paradoxo?

NORONHA - Nessas nações, alguns setores, como o consumidor -que quer os grãos baratos- e os sindicatos trabalhistas -que desejam manter os empregos- fazem pressão. Um dos fatores que motivam o debate sobre os biocombustíveis e a falta de alimento no mundo é o lobby do segmento protegido dos países desenvolvidos, que quer a manutenção dos subsídios. O livre comércio é só retórica. Nos EUA, para cada US\$ 1 produzido pelo setor agrícola, os fazendeiros recebem US\$ 1. Então, o país somente é uma economia de mercado no que interessa -quando perde no jogo, deixa de sê-lo.

FOLHA - Como é que se acaba com o impasse na Rodada Doha?

NORONHA - Eu me preocupo muito porque não vejo concessões por parte dos países desenvolvidos. Por outro lado, o Brasil teria que reduzir substancialmente as tarifas à importação de produtos industrializados. Porém, nós desequilibramos as regras contra os nossos interesses, pois não temos condições adequadas de competitividade devido ao câmbio sobrevalorizado. A tarifa fica sendo a única forma legítima de proteção do setor industrial doméstico. A agenda de negociação [de Doha] é a dos países desenvolvidos e a conclusão desses trabalhos vai se mostrar mais uma vez desvantajosa para os países pobres. A OMC é um organismo multilateral destinado a promover a prosperidade de poucos em detrimento de muitos.

FOLHA - E como o senhor avalia o desempenho da diplomacia comercial brasileira nessa questão?

NORONHA - É tradicionalmente pífio. O Brasil é o único país do mundo que usa diplomatas em negociações comerciais. O diplomata não foi treinado pra isso. Ele foi treinado para a conciliação, e não para o debate. O comércio é um relacionamento humano muito agressivo, que requer outras habilidades.

FOLHA - *O seu foi o primeiro escritório latino na China, com inauguração em 2001. O que o país pode ensinar ao Brasil em termos de estratégias para o comércio exterior?*

NORONHA - Vamos ter um déficit nas relações comerciais com a China que pode ficar entre US\$ 6 bilhões e US\$ 8 bilhões neste ano. A vantagem da China nas transações com o Brasil se explica principalmente pelos fatores macroeconômicos. O câmbio chinês está subvalorizado em 25%, enquanto o nosso se encontra supervalorizado em 35%. No que diz respeito a medidas de facilitação para os negócios, os chineses possuem melhor legislação e sistema tributário. Além disso, as taxas de juros lá são negativas e a nossa é a maior do mundo. Para a China também é essencial o planejamento estatal, que nós deixamos de fazer.

Mitos sobre o álcool – Folha de São Paulo – Opinião – 28/04/2008

Físico José Goldemberg, autoridade mundial em energia renovável, desfaz enganos da propaganda contra biocombustíveis

O FÍSICO José Goldemberg tem reputação internacional como especialista em fontes alternativas de energia, cuja importância cresce na razão direta da alta nos preços do petróleo. Uma reputação construída ao longo de pelo menos três décadas, das quais sobressai um artigo clássico, publicado em 1978 no periódico "Science", sobre o potencial energético do álcool de cana-de-açúcar. Quando discorre sobre obstáculos aos biocombustíveis, portanto, deve ser ouvido com atenção.

Goldemberg falou ao jornal "Valor Econômico" sobre quatro mitos que rondam combustíveis renováveis, todos negativos, e que acabam por contaminar o álcool de cana. Ei-los: biocombustíveis causam desmatamento; estão provocando fome no mundo; seu efeito sobre a emissão de gases do efeito estufa é nulo; seriam viáveis apenas em nichos, como o brasileiro.

A primeira afirmação, segundo Goldemberg, não é válida nem para os Estados Unidos nem para o Brasil, os dois maiores produtores. Nos Estados Unidos, a matéria-prima do álcool é milho, cujo cultivo avança sobre áreas de soja, e não sobre terras virgens (artigo raro por lá).

Aqui, as lavouras de cana ocupam superfície comparável à do Rio Grande do Norte, mas isso corresponde a meros 2% dos 2,9 milhões de km² utilizados pelo setor agropecuário (pouco mais de um terço do território nacional). E o aumento da área

canavieira, inegável, costuma ocorrer pela conversão de pastagens. Para o físico, a cana não contribui nem mesmo de modo indireto para desmatar a Amazônia, pois o espaço ocupado por pastos está até diminuindo -é a produtividade da pecuária que aumenta.

O segundo equívoco Goldemberg descarta com outro dado objetivo: a agricultura de todos os países juntos se espalha por 12 milhões de km² do planeta, mas só 100 mil km² são destinados a biocombustíveis nos EUA e no Brasil. Ou seja, os "críticos perderam completamente o senso de proporção".

O terceiro mito, do suposto balanço energético desfavorável dos biocombustíveis, é rebatido pelo entrevistado com uma condenação ao álcool de milho. Este produz apenas 1,5 unidade de energia renovável para cada unidade de energia fóssil (petróleo empregado para produzir fertilizantes ou diesel para máquinas, por exemplo). O álcool de cana, por seu turno, rende oito. Vale dizer, o etanol brasileiro é cinco vezes mais eficiente para substituir combustíveis que agravam o aquecimento global.

Por fim, Goldemberg derruba a quarta mistificação, assinalando que apenas 25% da cana mundial está plantada no Brasil. Há canaviais em vários outros países tropicais, como os da América Central e da África, para citar duas regiões com grande potencial de expansão. Uma expansão que só não se materializa mais depressa porque a agricultura menos produtiva dos países ricos precisa de mitos e subsídios para sobreviver no mercado globalizado.

Debate sobre biocombustíveis e alimentos avança na região – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008

É na África, rotineiramente chamada de "a última fronteira agrícola do planeta", que um subproduto da inflação alimentar -a disputa entre os defensores do plantio para biocombustíveis e os que temem seus efeitos- promete ser mais dura. Governos estão divididos, e mesmo uma organização como a ONU tem seus "rachas".

Um dos entusiastas do plantio de fontes alternativas de energia é o mineiro Lucas Assunção, que tem a cada vez mais espinhosa tarefa de afastar dos biocombustíveis a imagem de ser um dos vilões do aumento nos preços dos alimentos, que começou a se formar nos últimos meses.

Coordenador do programa de biocombustíveis da Unctad, o órgão das Nações Unidas que lida com o desenvolvimento, ele vê uma "disputa de mercado" mascarada como preocupação ambiental ou social.

"Esse debate quente é ligado a preocupações ambientais por um lado e por interesse protecionista por outro. É disputa de mercado. Quem tem vende biocombustível e quem não tem fica desesperado", afirma.

Na África, a idéia de produzir biocombustíveis é vendida insistentemente, inclusive pela diplomacia brasileira, como uma alternativa de desenvolvimento mundial. Do outro lado do debate está outro órgão da ONU, o Programa Mundial de Alimentação, que tende a temer, em maior escala, que os biocombustíveis roubem terras que deveriam ser reservadas à produção de alimentos. "Nós alertamos que, o que quer que um país decida sobre biocombustíveis, tenha em mente que mais importante é alimentar sua população", diz Purnima Kashyap, diretora do programa em Zâmbia.

Os governos não estão menos divididos. Na semana passada, o governo de Gana aplaudiu de maneira eufórica a iniciativa do Brasil de abrir no país um escritório da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para explorar, entre outras, as possibilidades locais para produzir biocombustíveis.

Mas um governo como o de Moçambique, por exemplo, é mais cético. "Nossa prioridade, que deixamos bem clara, é combater a fome da população", afirma Victor Bernardo, vice-ministro do Planejamento moçambicano. **(FZ)**

Biocombustível deve ser aliado, diz economista - Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008

Se a ONU (Organização das Nações Unidas) se restringir simplesmente a apoiar a "Revolução Verde" -que preconiza maciços investimentos em tecnologia para aumentar as safras- contra a inflação alimentar, vai cometer um grave engano. O ideal é que agricultura adote sistemas que integrem a produção de alimentos com a de biocombustíveis.

A avaliação é do economista Ignacy Sachs, que ontem deu palestra na USP em ciclo sobre os impactos socioambientais dos biocombustíveis. Professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, Sachs discordou do diagnóstico do suíço Jean Ziegler, relator da ONU para o direito à alimentação, que voltou a apelar pela "suspensão total" da produção de biocombustíveis.

Polônês que estudou no Rio de Janeiro e morou na Índia, Sachs cita o Brasil como exemplo do que pode ser o começo de uma "biocivilização moderna". Neste ano o país terá safras recordes de grãos e também de cana.

Para Sachs, o álcool de milho nos EUA também não é o vilão que pintam. "Os famintos da África estavam com fome antes", afirmou. Segundo ele, as dificuldades no continente têm mais a ver com ajustes econômicos exigidos pelo FMI e pelo Banco Mundial, que "arruinaram a agricultura" de vários países, do que com a preocupação norte-americana em viabilizar uma alternativa ao petróleo caro.

Alemanha deve fechar acordo para compra de álcool – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008

O ministro do Ambiente da Alemanha, Sigmar Gabriel, disse ontem que seu governo deve fechar acordo para permitir a compra de álcool brasileiro antes mesmo da instituição de critérios socioambientais para os biocombustíveis pela UE.

"Será assinado, na visita da chanceler [Angela Merkel, no dia 13], um acordo energético Brasil-Alemanha que estabelece como deve ser feito o uso de biomassa para a produção de biocombustíveis. Se for comprovado que é sustentável, vamos continuar importando álcool", disse Gabriel, após reunião com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva.

Na contramão das críticas internacionais, Gabriel elogiou o programa brasileiro. "Os biocombustíveis aqui no Brasil realmente não estão pressionando a fronteira agrícola ou provocando a substituição de lavouras." O secretário-executivo do ministério, João Paulo Capobianco, disse que o Brasil não vai aceitar a imposição de normas. "Temos leis que impedem ação predatória e legislação trabalhista avançada."

Dilma "lamenta" nova Lei Agrícola norte-americana – Sergio Dávila – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/04/2008

A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, disse "lamentar" a nova Lei Agrícola (farm bill) dos Estados Unidos, que deve reduzir o subsídio ao álcool de milho de US\$ 0,51 para US\$ 0,45 o galão (3,78 litros) e manter a tarifa ao álcool importado do Brasil, de US\$ 0,54 por galão.

"Eu lamento", afirmou a ministra, após encontro com o presidente George W. Bush, ontem em Washington. "Eu esperava uma maior liberalização do mercado, porque é bom que a gente aplique para si o que pede para os outros", disse, referindo-se a exigências feitas pelos EUA na Rodada Doha de liberalização do comércio.

A Lei Agrícola deve ser aprovada nos próximos dias, segundo Collin Peterson, do Partido Democrata, que preside a Comissão de Agricultura da Câmara. Também no Senado foi fechado acordo com o Partido Republicano para aprovar o texto, que deve ser finalizado até a próxima sexta-feira.

Dilma criticou também os que atribuem a alta dos alimentos à atual corrida aos biocombustíveis.

Para Bush, álcool não é o principal motivo para alta dos alimentos – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008

O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, afirmou ontem estar "muito preocupado" com os altos preços dos alimentos, mas disse que o avanço do álcool não é a principal razão para os aumentos.

Segundo ele, o combustível (que nos EUA é feito à base de milho) é responsável por 15% da expansão dos preços desde 2002 -o restante o mandatário atribuiu às condições climáticas, ao aumento da demanda e aos preços de energia.

Os biocombustíveis vêm sendo apontados por várias organizações internacionais como um dos principais fatores para o crescente avanço nos preços dos alimentos, retirando parte do campo que seria utilizado na produção de comida para investimentos em álcool.

No seu discurso na manhã de ontem em Washington, Bush criticou ainda a Lei Agrícola ("farm bill") que está sendo discutida pelo Congresso dos EUA e que deve reduzir marginalmente o subsídio dado ao álcool de milho -além de manter a tarifa para o produto brasileiro.

"Ela fracassa em eliminar os subsídios dados aos fazendeiros multimilionários. A economia agrícola está prosperando, o valor da terra cultivada está subindo rapidamente e este é o momento ideal para reformar as políticas do setor, reduzindo os subsídios desnecessários."

O presidente norte-americano falou ainda que os altos preços da gasolina -motivados pelo aumento na cotação do petróleo nos últimos meses- devem acelerar ainda mais os investimentos para tornar o álcool uma alternativa mais viável economicamente. "A verdade é que é de interesse nacional que os nossos fazendeiros cultivem energia, em vez de comprarmos energia de regiões do mundo que são instáveis ou que não gostam da gente."

Boa parte dos países integrantes da Opep (o cartel responsável por cerca de 40% da produção mundial de petróleo) está concentrada no Oriente Médio em países como a Arábia Saudita (aliado dos EUA) e o Irã -a organização conta ainda com a Venezuela, de Hugo Chávez, com quem os EUA não mantêm boas relações.

O aumento no preço da gasolina é uma das principais preocupações dos consumidores americanos e seu impacto na economia deve influenciar na disputa presidencial deste ano.

Lula rebate críticas da ONU ao etanol - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 17/04/2008

BRASÍLIA e RIO. Após ouvir críticas de todos os lados, nas últimas semanas, contra a produção de biocombustíveis, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva partiu ontem para o ataque, disparando farpas contra as nações desenvolvidas, a ONU e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Chamou os críticos de “palpiteiros” e, em discurso a uma platéia de ministros de 33 países da América Latina e do Caribe, não poupou o relator especial das Nações Unidas, Jean Ziegler, que no início da semana disse que a produção em massa de biocombustíveis é um crime contra a Humanidade.

— O verdadeiro crime contra a Humanidade será descartar a priori os biocombustíveis e relegar os países estrangulados pela falta de alimentos e energia à dependência e à insegurança — disse Lula, na abertura da 30ª Conferência Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

Ele citou os distúrbios causados pela alta de preços dos alimentos em países como o Haiti e enfatizou que se trata de um alerta para que o mundo se empenhe no combate à pobreza.

— É muito fácil alguém ficar sentado num banco da Suíça dando palpite sobre o Brasil ou a África. É importante vir aqui e meter o pé no barro, para saber como é que a gente vive e conhecer o potencial de produção que temos.

O protecionismo dos países ricos, especialmente da União Européia, também foi alvo de críticas do presidente. Ele afirmou que as medidas protecionistas e os subsídios são os grandes responsáveis pelas distorções no comércio, não os biocombustíveis.

Para Lula, são esses países que estão impedindo um acordo na Organização Mundial do Comércio (OMC).

— É com espanto que vejo as pessoas estabelecerem uma relação de causa e efeito entre alimentos e biocombustíveis, e não mencionam os impactos dos preços do petróleo sobre a produção — disse Lula.

— O alimento está caro porque o mundo não estava preparado para ver milhões de chineses, indianos, africanos, brasileiros e latino-americanos comerem três vezes ao dia.

Para a ONG ActionAid, porém, o avanço de biocombustíveis no Brasil concorre com a produção de alimentos e traz risco de retrocesso no combate à fome, “uma das principais conquistas do governo Lula”. Segundo a ONG, o IBGE mostra que, entre 2004 e 2006, houve aumento de 545.562 hectares na área plantada de cana-de-açúcar e redução de 1.349.333 hectares na destinada às outras culturas.

Amorim rebate FMI por crítica a biocombustível - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 19/04/2008

BRASÍLIA e CHICAGO. Em resposta a declarações do diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, de que a produção de biocombustíveis a partir de alimentos cria um “problema moral”, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, afirmou ontem que existe uma discussão equivocada e “simplicista” sobre o impacto dessa prática nos preços dos grãos. Segundo o ministro, em vez de criticar produtos como o etanol e o biodiesel, o Fundo Monetário Internacional (FMI) deveria financiar políticas para esse tipo de energia renovável nos países africanos e latino-americanos mais pobres. As nações

desenvolvidas, acrescentou Amorim, fariam sua parte abrindo seus mercados e reduzindo os subsídios.

À emissora francesa Europe 1, Strauss-Kahn disse que os biocombustíveis obtidos a partir de produtos agrícolas criaram “um verdadeiro problema moral” e que “nas revoltas da fome, o pior, infelizmente, talvez ainda esteja por vir”: — Quando se faz biocombustíveis de produtos agrícolas não usados na alimentação, tudo bem. Mas quando se faz de produtos alimentícios, representa um grave problema moral.

Chanceler responsabiliza Estados Unidos e UE Amorim rebateu: — O exemplo mais claro e nítido que existe de que esse discurso é equivocado é o Brasil.

No Brasil, a produção de etanol aumentou com a produção de alimentos — afirmou o chanceler brasileiro, após a assinatura do documento final da 30ª Conferência Regional das Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). — Se o diretor-geral do FMI e o presidente do Banco Mundial querem dar uma recomendação que realmente melhore a produção de alimentos nesses países, deveriam dizer o seguinte: olha, em vez de reduzir para US\$ 14 bilhões (os subsídios) nos EUA, ou US\$ 20 bilhões na Europa, reduza a zero.

Amorim defendeu o manejo responsável dessas políticas, a melhor distribuição de renda nos países pobres e responsabilizou os países que mais concedem subsídios — União Européia e Estados Unidos — pela atual situação em regiões da África e da América Latina.

— O que impediu o crescimento da produção de alimentos em países africanos, em países sul-americanos, foram os subsídios. Não foi o biocombustível.

Quer dizer, na África, que me conste, não se deixou de produzir alimentos para se passar a produzir biocombustíveis.

Não produziam alimentos e continuam sem produzir alimentos, porque os subsídios da Europa e dos Estados Unidos impedem que isso ocorra — afirmou.

Preços do arroz batem recorde na bolsa de Chicago No caso do Brasil e das nações africanas, afirmou, esses produtos podem, desde que haja manejo adequado, ser uma fonte de riqueza compatível com a produção de alimentos.

Já o diretor-geral da FAO, Jacques Diouf, alertou que os problemas decorrentes da elevação dos preços dos alimentos e a escassez de produtos básicos em países pobres também se devem aos altos valores que precisam ser pagos pelos fertilizantes e defensivos agrícolas.

Hoje, poucas indústrias no mundo produzem esses insumos.

— Se não houver ações imediatas para permitir que os produtores agrícolas tenham acesso a insumos, teremos problemas — disse Diouf, acrescentando que o organismo vem tentando convencer governos e instituições de crédito internacionais a colaborarem com recursos para facilitar a compra de insumos pelos agricultores.

Ontem, os contratos futuros de arroz subiram pelo quinto dia consecutivo, para o recorde US\$ 24,235 por 100 libras-peso (medida usada na comercialização), na Bolsa de Mercados Futuros de Chicago (Cbot).

Lula culpa EUA por crise mundial de alimentos - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 20/04/2008

ACRA (Gana). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou ontem a Gana, onde abrirá a 12ª reunião da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), disposto a conquistar apoio na cruzada pelos biocombustíveis. Em seu primeiro discurso oficial, na sede do governo ganense, o presidente culpou a política americana pela crise dos alimentos básicos e criticou o preconceito dos países mais ricos com os pobres. Segundo Lula, produzir álcool a partir do milho foi um equívoco do governo Bush.

— Não vamos aceitar que os países mais pobres paguem a conta mais uma vez. Estão dizendo que os biocombustíveis são a causa do crescimento dos preços dos alimentos. As políticas de biocombustíveis só têm um equívoco: a decisão americana de produzir álcool do milho — disse Lula.

Mais tarde, em entrevista a jornalistas brasileiros, ele argumentou: — Os Estados Unidos produzem o etanol daquilo que dispõem. Logicamente, eu preferiria que eles não produzissem, mas comprassem do Brasil, que usa a cana-de-açúcar.

Mas ele (Bush) não quer (comprar), ele quer produzir. É um problema dele. Agora, o recomendável é produzir biocombustíveis de produtos que não sejam alimento para a população.

Presidente volta a pedir o fim de subsídios agrícolas Sem citar os acordos firmados com o presidente George W. Bush no Brasil, no ano passado, em torno dos biocombustíveis, o presidente Lula lembrou ainda que teve conversas com governantes europeus e com o próprio Bush sobre o assunto.

— Eu tive a mesma conversa com o Bush (e os governos europeus): até quando eles vão ficar vendo a América Central empobrecida ao lado dos Estados Unidos ricos? Não é muito melhor fazer uma parceria com os países da América Central para produzir o etanol de que eles precisam? — questionou.

Segundo ele, trata-se de uma questão de bom senso.

— Se essas pessoas querem continuar subsidiando seus produtos, sem permitir o acesso dos países pobres ao mercado, nós vamos ter uma parte pobre e outra rica como tivemos no século XX. E eu estou convencido de que o século XXI precisa ser diferente — disse.

Em seu discurso, ao lado do presidente de Gana, John Agyekum Kufour, Lula pediu o apoio dos países africanos em sua defesa dos biocombustíveis e do fim dos subsídios agrícolas. Segundo ele, os países africanos, assim como os latinos e os asiáticos em desenvolvimento, terão que enfrentar uma verdadeira guerra comercial em duas frentes: dentro da OMC (Organização Mundial do Comércio), pela redução dos subsídios agrícolas, e pelo aumento na demanda de consumo alimentar, causada pela própria melhoria da situação econômica desses países: — Nós queremos contar com o apoio do continente africano. No século XXI, os países mais pobres não querem mais ser dependentes de atitudes de benevolência, mas querem ter, sim, acesso à tecnologia, aos financiamentos e produzir para o mundo aquilo que precisa ser produzido.

Lula foi recebido no Aeroporto de Gana com honras militares pelo presidente John Kufuor. Logo depois de seu discurso, no Palácio do Governo, ele assinou vários acordos bilaterais, principalmente na área de agricultura e no controle do vírus da Aids.

País tem travas para produzir mais alimentos – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008

Esperança para reduzir o hiato entre oferta e demanda de comida no mundo, o Brasil enfrenta barreiras: há dívidas de R\$ 87 bilhões no campo e a infra-estrutura é deficiente. Em Gana, na África, o presidente Lula culpou os EUA pela crise de alimentos.

Página 34

No 'celeiro' Brasil, dívidas e falta de logística são retrato da agricultura – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008

BRASÍLIA. O Brasil vive um dilema. É visto como uma esperança para reduzir o hiato entre a oferta e a demanda de alimentos no mundo, mas enfrenta, internamente, um cenário de agricultores endividados e descapitalizados para investir no aumento da produção.

Outro problema que já faz parte da realidade brasileira é a extrema carência de infra-estrutura e logística, que faz com que navios de fertilizantes fiquem até 30 dias parados nos portos, aguardando o desembarço dos produtos.

Esse diagnóstico foi relatado, em fevereiro, a funcionários do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

As autoridades americanas perguntaram como o Brasil poderia contribuir para evitar danos maiores do forte aquecimento da demanda mundial.

E é com base nesses dados que os ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e da Fazenda estão trabalhando, tendo em vista não apenas a aquecida demanda doméstica, mas o impacto, que já vem sendo sentido, da elevação das cotações das commodities agrícolas na inflação.

O superintendente técnico da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Ricardo Cotta, explica que, como o produtor brasileiro estava descapitalizado na época do plantio da safra atual, no segundo semestre de 2007, teve de recorrer a outras fontes, sendo a mais prática a venda antecipada da produção a empresas de trading.

Isso fez com que deixassem de se beneficiar do aumento dos preços das commodities agrícolas. — O produtor não absorveu a integridade desses preços excelentes. Grande parte da safra de soja de Mato Grosso, por exemplo, foi vendida a R\$ 12, R\$ 13 a saca. Hoje o produto custa muito mais. De qualquer forma, ainda há tempo de se recuperar na safra 2008/09 — afirma Cotta.

Em levantamento recente, a CNA concluiu que a venda antecipada da produção de grãos tem sido a saída para a maioria dos produtores rurais endividados.

De 174 agricultores entrevistados, 151 (87%), usam o mecanismo para garantir crédito e continuar produzindo.

— A exaustão de recursos oficiais de crédito rural para o financiamento da safra e o reduzido limite por pessoa para obtenção de crédito fizeram com que os produtores buscassem outras fontes — destaca Luciano Carvalho, assessor técnico da CNA.

Preço do arroz sobe 1% ao dia no mercado externo - Citado sexta-feira pelo diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Jacques Diouf, outro problema são os altos preços dos insumos.

No Brasil, mesmo com o dólar barato, alguns fertilizantes ficaram até 70% mais caros.

— O agricultor brasileiro sofre abusos desse oligopólio mundial de fertilizantes. Algo precisa ser feito — diz o deputado Afonso Hamm (PP-RS), vice-presidente da Comissão de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara.

O parlamentar lembra que está sendo feita uma medida provisória com soluções para o endividamento dos agricultores.

O valor a ser negociado, informou Hamm, é de R\$ 56 bilhões, de um total de R\$ 87 bilhões. Há ainda, sobre a mesa, a redução dos juros nas operações de custeio de 8,75% para 6,75% ao ano e a ampliação do prazo de pagamento para os empréstimos usados em investimentos.

Ao mesmo tempo, algumas medidas estão sendo estudadas para aumentar a produção do país, que tem 200 milhões de hectares que poderiam ser utilizados para o plantio de grãos.

A primeira de uma série de ações nesse sentido foi adotada na semana passada, quando o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, anunciou incentivos para expandir em 25% a safra de trigo, que começa a ser colhida em julho. Um deles é a liberação de R\$ 1,2 bilhão para financiar o plantio.

Outras medidas que deverão ser adotadas nas próximas semanas são o fortalecimento dos estoques reguladores públicos; a abertura de crédito para o plantio de alimentos em áreas degradadas por pastagem; e uma lei disciplinando o plantio de cana-de-açúcar para a produção de etanol.

O Brasil vem sofrendo pressões internacionais por causa das plantações destinadas a biocombustíveis, como o etanol.

Segundo Stephanes, quem critica não conhece a realidade do país. Ele diz que o Brasil consegue produzir cada vez mais para o mercado interno e ainda aumentar exportações: — A questão no Brasil está rigorosamente compatibilizada.

O problema está, principalmente, nos subsídios da Europa e dos EUA, que estão produzindo biocombustíveis a um custo de produção duas a três vezes superior ao brasileiro, e, conseqüentemente, distorcendo o mercado.

Além do trigo, outro produto básico que começa a faltar no mundo é o arroz — cujo preço, segundo Stephanes, está subindo 1% ao dia no mercado externo —, por causa do crescimento do consumo na Ásia. O secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Célio Porto, diz que ainda não houve impacto significativo no preço no mercado interno e os estoques públicos estão em volumes razoáveis.

— Devemos chegar até o fim do ano com estoque de 1,5 milhão de toneladas de arroz e excedente de 500 mil a 700 mil para o exterior — confirma o diretor de Gestão de Estoques da Conab, Rogério Colombini.

Lula afirma que produção de etanol não ameaça a Região Amazônica - Soraya Aggege
– O Globo – Economia – 22/04/2008

ACRA (Gana) e BRASÍLIA. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que a “guerra de informações” em torno dos biocombustíveis e da crise mundial de alimentos sequer começou.

Ontem, durante a reunião da Unctad (Conferência das Nações Unidas pelo Comércio e Desenvolvimento), em Acra, voltou ao assunto. Desta vez, enfatizou: o etanol da cana-de-açúcar não ameaça invadir a Amazônia, não prejudica a produção de alimentos,

reduz a poluição e é “sete vezes mais eficiente” que o etanol à base de milho, produzido nos Estados Unidos.

— A batalha ainda nem começou.

Ainda estamos na fase das estratégias intelectuais, ou seja, dos cientistas. Olha, eu acho que é uma guerra em que o mundo vai ganhar, não é só Brasil.

O Brasil apenas é o espelho mais forte do que pode acontecer com o biodiesel no mundo — disse ele, pouco antes de deixar Gana e retornar ao Brasil, na tarde de ontem. — A produção brasileira não envolve subsídios, não ameaça a Região Amazônica e não reduz o volume de alimentos. Estamos dispostos a compartilhar com a África os conhecimentos que adquirimos.

Lula também aproveitou seu programa semanal de rádio para defender os biocombustíveis.

Falando de Acra, ele disse que o aumento do preço barril de petróleo também provoca alta nos custos dos alimentos.

— É importante também a gente alertar para os efeitos do aumento do petróleo. O aumento do petróleo encarece o transporte, o aumento do petróleo encarece a produção de fertilizante e tudo fica mais caro.

Portanto, nós não aceitamos que haja meia conversa sobre a questão do aumento dos alimentos — afirmou ontem no programa.

No discurso que fez na ONU ontem, Lula voltou a atacar o protecionismo dos países ricos, cobrou as ajudas prometidas e nunca cumpridas e pediu maior empenho do Banco Mundial e do FMI para fomentar o desenvolvimento das regiões mais pobres.

Citou a África como exemplo para cobrar dos ricos.

— Embora tenha 12% da população do mundo, a participação relativa do continente (africano) na riqueza mundial limita-se a 2,2%, e, no caso das exportações, a 2,7% — declarou, explicando que, embora alguns países africanos estejam crescendo a taxas aceleradas, a situação geral é preocupante: — É preocupante observar que poucos países desenvolvidos cumpriram a meta de conceder 0,7% de seu PIB para ajuda oficial ao desenvolvimento — disse, lembrando o acordo de Monterrey, firmado em 2002.

Lula que ampliar comércio com a África Lula citou na Unctad o próprio caso brasileiro. De acordo com o presidente, a produção do etanol possibilitou o ingresso de mais de 1 milhão de pessoas no mercado de trabalho. Além disso, acrescentou, o uso de álcool combustível evitou a emissão de 644 milhões de toneladas de gás carbônico nos últimos 30 anos.

Ele frisou suas pretensões de ampliar o comércio e os projetos de biocombustíveis com a África.

E afirmou que, em Gana, está em andamento um projeto para o plantio de 27 mil hectares de cana para produção de 150 milhões de litros de etanol por ano, destinados ao mercado sueco. A iniciativa, que envolve o setor privado brasileiro e tem apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), possibilitará a produção de 47 megawatts de eletricidade a partir do bagaço de cana.

ONU pode ter estudo sobre o assunto – O Globo – Economia – 22/04/2008

ACRA (Gana). Em sua cruzada em favor dos biocombustíveis, o presidente Lula deixou ontem a África com um trunfo contra o que considera um lobby do petróleo contra o etanol e o biodiesel. Lula aproveitou o encontro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, anteontem à noite, em Acra, para pedir um documento oficial que faça contraponto ao relatório de Jean Ziegler, funcionário da ONU que classificou os biocombustíveis como um “crime contra a humanidade”. Lula conseguiu de Ban Ki-moon a promessa de um possível estudo detalhado sobre as causas da crise mundial dos alimentos. O chanceler Celso Amorim, que esteve na reunião, diz que Lula quer “desfazer mitos”. (S.A.)

O Brasil é parte da solução na crise – John Briscoe – O Globo – Opinião – 24/04/2008

O tema da segurança alimentar e dos biocombustíveis esteve no centro do debate mundial nesta semana, e foi o principal assunto da reunião de primavera do Banco Mundial e do FMI, em Washington. O alerta sobre a forte e duradoura alta nos preços dos alimentos em todo o mundo, e seus possíveis impactos sobre os países mais pobres, é sério.

Há três fatores subjacentes que contribuem para o aumento nos preços dos alimentos em todo o mundo — a disparada nos preços do petróleo e de derivados como fertilizantes, a maior demanda por grãos e carne na Ásia, e o desvio de parte da produção de grãos para a produção de etanol nos países desenvolvidos. Este último efeito levanta um dilema aparente: como obter os benefícios dos biocombustíveis, entre os quais mais segurança energética e menos impactos climáticos e ambientais, sem contribuir para aumentar a pobreza em países já muito pobres? Para o Brasil, esse é um debate de enorme importância. O país ocupa um lugar singular nessa equação.

Com uma excelente base em pesquisa agropecuária e um setor agrícola dinâmico, o Brasil é tanto um dos principais produtores mundiais de biocombustíveis quanto um dos maiores produtores de alimentos.

Além disso, o país tem a maior floresta tropical do mundo, que traz importantes benefícios locais, nacionais e globais.

A resposta brasileira a esse dilema não é nova, e antecede o atual debate, embora isso nem sempre transpareça no calor das discussões. Como ressaltado pelo presidente Robert Zoellick, do Banco Mundial, o programa de etanol do Brasil é muito mais eficiente na redução de emissões de gases de efeito estufa em comparação com outros programas existentes nos países desenvolvidos.

Estudos mostram que o etanol brasileiro é uma solução energética verdadeiramente limpa e viável dos pontos de vista econômico e ambiental.

A experiência brasileira de mais de 30 anos, que possibilitou ao país substituir o equivalente a dois anos da atual produção de petróleo por álcool, não registra impactos significativos sobre produtos alimentares básicos. Apenas a produção de grãos nesses 30 anos cresceu quase 200%, enquanto que a área aumentou menos de 25%. A produtividade fez a diferença. O presidente Lula tem tido um papel fundamental ao esclarecer o debate, trazendo a experiência do país a diversos fóruns internacionais .

A situação é muito diferente com os programas de biocombustíveis dos países desenvolvidos, que necessitam de grandes subsídios e de proteção comercial para se manterem.

Com o crescimento da demanda por alternativas energéticas, associada aos altos preços do petróleo, esses programas desviam produtos alimentares para uso como biocombustível, criando uma alta de preços que é exportada pelos mercados mundiais de commodities e de maneira perversa acaba afetando justamente os países que poderiam suprir esses mercados de forma eficiente e sustentável.

Assim, em vez de ser parte do problema, o Brasil traz em si as soluções, tanto em biocombustíveis quanto em alimentos. O país é líder no mercado de etanol, e está levando o seu conhecimento e experiência para países da África e da Ásia em um exemplo de transferência sul-sul de conhecimentos.

Diversos países em desenvolvimento vêem nos biocombustíveis um caminho para estimular o desenvolvimento rural, criar empregos e poupar divisas com a substituição das importações de petróleo.

Mesmo com um crescimento expressivo da demanda, o aumento da área plantada com cana no Brasil não deve pressionar o setor de alimentos ou o meio ambiente. A cana representa menos de 10% das terras cultivadas (ou menos de 1% da área do país), sendo que a soja e o milho representam mais de 55%. Há ainda 200 milhões de hectares de pastos e áreas abandonadas existentes disponíveis para a expansão dessas culturas, com mínimos impactos ambientais ou substituição de culturas alimentícias.

A forte base científica da Embrapa e outras instituições indica que a maior parte do aumento futuro da produção deve vir do aumento da produtividade, em vez da simples expansão da área cultivada. A agricultura brasileira já é modelo para o mundo — com o crescimento inexorável da demanda por produtos agrícolas, a contribuição brasileira só pode continuar a crescer.

Os países em desenvolvimento, assim como o Brasil, reconhecem que os preços dos alimentos e questões de mudanças climáticas são ameaças globais, e se preocupam com os seus impactos na economia, nos meios de sustento e na qualidade da vida das suas populações.

É preciso que os países ricos compreendam que não haverá solução para o desafio da segurança energética, dos preços dos alimentos e das mudanças climáticas enquanto os pontos de vista e as preocupações dos países em desenvolvimento, e especialmente economias-chave como a brasileira, não forem levados em consideração. O presidente Lula tem corretamente assumido uma liderança global nessas questões. O Banco Mundial é um parceiro próximo do Brasil nesse debate, que está na base de um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável para todos. **JOHN BRISCOE é diretor do Banco Mundial para o Brasil.*

Relator da ONU pede moratória de etanol mas elogia projeto brasileiro - Eliane Oliveira e José Meirelles Passos – O Globo – Economia – 29/04/2008

BRASÍLIA e WASHINGTON. O mesmo relator para Direito à Alimentação da Organização das Nações Unidas (ONU), Jean Ziegler, que pediu ontem a suspensão temporária da produção de biocombustíveis, elogiou, há menos de dez dias, o programa de etanol e biodiesel brasileiro. Em carta encaminhada ao Itamaraty no último dia 21, Ziegler reconheceu que o caso do Brasil é diferente e, por isso, o país não pode ser acusado de usar alimentos para produzir essa fonte de energia.

“O caso brasileiro é realmente específico”, diz um trecho da carta.

A intenção do funcionário da ONU era reparar o que chamou de “mal-entendido”. Ele afirmou que houve má interpretação de um jornal francês a respeito de um relatório que apresentou nos dias 13 e 14 deste mês, em Nova York, sobre o direito à alimentação.

Ziegler também se mostrou preocupado com a resposta dada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a uma declaração sua de que a produção em massa de biocombustíveis seria um crime contra a humanidade.

Na carta, Ziegler disse ter conversado com autoridades brasileiras sobre o programa de biocombustíveis do Brasil. Ele afirmou ter ficado “particularmente impressionado” com os programas sociais elaborados pela Petrobras, para ajudar os pequenos produtores que cultivam mamona e outros frutos de baixo valor de mercado. E citou ainda o fato de o Brasil extrair essencialmente o açúcar da cana, e não de outros alimentos básicos, numa referência indireta a países que utilizam, por exemplo, a beterraba, como os europeus.

Dilma defende etanol a empresários nos EUA Ziegler reafirmou sua posição de que está preocupado com as grandes quantidades de biocombustíveis são produzidas a partir de alimentos. Ele mencionou os Estados Unidos, que vêm usando milho para produzir etanol. Sobre o Brasil, o relator da ONU disse que vê aspectos “fortemente positivos” na estratégia brasileira. Ele finaliza a carta citando a reação de Lula às suas declarações e a defesa da produção dos biocombustíveis em países em desenvolvimento pelo presidente brasileiro. Ziegler pede ao Itamaraty que transmita sua posição a Lula.

Já a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, aproveitou a sua ida à Casa Branca, ontem, onde participou da segunda reunião do Fórum de Altos Executivos de Empresas Brasil-EUA, para fazer uma apaixonada defesa do etanol brasileiro — que, como disse, vem sendo vítima de “afirmações tendenciosas” em todo o mundo, apontado como culpado pelo aumento de preços dos alimentos.

Dilma disse que a culpa, na verdade, é do petróleo: — A participação do etanol na matriz energética internacional de combustíveis deve ser algo próximo do zero. Então o efeito dos combustíveis sobre o alimento se deve ao preço do petróleo.

Isso é um fato — disse ela, após a reunião.

A ministra disse que, na verdade, o que está causando a alta dos alimentos é o impacto do preço dos fertilizantes, da irrigação e do transporte: — Não me consta que os biocombustíveis participem de forma expressiva na matriz energética, na matriz de combustíveis internacional. Eles têm uma participação residual — insistiu a ministra.

Depois de dizer que repetira essa defesa do etanol tanto em sua recente viagem ao Japão, quanto à Coreia e, ontem, nos EUA, ele aproveitou a oportunidade para criticar os países ricos por continuarem subsidiando os seus produtores de alimentos e, no caso dos EUA, também os de etanol (através do milho): — Neste momento em que há toda essa pressão a respeito dos alimentos, é bom que os países desenvolvidos pensem a respeito de todos os mecanismos de proteção que fazem sobre a sua própria agricultura e que impede que a agricultura dos países em desenvolvimento, principalmente dos mais pobres, cresça e se expanda de forma sustentável.

Em Berna, na Suíça, o secretáriogeral da ONU, Ban Kimoon, reuniu as 27 agências internacionais da organização, para alinhar uma posição conjunta contra o aumento dos preços dos alimentos, inclusive a FAO. Na reunião, Ziegler defendeu uma moratória na produção de biocombustíveis.

FT: Brasil é solução óbvia para crise

Jornal diz que tarifas de ricos dificultam exportação

LONDRES. O Brasil é uma solução óbvia, mas esquecida, para a alta global dos preços dos alimentos, afirmou ontem o jornal inglês “Financial Times”. O diário de negócios ressaltou que o país “tem enormes reservas de área cultivável não utilizada, a maior parte usada hoje como pastagem”. O “Times”, no entanto, não deixa de lado o maior entrave à produção agrícola brasileira: “as tarifas proibitivas” de Europa e Estados Unidos.

O jornal chega a dizer que “o Brasil tem sua fatia de culpa” por não divulgar suficientemente sua capacidade de produção e fazer pouco para combater a “histeria sobre a suposta ameaça do etanol à floresta amazônica”.

Mas ressalta que o mundo desenvolvido parece “míope em relação às oportunidades que o Brasil representa”. E cita como exemplo que a adoção de uma criação de gado intensiva liberaria mais área para cultivo, mas irritaria fazendeiros ricos de Europa e EUA: “um preço que, aparentemente, não vale a pena pagar”.

Debate sobre subsídios domina feira agrícola - Daniela Antunes – O Globo – Economia – 29/04/2008

RIBEIRÃO PRETO (SP). O aumento da produção agrícola no país e as críticas ao subsídio concedido a produtores americanos marcaram ontem a abertura da 15ª Agrishow, feira de tecnologia agrícola que acontece em Ribeirão Preto (SP).

Roberto Rodrigues, presidente da feira e ex-ministro da agricultura, e o deputado Arlindo Chinaglia (PT/SP), presidente da Câmara dos Deputados, cobraram uma nova agenda de discussões no âmbito da ONU.

O organismo internacional, na visão de Rodrigues, deve debater a redução do protecionismo à produção agrícola nos países ricos, uma vez que, no Brasil, tanto a produção de etanol quanto a de grãos estão em crescimento.

— No Brasil, a disputa entre a produção de etanol e a de alimentos é um mito — disse.

Perguntado sobre a alta no preço dos alimentos, Rodrigues afirmou que o Brasil “importa inflação”, uma vez que os alimentos são commodities negociadas nas bolsas de valores de todo o mundo.

Especialistas: alta de grãos tem vários culpados – Cassia Almeida – O Globo – Economia – 29/04/2008

Entre eles, a demanda por comida A crise que está fazendo os preços de alimentos dispararem no mundo não tem um só culpado, dizem analistas.

Uma série de razões explicam o cenário. O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco divulgou ontem relatório que mostra alta de 25% no atacado no índice de commodities alimentícias e químicas.

A primeira razão vem da China. Nos últimos dez anos, com crescimento acima de 10% ao ano, mais de 300 milhões de chineses saíram da pobreza. E pobre com mais dinheiro significa mais comida na mesa, diz o presidente do Conselho de Segurança

Alimentar, o economista Renato Maluf. Esse fenômeno se repetiu na Índia e no Brasil. Depois vem o etanol.

Segundo André Debastiani, da Agroconsult, entre 2006 e 2008, cerca de 50 milhões de toneladas de milho foram desviadas para produção de etanol nos EUA.

Para Maluf, há concentração forte no mercado de alimentos em toda a cadeia: nos adubos, fertilizantes e sementes; na produção e na distribuição.

Para ele, os países, sobretudo os latinos, com a globalização, acabaram desmontando “instrumentos” para enfrentar a crise: — Um exemplo são os laticínios.

Chegou-se a pensar em liberar a entrada dos laticínios europeus sem taxaço no Mercosul. O que está defendendo o Brasil da alta internacional dos lácteos são os pequenos produtores, que seriam aniquilados com a entrada maciça do produto europeu. Aqui, a alta limitouse a um terço da subida internacional do preço.

Isso sem contar a alta do petróleo, que afeta a cadeia produtiva (frete e fertilizantes); as mudanças climáticas, que já provocaram três anos de seca na Austrália; a especulação desviada para os alimentos com a crise financeira; e os subsídios de EUA e Europa, que desestimulam a produção em países menores.

Brasil e Alemanha discutem preparativos para a COP-9 e biocombustíveis – Gisele Teixeira e Daniela Mendes - Sítio Eletrônico do MMA – 28/04/2008

Os preparativos para a 9ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP-9), que acontecerá em Bonn, de 19 a 30 de maio, e a produção sustentável de biocombustíveis foram os principais assuntos da reunião entre o ministro do Meio Ambiente, Proteção da Natureza e Segurança Nuclear da Alemanha, Sigmar Gabriel, e a ministra do Meio Ambiente do Brasil, Marina Silva. As duas autoridades mantiveram encontro na manhã desta segunda-feira, em Brasília, acompanhados de seus principais assessores. Foi o primeiro compromisso da agenda oficial de Sigmar Gabriel, que permanece no Brasil até a próxima-sexta-feira.

Durante a reunião, o ministro solicitou à Marina Silva que o Brasil ajude a Alemanha na força-tarefa para fazer avançar a negociação de um regime internacional sobre acesso e repartição de benefícios (ABS) durante a COP-9.

O Brasil preside a Conferência desde a COP-8, em Curitiba, em 2006. A partir de maio a Alemanha assumirá o posto pelos próximos dois anos. O regime, que deverá estar pronto até 2010, é considerado contribuição fundamental para a implementação do terceiro objetivo da Convenção - repartição de benefícios derivados do uso dos recursos genéticos. "Temos apenas dois anos para fazer cumprir uma decisão tomada há 15 anos", destacou o ministro, defendendo que os países desenvolvidos paguem pelo uso dos recursos naturais utilizados.

A ministra Marina Silva disse que a adoção do regime é um dos principais instrumentos para conter o desmatamento no Brasil, por valorizar a floresta em pé. Ela destacou a importância das comunidades tradicionais e anunciou que o Brasil está transformando projetos-piloto nesta área em políticas públicas. Segundo a ministra, o

Programa de Apoio às Comunidades Tradicionais, que tinha dotação inicial de US\$ 200 milhões para os próximos 12 anos, deve contar agora com US\$ 1,5 bilhão para o mesmo período.

A inclusão de critérios de sustentabilidade na produção de biocombustíveis também foi abordada pelos dois ministros. Sigmar Gabriel disse que a adoção de uma certificação, a exemplo do que já acontece para a madeira, seria uma forma de valorizar e diferenciar a produção sustentável, que não pressiona a floresta e não compete com a produção de alimentos.

"Nós já adotamos critérios ambientais e socialmente corretos de produção. O que temos de fazer é torná-los públicos para nossos parceiros", afirmou Marina.

Marina Silva destacou que o programa brasileiro de biocombustíveis é consequência de investimentos em tecnologia, e representa um esforço importante para as ações de mitigação das mudanças climáticas e de inclusão social. Ela ressaltou que o Brasil possui 300 milhões de hectares de área agricultável, mas que utiliza apenas 1% para a produção de biocombustível. "Não se pode enfrentar novos desafios com velhas práticas. Com a Embrapa e outras empresas, podemos dobrar nossa capacidade de produção sem derrubar uma árvore sequer", acrescentou.

O ministro alemão anunciou que, durante a visita da chanceler Angela Merkel ao Brasil, será assinado um acordo na área energética entre os dois países e negou que a alteração aplicada pela Alemanha na porcentagem de etanol brasileiro adicionado ao combustível fóssil alemão tenha sido uma restrição ao etanol nacional. Acordo entre os dois países prevê o acréscimo de 10% de etanol no combustível alemão. "Isso ocorreu porque a frota dos veículos mais antigos da Alemanha, de fabricação francesa e italiana, não comporta essa mistura", explicou. Gabriel destacou, porém, que a previsão é que a Alemanha irá se enquadrar até 2020.

Há mais de 42 anos, Brasil e Alemanha atuam conjuntamente na área de cooperação para o desenvolvimento. Atualmente, a Alemanha é o segundo maior doador bilateral para cooperação com o Brasil, atrás do Japão. O governo alemão destaca-se por ser o maior doador do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7), que vem financiando projetos na Amazônia e na Mata Atlântica, nos últimos doze anos.

Sigmar Gabriel irá cumprir uma extensa agenda na área ambiental no Brasil. Nesta segunda-feira, além de reunião com a equipe de secretários do Ministério do Meio Ambiente, ele manteve agenda no Itamaraty e visitou o Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção à Amazônia (Censipam). A partir de terça-feira, o ministro segue para Santarém, Belém e São Paulo. Estão previstas visitas à Floresta Nacional do Tapajós e à Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, entre outros compromissos.

Desmatamento - À tarde o ministro alemão visitou o Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam). Ele assistiu a uma demonstração dos sistemas utilizados pelo centro para monitoramento do desmatamento na Amazônia e teve

acesso aos dados mais recentes das ações do governo federal nas principais áreas de desmatamento da Amazônia Legal.

O secretário-executivo do MMA, João Paulo Capobianco, explicou ao ministro as ações adotadas pelo governo desde dezembro do ano passado, quando foi detectado um aumento no desmatamento em 36 municípios da Amazônia Legal. Como medida, ele citou a proibição de qualquer tipo de desmatamento nesses municípios, a obrigatoriedade de cadastramento de todos os proprietários rurais dessas regiões, a proibição de crédito público e privado àqueles que desmatem ilegalmente ou não se cadastrarem e a proibição de qualquer tipo de produção em áreas consideradas irregulares.

Para Capobianco, o desafio maior está ligado à mudança no modelo econômico. Nosso desafio não é apenas comando e controle. O nosso grande desafio é uma mudança no modelo econômico na região com novas atividades produtivas que se beneficiem da floresta em pé, afirmou.

O ministro alemão elogiou a tecnologia empregada pelo Brasil e a integração de esforços entre as várias áreas de governo para evitar o desmatamento. Segundo Sigmar Gabriel, o país deve se orgulhar das conquistas alcançadas nos últimos anos. Ele disse acreditar ser fundamental a oferta de alternativas econômicas àqueles que pretendem trabalhar de forma regular na exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Secretário garante sustentabilidade do etanol a parlamentares europeus – Suele Gusmão - Sítio Eletrônico do MMA – 28/04/2008

O secretário de Extrativismo e Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, Egon Krakhecke, garantiu à delegação da Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Parlamento Europeu, em visita ao MMA nesta segunda-feira (28), que a produção brasileira do etanol, derivado da cana-de-açúcar, é ambiental e socialmente sustentável e que não afeta a produção de alimentos. Krakhecke falou para um grupo de políticos da Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Irlanda, Itália e Alemanha, representantes de legendas como o Partido Popular Europeu, Partido Socialista Europeu, Grupo da Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa e Grupo Parlamentar dos Verdes e Aliança Livre. O grupo está em visita ao Brasil para cumprir uma agenda de assuntos de interesses comuns entre a Europa e o Brasil.

Egon Krakhecke iniciou sua apresentação informando que o Brasil tem uma matriz energética composta de 45% de energia renovável. Ele lembrou aos parlamentares europeus que a produção do bioetanol não é um tema novo no Brasil e que as primeiras experiências com sua produção têm mais de 100 anos. O secretário fez um histórico sobre o uso do biocombustível na mistura com a gasolina, afirmando que hoje cerca de 90% dos automóveis fabricados no País são da modalidade flex, não importando a proporção.

Para responder a uma questão levantada por Neil Parish, do Partido Popular Europeu, Krakhecke informou que para evitar a competição entre a plantação de cana-de-açúcar e a produção de alimentos, o governo brasileiro vem realizando o zoneamento agroecológico nas regiões, com o objetivo de indicar onde pode ser produzido o etanol e onde não é permitido. Entre os locais excluídos para a atividade, o secretário listou a Amazônia, o Pantanal e as áreas consideradas prioritárias para a proteção da biodiversidade. Além do zoneamento, Egon disse que os incentivos estão direcionados para o uso das terras abertas, excluindo novas áreas. Ele informou ainda sobre a adoção do Selo Social, explicando que para se habilitarem ao selo, os produtores de biodiesel precisam provar que um percentual da produção provém da agricultura familiar. Segundo ele, no Nordeste a exigência é de 50%.

A fim de situar os parlamentares europeus com relação à grandeza do Brasil, Krakhecke disse que a Europa trabalha com escassez de terra para a agricultura. "Dos 800 milhões de hectares de terras do Brasil, 60% é composto por florestas e áreas protegidas. Os restantes 40% são aptos à agricultura", disse. Segundo ele, restam ainda 80 milhões de hectares para serem utilizados. "O Brasil tem outra dimensão, outra escala, sem necessidade de avançar sobre a Amazônia para a produção de cana-de-açúcar", informou.

De acordo com o secretário, as restrições da Europa com relação ao etanol proveniente da cana-de-açúcar são influenciadas pelo etanol proveniente de outras matérias-primas. Mas o secretário lembrou que com relação às emissões de CO₂, o etanol de cana-de-açúcar leva ampla vantagem sobre os outros combustíveis. "As emissões evitadas pelo etanol da cana são, em média, de 80% mais baixas do que a gasolina", justificou.

Brasil rechaça críticas e tenta jogar o foco no etanol de cana – Valor Econômico – Agronegócios – 16/04/2008

Sob uma saraivada de críticas, alertas, estudos sombrios e projeções catastróficas, a cadeia brasileira do agronegócio tenta se articular para rebater as acusações de que os biocombustíveis produzidos no país (etanol e biodiesel à base de oleaginosas) não são responsáveis pela inflação global dos alimentos.

Missões de produtores agrícolas, empresários e governo ao exterior e ações setoriais de esclarecimento estão entre os instrumentos de defesa escolhidos, e quase todos os dias porta-vozes rurais representativos estão na mídia com argumentos contrários à pressão.

Ontem, Gilman Viana Rodrigues, cacique da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Secretário da Agricultura de Minas Gerais, disse que não há fundamento para sustentar que os biocombustíveis causam escassez e alta dos alimentos. Para ele, este discurso é feito por críticos do governo dos EUA, que criou um programa de etanol de milho, mas não se aplica ao Brasil, cujo foco está na cana. A alta dos alimentos decorre principalmente "do aumento do poder de consumo".

Pacto EUA-Brasil no etanol perde fôlego - Raquel Landim – Valor Econômico –
Agronegócios - 29/04/2008

Na semana passada, produtores de milho de nove Estados americanos estiveram no Brasil visitando fazendas de cana e usinas de etanol. O mais poderoso lobby agrícola dos EUA veio ao país em busca de ajuda. Em reuniões com agricultores brasileiros, os americanos reclamaram que sua indústria de etanol está sob fogo cerrado e queriam saber como Brasil e EUA podiam trabalhar juntos para defender o combustível. A resposta dos brasileiros foi uma polida promessa de apoio, mas nada concreto.

Está em xeque a aliança entre os dois países, os maiores produtores globais, para promover o etanol. Com o combustível na mira dos críticos por colaborar para a alta dos alimentos e por não ser tão eficiente assim no combate ao aquecimento global, o Brasil tenta se livrar do aliado inconveniente. Governo e usineiros encaram um dilema desconfortável: atacar o etanol de milho para que a opinião pública entenda quem é o verdadeiro vilão ou manter os EUA como parceiro estratégico - e necessário - para a criação de um mercado mundial para o combustível.

"Da forma como foi negociada, a parceria hoje enfrenta sérias restrições", diz Roberto Giannetti da Fonseca, diretor de Departamento de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). "Quanto mais depressa acabar, melhor. A parceria foi um erro do Brasil", afirma Rubens Ricupero, ex-secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) e diretor da Faculdade de Economia da Fundação Armado Álvares Penteado (Faap).

Gianetti avalia que é hora de o Brasil esclarecer para a opinião pública internacional as diferenças entre o "ethacorn" e o "ethacane". Segundo ele, o combustível oriundo da cana tem vantagens, como o dobro do rendimento e maior seqüestro de carbono da atmosfera. Mais importante, observa o representante da indústria paulista, é que é do "ethacorn", e não do "ethacane", a culpa pelo aumento do preço dos grãos (ver matéria abaixo). "As indústrias de alimentos e de petróleo, que tiveram seus interesses prejudicados, jogam tudo em uma vala comum, mas são produtos totalmente diferentes".

A cooperação entre Brasil e EUA foi selada em uma visita do presidente George W. Bush ao país em março de 2007. Foi em uma ensolarada manhã de sexta-feira que os presidentes Lula e Bush assistiram a uma exposição sobre as vantagens do motor "flex", que funciona a álcool e a gasolina. Os dois estavam sem terno e gravata, usavam capacetes da Petrobras e eram só sorrisos durante o tour por uma subsidiária da estatal em São Paulo. Lula e Bush se comprometeram a promover o etanol com os nobres objetivos de reduzir a dependência do petróleo e gerar renda sobretudo nos países pobres.

Para Ricupero, os americanos fizeram uma "jogada de mestre", porque se beneficiaram da imagem positiva do etanol do Brasil sem oferecer nada em troca, enquanto os brasileiros "cometeram um erro tático". Ele ressalta que o equívoco é do governo e da iniciativa privada. Os usineiros acreditaram que a disseminação do etanol no maior mercado do mundo ajudaria a criar uma demanda global, viabilizando as exportações. Para atingir esse objetivo, não interessava a matéria-prima do etanol ou os incentivos destinados à produção, como subsídios e tarifas de importação. Já o governo enxergou nos biocombustíveis uma oportunidade de cooperação de igual para igual com os EUA.

Em seus discursos, Lula adotou uma estratégia agressiva para diferenciar o etanol de milho do de cana. Em recente visita a Gana, o presidente brasileiro defendeu que produtos que servem como alimento não devem ser usados para fazer combustível. "As políticas de

biocombustíveis só têm um equívoco, que é a decisão americana de produzir álcool do milho", disse.

Apesar das declarações de Lula, o Itamaraty diz que o ataque global ao etanol não afeta a parceria com os EUA e que o presidente não criticou os americanos, mas defendeu o etanol brasileiro. Segundo o chefe do departamento de energia do Itamaraty, André Lago, o diálogo com os EUA segue "excelente" e "fluído" em promoção em terceiros países, cooperação tecnológica, padronização e sustentabilidade. "Da mesma forma que os EUA não discutem comércio, não é o Brasil que vai dizer o que fazer com o etanol de milho", diz.

A indústria brasileira de açúcar e álcool mantém-se cautelosa no posicionamento oficial e já recebe críticas de fatias do empresariado nacional por sua postura retraída. A assessora internacional da União da Indústria Canavieira de São Paulo (Unica), Géraldine Kutas, negou que os ataques ao etanol afetem a parceria com os EUA, por ser ela limitada à transferência de tecnologia. Géraldine enumerou as vantagens do etanol de cana, mas não responsabilizou o etanol de milho pela alta dos alimentos. "Achamos que um amplo conjunto de fatores provocou esse fenômeno", diz, citando os preços do petróleo, o aumento das demandas chinesa e indiana, a quebra da safra na Austrália e a especulação financeira pós-crise nos EUA.

Gary Hufbauer, economista sênior do Instituto Internacional de Economia (IIE), sediado em Washington, diz que a parceria entre Brasil e EUA para o etanol foi "decepcionante" desde o início pela falta de substância e que, por isso, não "foi levada muito a sério". Ele avalia que o próximo presidente americano estará sob pressão para amenizar a inflação dos alimentos, o que pode significar uma revisão da base de produção do etanol ou a abertura do mercado para o produto importado. Hufbauer frisa, porém, que o lobby agrícola do milho - que já construiu uma indústria em torno dos biocombustíveis - é muito poderoso no Congresso.

Alexandre Mendonça de Barros, da MB Agro e do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é ainda mais pessimista em relação ao futuro do etanol como commodity global, independentemente da matéria-prima utilizada para produzi-lo. Ele entende que até 2009 os EUA seguirão com um discurso firme em favor do etanol de milho, mas depois disso o programa dependerá dos indicadores inflacionários, e hoje não há sinais de que eles estarão em patamares confortáveis.

Sem a influência de Washington, é difícil imaginar a "commoditização" do etanol, até porque os ataques contrários ao produto partem da Europa, que aposta suas fichas no biodiesel à base de canola. Para os produtores brasileiros, que têm no mercado interno demanda suficiente para sustentar as dezenas de novas usinas em construção, não seria o fim do mundo, ainda que um mercado sem fronteiras fosse muito mais interessante.
(Colaborou Fernando Lopes)

Cartilha da UE para importar ameaça as vendas brasileiras - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 29/04/2008

O Brasil pode ser especialmente afetado por dois dos critérios de sustentabilidade que a União Européia (UE) planeja impor nas importações de biocombustíveis, avaliam analistas na Europa.

O primeiro é a relação entre produção e preços dos alimentos. Bruxelas estuda exigir que os exportadores respeitem o "critério social" de produzir sem provocar a alta dos custos da comida.

Dependendo da interpretação que for dada a esse critério - ainda mais durante uma crise alimentar -, analistas vêem o risco de "desmonte" do objetivo europeu para os biocombustíveis representarem até 10% do combustível usado em transporte na Europa por volta de 2020. Isso afetaria os biocombustíveis ainda mais globalmente, e não apenas no velho continente.

O segundo critério com maior efeito sobre o Brasil trata do uso indireto de terras na produção de biocombustível. A idéia é de que a produção de etanol no Nordeste brasileiro, por exemplo, escasseie a terra na região para produzir alimentos e faz agricultores se deslocarem e desmatarem mais a Amazônia.

Assim, o cálculo da eficiência ambiental do etanol importado do Brasil teria que incluir o volume de emissões de gases de efeito estufa no desmatamento da Amazônia, mesmo se não foi para produzir biocombustível.

Se esse critério for aceito, o etanol brasileiro não atenderá às exigências de Bruxelas de redução básica dos gases de efeito estufa na comparação com a gasolina.

A Comissão Européia, o braço executivo da UE, quer que o biocombustível garanta uma redução mínima de 35% dos gases, e o Parlamento Europeu, de 50%.

Estudos mostram que o etanol brasileiro permite redução de emissões por volta de 90%. Mas o número cai "assustadoramente", bem abaixo de 30%, quando se contabiliza o uso indireto de terra por causa do etanol, numa contabilidade usada em estudo encomendado pelo Ministério de Meio Ambiente da Alemanha, segundo fontes que tiveram acesso ao documento.

O Conselho europeu (que reúne os representantes dos 27 países membros), a Comissão Européia e o Parlamento Europeu esperam chegar a um acordo em maio sobre a diretiva final.

As três instituições estão de acordo, em todo caso, que o etanol sustentável ambientalmente não poderá ser obtido a partir de matérias-primas cultivadas em áreas úmidas ou de florestas, e que deve haver provas de eficiência energética na produção, defesa da biodiversidade e certificação, entre outras medidas.

O país que importar etanol com o selo ambiental terá incentivo - uma tarifa menor, por exemplo - e poderá contabilizar essa importação no cumprimento de suas metas de redução dos gases de efeito-estufa.

Um grupo de 11 países em desenvolvimento - incluindo o Brasil - alertou recentemente a União Européia para evitar barreiras disfarçadas ao comércio.

Mas Bruxelas retrucou que respeitará as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) porque não proibirá a entrada de etanol. Qualquer país poderá importar biocombustível sem garantia de sustentabilidade social e ambiental - só que não terá incentivos e nem poderá usar essa importação para cumprir suas metas ambientais. Na prática, como as tarifas são elevadas, a importação de etanol sem selo ambiental será inviável na Europa.

Milho é considerado o vilão da alta de preços – Valor Econômico – agronegócios -
29/04/2008

Governo e usineiros enumeram uma série de argumentos para comprovar a "inocência" do etanol de cana do Brasil e a "culpa" do etanol de milho dos Estados Unidos na alta dos preços dos alimentos. Também querem provar que o etanol de cana contribuiu mais para evitar o aquecimento do planeta.

De acordo com estudo do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône), elaborado a pedido do Valor, três aspectos comprovam as vantagens do etanol brasileiro: evolução da área plantada, alta dos preços em relação ao petróleo, e a emissão evitada de carbono.

A área de milho nos EUA saiu de 32,2 milhões de hectares em 2000 para 34,8 milhões em 2008, alta média de 1,6% ao ano. É a única cultura com tendência de crescimento e o etanol é a principal causa. O consumo do combustível à base de milho subiu de 20,35 bilhões de litros em 2006 para 25,9 bilhões em 2007, segundo a Associação dos Combustíveis Renováveis (RFA, da sigla em inglês). A capacidade produtiva dos americanos saltou de 16,4 bilhões de litros em janeiro de 2006 para 20,79 bilhões em janeiro de 2007 e 27,36 bilhões em janeiro deste ano.

Como não é possível aumentar a área plantada nos EUA, o milho tomou espaço de outras culturas. Entre 2000 e 2008, as áreas de soja, algodão e arroz recuaram, respectivamente, 0,7%, 4,7% e 1,8%. Em 2008, ocorreu uma inversão, porque os preços da soja dispararam e surgiram dúvidas sobre a viabilidade do etanol de milho. A área do milho nos EUA caiu de 37,9 milhões de hectares em 2007 para 34,8 milhões. Já a área plantada de soja subiu de 25,7 milhões de hectares em 2007 para 30,3 milhões este ano, conforme o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA).

Os agricultores brasileiros plantaram 2,4 milhões de hectares de cana-de-açúcar e 7,6 milhões de hectares de grãos a mais, ao mesmo tempo, entre 2000 e 2008, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A soja puxou o aumento dos grãos, respondendo à demanda asiática. O incremento médio anual no Brasil foi de 6,6% na soja e 5% na cana entre 2000 e 2008. Por conta da concorrência da soja, a área de milho (safra de verão) caiu 0,7%, mas a "safrinha" subiu 7%, evitando a escassez do grão.

Na Europa, o cenário é o mesmo que nos EUA. A área plantada de canola - commodity destinada à fabricação de biocombustível - cresceu 3,8% entre 2000 e 2008. Segundo o USDA, os 27 países da UE tiveram queda anual de 0,7% na área de cevada, 1,1% na área de milho e 1% na área de sorgo.

Toda essa "movimentação" no campo provocou explosão dos preços. As cotações do milho subiram 224% entre 2005 (quando o consumo de biocombustível nos EUA explodiu) e 2008. No mesmo período, a valorização chegou a 254% no óleo de soja, 294% no óleo de palma e 213% no óleo de canola. Os do açúcar subiram menos, 126% - a Índia teve quebra de safra, depois investiu mais na cana.

Para André Nassar, diretor-executivo do Icône, é "natural" que os preços dos alimentos sigam de perto os do petróleo. O combustível fóssil é determinante nos custos da agricultura desde a gasolina utilizada nos tratores até os fertilizantes. "O problema é que os alimentos estão mais caros", diz. Entre 2000 e 2008, o petróleo subiu 179%. Nassar atribuiu esse fenômeno aos biocombustíveis e calcula sobrevalorização comparado ao petróleo de

25% no milho, 42% no óleo de soja, 64% no óleo de palma e 19% no óleo de canola. No açúcar, houve desvalorização de 29%.

Outro argumento do Brasil é que a cana possui um balanço energético melhor. No etanol de cana, são geradas 8 unidades de energia para cada unidade de energia gasta de petróleo na produção. No milho, essa relação é de 1,5. A cana é mais eficiente porque o funcionamento da usina é feito com base no bagaço; no etanol de milho gasta-se bastante petróleo.

Essa diferença tem forte impacto na emissão evitada de gás carbônico, se a conta é feita considerando toda a cadeia de produção. Ao se substituir o petróleo pelo etanol de cana, a emissão evitada de CO₂ é de 80%. No milho, está em apenas 35%. Se for incluído na conta o desmatamento de florestas, o resultado se torna desfavorável ao país.

A discussão é polêmica. Os agricultores brasileiros dizem que a cana não avança em área de floresta, mas nas pastagens. As organizações não-governamentais rebatem que o efeito é indireto, porque as pastagens expulsas pela cana vão para a floresta. Os usineiros argumentam que a devastação da Amazônia não tem nada a ver com a cana e é provocada por outros fatores como extração de madeira e demanda por soja. (RL)

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária

Diva de Faria

oppa Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



NEAD

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

